



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA EICOS – Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social

MASCULINIDADES:

POSICIONAMENTOS DOS HOMENS NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

Rafael Luiz Marques de Abreu

Rio de Janeiro
Maio de 2013

Rafael Luiz Marques de Abreu

MASCULINIDADES:

POSICIONAMENTOS DOS HOMENS NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Leila Sanches de Almeida

Rio de Janeiro
Maio de 2013

Masculinidades: posicionamentos dos homens nas relações conjugais.

Rafael Luiz Marques de Abreu

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários a obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Aprovada por:

Profª. Leila Sanches de Almeida – Doutora em Ciências Médicas (USP) - Orientadora

Profª. Maria Lucia Rocha Coutinho – Doutora em Psicologia (PUC-RJ)

Profª. Andréa Seixas Magalhães – Doutora em Psicologia (PUC-RJ)

Rio de Janeiro
2013

Marques de Abreu, Rafael Luiz.

Masculinidades: posicionamentos dos homens nas relações conjugais / Rafael Luiz Marques de Abreu. Rio de Janeiro: UFRJ/EICOS, 2013.

ix, 124f.; 2,5 cm

Orientadora: Leila Sanches de Almeida.

Dissertação (mestrado) – UFRJ/EICOS/Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2013.

Referências Bibliográficas: f.113-120.

1. Masculinidades. 2. Conjugalidades. 3. Posicionamento. 4. Significações. 5. Subjetividade. I. Almeida, Leila Sanches de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. III. Masculinidades: posicionamentos dos homens nas relações conjugais.

Agradecimentos:

A Deus, por estar comigo em todos os momentos, me ajudando a encontrar a calma e a paciência necessários para a conclusão de mais essa jornada.

Aos meus pais, Graça e Edgard, por sempre me apoiarem em minhas decisões e por serem fundamentais na minha trajetória como ser humano.

À minha namorada Ludmila, que esteve ao meu lado, me apoiando e compreendendo os momentos de abdicção da minha companhia para que eu concluísse a tarefa.

À minha orientadora, Prof. Leila Sanches de Almeida, por toda dedicação e paciência nesse empreendimento conjunto que traçamos.

À Professora Andréa Seixas Magalhães, suas valiosas contribuições no Exame de Qualificação e a oportunidade de poder contar novamente com sua presença em minha Banca Examinadora.

À Professora Maria Lúcia Rocha-Coutinho, a disponibilidade para participar de minha Banca Examinadora.

Ao Ricardo Xavier, secretário do Programa EICOS, pelas orientações e apoio ao longo do curso.

Aos meus amigos, que também souberam compreender minha ausência dos compromissos sociais durante o período de conclusão do Mestrado.

RESUMO:

ABREU, R. L. M. Masculinidades: Posicionamentos dos homens nas relações conjugais. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia social). Rio de Janeiro: EICOS / UFRJ, 2013.

O contexto social contemporâneo apresenta novos modelos de organização familiar e de arranjos conjugais. Transformações culturais, sociais e econômicas se refletem nas relações conjugais, em suas representações e práticas. Consequentemente, grande parte das expectativas e demandas dirigidas aos parceiros nas relações conjugais também mudaram, por fatores diversos, como o trabalho feminino, a separação sexualidade-reprodução, entre outros. Este estudo de casos, baseado na abordagem de González Rey sobre a Subjetividade teve como objetivo compreender o discurso de quatro homens (25-40 anos) que coabitam com suas parceiras sobre as posições que ocupam e que lhes são atribuídas na relação conjugal. A análise de conteúdo das entrevistas realizadas mostrou que todos consideraram que cabe ao homem, na relação conjugal, ser o provedor. É permitido à mulher trabalhar, o que lhe proporciona bem-estar, mas a contribuição financeira masculina deve ser decisiva. A representação do homem como provedor continua fortemente associada à subjetividade masculina, provavelmente pelo poder que concede aos homens na relação. A infidelidade masculina permanece como culturalmente permitida, é um comportamento à parte da relação conjugal. A coabitação significa o aprofundamento da relação, sem a solidez do casamento. É um espaço de experimentação. Representa também uma abertura a novos valores, não sua predominância. De um modo geral, os participantes disseram que as mulheres buscam relacionar-se com um homem provedor, companheiro e romântico.

Palavras-chave: masculinidades, conjugalidades, posicionamento, significações, subjetividade.

ABREU, R. L. M. Masculinities: men's positioning in conjugal relationships. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia social). Rio de Janeiro: EICOS / UFRJ, 2013.

ABSTRACT:

Nowadays, we can see new patterns of family organization and conjugal arrangements. Cultural, social and economical changes are reflected in conjugal relationships, in their practices, and representations. Consequently, a significant part of the expectations and demands directed to the partners involved in those conjugal relations have also changed due to different factors, such as female work, the split of sexuality and reproduction, among others. The purpose of this case study, based on Gonzalez Rey's approach to subjectivity, was to understand the discourse of four men (25-40 years old), who cohabit with their partners, about the positions they occupy and the ones assigned to them in the relationship. The content analysis of the interviews showed that the participants considered that it is the man's role to be the provider. Women are allowed to work, which gives them a sense of well-being; however, men's financial contribution has to be decisive. Man's representation as the provider is still strongly related to his subjectivity, possibly because of the power granted him by this position. Thus, man's infidelity continues to be culturally permitted and dissociated from conjugal relations. As to cohabitation, it means the intensification of a relationship without the solidity of marriage, and it is, initially, a time for experimentation. It represents the acceptance of new values, but not their predominance. In general, the participants stated that women expect to set a relationship with a man who is, at the same time, a provider, a companion, and a romantic person.

Keywords: masculinity, conjugality, positioning, meanings, subjectivity.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Introdução | 1 |
| 1 – A Subjetividade e a Rede de Significações | 8 |
| 1.1 – Subjetividade individual e social | 8 |
| 1.2 – A Rede de Significações | 12 |
| 2 – Família, conjugalidade e relações afetivas contemporâneas | 15 |
| 2.1 – Alguns tipos de conjugalidades contemporâneas | 21 |
| 3 – O termo Masculinidades e suas implicações | 30 |
| 4 – Metodologia do estudo | 38 |
| 4.1 – Participantes, contexto do estudo e procedimentos..... | 38 |
| 5 – Os casos estudados | 41 |
| 5.1 – Caso I: Marcos | 41 |
| 5.2 – Caso II: Gilberto | 53 |
| 5.3 – Caso III: Tiago | 72 |
| 5.4 – Caso IV: Bruno | 87 |
| 6 – Discussão dos resultados | 104 |
| Considerações finais | 111 |
| Referências bibliográficas..... | 113 |
| Apêndices | 121 |
| Apêndice 1 | 122 |

Apêndice 2 123

Introdução

Historicamente em nossa sociedade, os papéis sociais de gênero foram configurados predominantemente como o homem provedor, que trabalha fora de casa para sustentar a família, e a mulher submissa, obediente ao marido, dedicada exclusivamente aos afazeres domésticos e à criação dos filhos. Essa definição tem desdobramentos que se refletem em comportamentos específicos de homens e mulheres, em expectativas de comportamentos, na forma de se relacionarem uns com os outros e até mesmo no modo como cada um se posiciona na sociedade. Uma visão de mundo predominantemente patriarcal é em grande parte responsável por essas configurações sociais e subjetivas.

Contudo, não é novidade que, desde meados do século XX até os dias atuais, a visão de papéis sociais bem definidos vem se alterando em larga escala. Após o surgimento de processos sociais, tais como a revolução sexual e a emancipação feminina, grande parcela de mulheres da classe média e alta buscaram ingressar no mercado de trabalho, até então, um ambiente predominantemente masculino.

Apesar de não ser o foco do presente estudo, tais mudanças sociais tiveram maior influência, de fato, nas mulheres de classe média e alta. No Brasil, as mulheres de classes mais baixas possuem um histórico de trabalho fora do ambiente doméstico desde, pelo menos, o início do século XX (ALMEIDA, 2012). Muitas vezes, estas mulheres que têm filhos pequenos dividem o seu cuidado com familiares, irmãos mais velhos ou até mesmo entre vizinhos (ALMEIDA, 2007; AMAZONAS et al, 2003; SARTI, 1995). Contudo, as mulheres em geral, independentemente da classe social, permanecem sentindo-se culpadas por não poderem cuidar em tempo integral de seus filhos (ALMEIDA, 2007).

Com ou sem filhos, muitas mulheres deixaram de se vincular apenas ao lar (ROCHA-COUTINHO, 2003) – apesar de atualmente um número crescente de profissionais optar por

abdicar do trabalho para se dedicarem à família (ROCHA-COUTINHO, 2009). Essas transformações sociais, segundo Giddens (1993), repercutem em mudanças no amor, no casamento e na sexualidade, bem como na intimidade e na vida pessoal dos indivíduos. Podemos dizer que afetam as relações afetivo-sexuais e, até mesmo, as conjugais.

Giddens (ibid.) fala sobre um “relacionamento puro”, em que as pessoas não mais se relacionam amorosamente visando apenas os interesses das famílias envolvidas, como nome, posição social ou até mesmo por fatores financeiros. Uma nova forma de se relacionar se apresenta através dos casais que buscam parcerias afetivas, assim como o bem-estar compartilhado através do companheirismo mútuo. Para Bauman (2004), os casais passaram a buscar relações amorosas baseados primordialmente em partilha de afetos, ideias e responsabilidades, que ocorre sem a preocupação com uma perspectiva de continuidade definitiva do relacionamento. Para Bauman, o “amor líquido” se configura por vínculos afetivos baseados na paixão, no afeto, no companheirismo e no sentimento compartilhado mutuamente, mas que pode ser mutável e transitório. Não há a necessidade de permanência eterna em um relacionamento amoroso quando um dos polos da relação, ou ambos, não mais desejam a sua manutenção, seguindo em busca de outras pessoas que tragam a sensação do novo, em detrimento da rotina e da morosidade dos relacionamentos longos.

As novas formas de homens e mulheres se relacionarem afetiva e conjugalmente têm raízes nas mencionadas mudanças sociais do século XX (REY 2003; ROSSETTI-FERREIRA *et al*, 2004), especificamente na revolução sexual e na busca de emancipação das mulheres da vida exclusivamente doméstica. Os novos posicionamentos sociais produziram novas subjetividades, femininas e masculinas. A reivindicação de novos espaços sociais por parte das mulheres levou a outros posicionamentos femininos, diferentes dos que lhes são atribuídos. A maternidade passou a dividir espaço com a realização através do trabalho. Por

outro lado, isso levou as mulheres a reivindicarem novas posições por parte dos seus parceiros nas relações conjugais.

Os posicionamentos femininos relacionados ao trabalho no mundo contemporâneo vêm levando os casais a repensarem a divisão de tarefas domésticas. Os novos vínculos afetivos, de acordo com Giddens (1993) e Bauman (2004), pertencem a uma realidade onde homens e mulheres trabalham fora e negociam as tarefas do cuidado doméstico e da família. A visão tradicional perpetrada por homens e mulheres de que o homem deve ser o provedor ainda é presente nos relacionamentos atuais e leva a um pensamento de que ao homem cabe a tarefa de apenas ajudar nos afazeres domésticos, enquanto à mulher ainda é destinada a maior parte das tarefas. (JABLONSKI, 2010). Contudo, os novos posicionamentos femininos têm levado ao questionamento das posições masculinas referentes à família e ao ambiente doméstico. As mulheres ainda esperam que o homem seja o provedor (GOLDENBERG, 2010), mas demandam maior participação dos mesmos em tarefas como a manutenção da casa e o cuidado com os filhos.

As mulheres esperam obter mudanças, ainda de acordo com Goldenberg (ibid.), no que diz respeito aos comportamentos atribuídos aos homens e que são considerados características da masculinidade tradicional. As mulheres não apresentaram queixas quanto ao fato de o homem ser o provedor, a figura que trabalha e sustenta a família, que é forte e viril (ibid.). No entanto, aspectos como a infidelidade masculina e o uso do poder pelo homem na relação, são combatidos pelas mulheres contemporâneas que adotam novos posicionamentos e colocam em xeque as atitudes masculinas com as quais não querem mais compactuar (GOLDENBERG, 2010; WELZER-LANG, 2011).

Badinter (1993) e Goldenberg (2010) consideram que o homem contemporâneo passa por uma crise na masculinidade. Aos homens atuais, são exigidas novas formas de

posicionamento nas relações conjugais e, segundo as autoras, o homem não está preparado para lidar com isso. Ser homem é ainda sustentar-se nas características de um modelo de masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995), uma herança cultural, que entra em choque com as novas demandas sociais.

A tradição machista da sociedade patriarcal tem feito com que no Brasil, historicamente, os homens tenham desqualificado, e ainda desqualifiquem em algum grau, todo posicionamento da mulher na sociedade que não estivesse relacionado aos papéis sociais que lhes são atribuídos, tais como, dar atenção exclusiva à família e aos afazeres domésticos (CASTELO BRANCO, 2011). Há registros de mulheres de classe média no século XIX que desempenharam profissões, porém para assumir um trabalho considerado “menor”, como o magistério, visto que era tratado como uma atribuição inferior para ser realizada por homens (ibid.). No entanto, as mudanças nos posicionamentos sociais ocorridos a partir do século XX com as mulheres vêm impulsionando a atribuição de novas posições aos homens. As mulheres vêm conquistando a legitimação e a valorização do seu espaço no mercado de trabalho, de modo que atualmente os homens partilham um espaço que consideravam exclusivamente seu. Em muitos casos, os homens não são mais os provedores domésticos. A Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD), promovida pelo IBGE e analisada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), demonstrou que, entre 1992 e 2006, o número de famílias formadas por casais, com e sem filhos e chefiadas por mulheres, aumentou expressivamente de 4,2% para 18,6% (SOUZA, 2007). A estatística demonstra um aumento de famílias e casais nas quais o homem não é mais o provedor. Consequentemente, novos posicionamentos sociais levam a novas formas de subjetividade.

Minha trajetória profissional, enquanto psicólogo e psicoterapeuta, fez com que eu me deparasse em âmbito clínico com aspectos subjetivos peculiares. Diversos pacientes do sexo masculino, adultos jovens na faixa dos 25 a 35 anos, de classe média da cidade do Rio de

Janeiro, apresentam dificuldade de se envolverem afetivamente e uma forte valorização reativa de ideias machistas no modo de lidar com o gênero oposto. Em algumas situações, pude percebê-los inseguros em seus relacionamentos afetivos, especialmente no que se refere às formas de se posicionarem na relação.

Identificando que tais quadros não se limitavam a pacientes específicos, optei por estudar a questão, pois considerei que ela poderia não estar restrita apenas ao ambiente psicoterapêutico, mas sim fazer parte de um contexto social amplo, como efeito das transformações sociais mencionadas. Buscando conhecer a subjetividade dos homens diante dessas mudanças, cheguei aos estudos sobre as masculinidades.

Esse é o contexto em que o estudo proposto é justificado. Ele é um subprojeto do projeto temático “Processos de subjetivação: a construção de sentidos e identidades” da Professora Leila Sanches de Almeida.

Sabe-se que o campo de estudos sobre as mulheres é vasto, haja vista os estudos feministas. No entanto, os estudos sobre masculinidades estão crescendo, o que demonstra que é um campo de estudos a ser mais explorado. Tendo em vista o alcance das mudanças sociais na subjetividade humana, e que tanto os homens quanto as mulheres são agentes ativos no processo social, o presente estudo tem por objetivo principal compreender, a partir da Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey, o que homens falam sobre as posições que ocupam e que lhes são atribuídas nas relações estáveis contemporâneas.

Nota-se que, por mais que não se possa dissociar a ideia de masculinidade dos estudos de gênero, visto que os próprios termos masculinidade e feminilidade emergem desses estudos, minha proposta foi tratar da constituição da subjetividade masculina. Esclareço ainda que, apesar de a ideia para o presente estudo ser oriunda do ambiente clínico e psicoterapêutico, é no âmbito da Psicossociologia que o estudo foi realizado. Considero que,

através da interseção entre a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia, é possível obter-se uma compreensão mais abrangente de todos os aspectos que envolvem o ser humano enquanto objeto de estudo.

As abordagens teóricas utilizadas no estudo serão a Teoria da Subjetividade de Rey (2003) e, no tocante ao processo de significação, a Rede de Significações (ROSSETTI-FERREIRA *et al*, 2004). Esta última, distingue-se como um modo de compreender a produção dinâmica de significações, sejam significados ou sentidos, não a partir de atributos definitivos, e sim como constituídos na interação social através de um complexo processo que tem como características a dialogia e a recursividade (ALMEIDA, 2006; ROSSETTI-FERREIRA *et al*, 2004).

Assim, a noção de sujeito é a de um “homem constituído subjetivamente em sua própria história, onde o sentido aparece como registro emocional comprometido com os significados e necessidades que vão desenvolvendo-se no decorrer da sua história” (REY, 2003, p.235).

O primeiro capítulo do estudo traz a concepção de subjetividade, segundo a acepção de Rey. Em seguida, são apresentados os principais pressupostos da Rede de Significações sobre o processo de construção de sentidos.

Os capítulos dois e três contêm a revisão de literatura sobre conjugalidades e masculinidades. É na intercessão destes temas que se encontra a temática para o estudo que aqui se apresenta. Apresento um breve histórico sobre a questão das conjugalidades, cujo campo de estudo é proveniente dos estudos de família e casal, com importantes contribuições de Jablonski e Féres-Carneiro. Em seguida, aponto como o relativamente novo campo de estudos das masculinidades vem se tornando um importante foco de pesquisas na área dos

estudos de gênero e de atual relevância diante do contexto psicossocial de constituição de subjetividades contemporâneas.

No quarto capítulo, é apresentada a metodologia do estudo desenvolvido nesta dissertação, uma pesquisa qualitativa, através do método de estudo de casos. Aqui, são apresentados os participantes e o contexto do estudo e os procedimentos adotados para a coleta e a análise dos dados.

O quinto capítulo compõe-se da análise dos casos estudados, a partir de categorias de desenvolvidas em função do material coletado nas entrevistas. A história de cada caso é construída pelo pesquisador através de recortes das entrevistas realizadas, pertinentes às categorias de análise estabelecidas.

A discussão dos achados do estudo é desenvolvida no sexto capítulo.

Por último, procedeu-se às considerações finais, concluindo o presente estudo com o alcance do objetivo proposto, ao mesmo tempo em que se permite a possibilidade do desenvolvimento de novas pesquisas a partir da mesma temática no futuro.

I – A Subjetividade e a Rede de Significações

O percurso histórico da Psicologia concebeu a subjetividade como o que se refere ao mundo intrapsíquico do sujeito. No entanto, a Psicologia Social ao buscar compreender as relações do sujeito em sua interação com o meio social, favoreceu as bases para as teorias da subjetividade. A contribuição da Sociologia para a compreensão da subjetividade veio com a referência ao campo de ação e representação dos sujeitos.

Para Castoriadis (1999) a subjetividade refere-se à subjetivação, que é a capacidade de produzir sentidos a partir da ação e reflexividade humanas. A reflexividade torna-se uma característica inerente à subjetividade, na medida que favorece a criação de novos sentidos, renovando o próprio sujeito.

Guattari, por sua vez, confere à subjetividade uma dimensão interacional submetida à atividade humana no meio social. Os produtos da sociedade absorvidos pelo indivíduo contribuem para uma relação criativa de singularização da experiência de mundo, que o subjetiva (GUATTARI, ROLNIK, 2005).

Para o presente estudo, foi escolhida a abordagem de Gonzalez Rey sobre a subjetividade, por sua característica psicossocial de conceber a subjetividade tanto social quanto individual, se relacionando de forma dialética.

1.1 – Subjetividade individual e social

A subjetividade não se restringe ao nível individual. A própria cultura representa um sistema subjetivo, gerador de subjetividade, denominado de “subjetividade social” (REY, 2003). O sujeito tanto é constituído pela subjetividade social como a constitui por meio das

suas ações no tecido social. A subjetividade social é anterior à organização psicológica do sujeito e é geradora de toda subjetividade individual. Por sua vez, o desenvolvimento do sujeito individual favorece e possibilita novos processos de subjetividade social e novas redes de relações sociais.

A subjetividade social, de acordo com Rey (ibid.), parte da ideia de que há uma ruptura na compreensão da subjetividade enquanto um fenômeno exclusivamente individual, já que trata-se de um sistema complexo, que abrange, ao mesmo tempo, os níveis social e individual. Sua origem, histórico-social, não se baseia apenas na experiência do sujeito ou em uma instância social específica, mas no modo como a se atribui sentido e significado à experiência do indivíduo, na configuração de sua história subjetiva. Não se pode considerar a subjetividade social como detentora de um status de objetividade, oriunda de uma realidade externa ao indivíduo. É um processo de configuração subjetiva em que o sujeito é, simultânea e dialeticamente, constituinte e constituído. Este processo não é unilateral, ele é interativo e dinâmico.

A idéia do sujeito recupera o caráter dialético e complexo do homem, de um homem que de forma simultânea representa uma singularidade e um ser social, relação esta que não é uma relação de determinação externa, mas uma relação recursiva em que cada um está simultaneamente implicado na configuração plurideterminada dentro da qual se manifesta a ação do outro. O conceito do sujeito é incompatível com o determinismo mecanicista causalista, pois a ação do sujeito é imprevisível. (REY, 2003, p.224).

Rey (2004) considera que as subjetividades social e individual expressam momentos diferentes de uma mesma proposição: a partir dos espaços de subjetividade social, conteúdos específicos e singulares são produzidos na esfera da subjetividade individual. Assim, a subjetividade individual se constitui na subjetividade social. Ambas se integram na constituição da subjetividade, que por sua vez é indissociável da condição social do homem (REY, 2003).

A subjetividade é, portanto, um sistema complexo que possui dois espaços de constituição: o individual e o social. Ambos se constituem mutuamente e, do mesmo modo, um compõe o outro (REY, 2004). As subjetividades social e individual não são externas uma à outra, e sua integração constitui a complexa subjetividade humana. Os processos de subjetividade individual são expressos na subjetividade social, de forma recíproca. Contudo, um não se dilui no outro e devem ser compreendidos como constituintes de uma dimensão processual constante (REY, 2003)

A configuração da subjetividade individual é, desse modo, um processo único, emergente da unidade dialética entre sujeito e meio social. O social é subjetivado, de forma a se converter em algo propício ao desenvolvimento do indivíduo e o subjetivo, por sua vez, é objetivado ao se transformar e integrar a realidade social. Tal integração leva a subjetividade a se redefinir continuamente como processo cultural (REY, 2002).

Rey se baseia nas ideias de Vygotsky (1991), cuja psicologia sócio-histórica compreende os fenômenos psicológicos não como fatos objetivos imediatos, mas mediados através das relações sociais, em um processo que constroi a consciência. A subjetividade é constituída pela relação com o mundo, material, social, mas que só existe a partir da referida mediação com a atividade humana. O mundo psicológico e o mundo social estão em uma relação dialética, na qual as possibilidades humanas são desenvolvidas. A base material da sociedade é constituída então, de acordo com a perspectiva da psicologia sócio-histórica, a partir das experiências humanas e das ideias produzidas em consequência dessas experiências. A subjetividade seria produzida juntamente com as transformações históricas, sociais, políticas, econômicas, tecnológicas, e científicas. É através da interação com outros que o sujeito sócio-histórico vivencia, experimenta, age, significa e, por consequência, é dotado de uma subjetividade.

A noção de sentido é fundamental para que se possa compreender o conceito de subjetividade proposto por Rey,:

A categoria de sentido subjetivo permite a representação de cada experiência do sujeito em sentidos diferentes, segundo sua inclusão em outros registros de sentido já constituído no nível subjetivo. O sentido é responsável pela grande versatilidade e formas diferentes de expressão no nível psíquico das experiências histórico-sociais do sujeito. O sentido é subversivo, escapa do controle, é impossível de prever, não está subordinado a uma lógica racional externa. (REY, 2003, p.252).

Vygotsky (1991) estabelece uma clara distinção entre os termos “sentido” e “significado”. Ele considera que o sentido de uma palavra, ou de um fenômeno, é mais amplo e predominante do que seu significado. O sentido expressa uma totalidade fluida e dinâmica, da qual o significado é apenas uma parte, a mais precisa e estável. O sentido vai além do seu significado dicionarizado ou compartilhado. Ele envolve os eventos psicológicos que a palavra, ou o fenômeno, despertam nas pessoas em um contexto específico. Assim, uma palavra ou um fenômeno adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, adquire outros sentidos – já o seu significado permanece relativamente definido e constante ao longo dessas alterações de sentido e nos diferentes contextos. Para Vygotsky (1991), o sentido deve ser pensado como um enriquecimento do seu significado por eventos intelectuais e afetivos caracterizando-se, portanto, como complexo, variável e quase ilimitado.

Adota-se aqui, neste estudo, essa concepção de um sujeito subjetivado, capaz de subjetivar sua própria experiência. Atos e consequências fazem parte da constituição da subjetividade, não há causalidade externa à ação do sujeito. Isso significa, segundo Rey (2003), que ser sujeito está obrigatoriamente relacionado a um comprometimento com uma prática social maior do que ele próprio, mas que requer uma expressão pessoal, indissociada dessa prática. Tal perspectiva favorece a criação de opções em função de uma crescente complexidade: “ante a proliferação de estímulos e de situações de fragmentação da experiência nas condições da pós-modernidade, longe da morte do sujeito, este alcança níveis de desenvolvimento nunca vistos” (REY, 2003, p.239)

1.2 - A Rede de Significações

A Rede de Significações é uma perspectiva teórico-metodológica que amplia a compreensão acerca dos processos de produção e circulação de significados e sentidos, decorrentes das interações sociais. A interação social é tida como fundamental para a constituição e o desenvolvimento das pessoas (ROSSETTI-FERREIRA *et al*, 2004).

Falar de processo de significação nessa abordagem é admitir que as pessoas estruturam um universo semiótico, efetivado no mundo interativo, a partir de uma rede de significados e sentidos presentes nessa ação de significar o mundo, o outro e a si mesmo. Desta forma, a subjetividade se dá a partir de um contínuo processo de reconfigurações de redes de significações.

As redes de significações são compostas por elementos de ordem relacional, pessoal e contextual, sendo atravessadas pela cultura, pela ideologia e pelas relações de poder, isto é, pela matriz sócio-histórica. Esta, também é de natureza semiótica e polissêmica, tem concretude e se atualiza no aqui e agora das relações.

Os campos interativos, portanto, são fundamentais no processo de subjetivação desde a concepção. As relações sociais são co-construídas a partir de interações partilhadas e interdependentes. A relação com o outro é tida como construída dialogicamente (ALMEIDA, ROSSETTI-FERREIRA, 2001). Essa relação com os outros é atravessada pela linguagem, pela cultura e pela interpretação que uma pessoa faz da outra e da situação (*ibid.*). Como os parceiros em interação são vários e os papéis ou posições assumidos e atribuídos também variados, as interpretações da pessoa para o mundo e do mundo para a pessoa são múltiplas. Conseqüentemente, os sentidos construídos para um mesmo fenômeno ou situação podem ser díspares (*ibid.*).

Conseqüentemente, o sujeito é tido como múltiplo, assim como os outros são múltiplos e heterogêneos, e são múltiplas as vozes que compõem o mundo social, os espaços e as posições que ela ocupa nas práticas discursivas (ALMEIDA, ROSSETTI-FERREIRA, 2001). Suas características e atributos, o que inclui o sentimento de ser único e relativamente constante ao longo do tempo, são resultado de um processo de construção cultural, da existência concreta de seu próprio corpo e de suas relações cotidianas com as mesmas pessoas.

Esses processos sócio-interativos estão imersos e impregnados pela matriz sócio-histórica, polifônica, composta pelos elementos sociais, culturais, econômicos, políticos e históricos, que são transmitidos e reconstruídos, gerando novas vozes e condições (ALMEIDA, 2012 ; AMORIM, 2002; ALMEIDA, ELTINK, ROSSETTI-FERREIRA, 2001). A multiplicidade de significados que constitui a matriz sócio-histórica contribui na circunscrição do sentido atribuído pela pessoa ao mundo e a si própria, no aqui e agora das situações. O sentido construído revela, em parte, a concretude dessa matriz. Sua materialidade pode ser observada, por exemplo, no estabelecimento de rotinas e práticas sociais, na organização de espaços, em discursos e no corpo da pessoa (AMORIM, 2002).

Como visto na seção anterior, Rey (2005) também evidencia essa articulação entre o individual e o social no psiquismo humano ao discorrer sobre o conceito de subjetividade. Ele aponta o caráter complementar, contraditório e recursivo que essa articulação implica. Com isso, a subjetividade é tida como simultaneamente individual e social. E é exatamente aí que reside a importância e a atualidade de sua concepção de subjetividade. Ela implica no rompimento com as dicotomias entre individual-social, interno-externo e subjetivo-objetivo. É uma concepção que subverte os princípios do pensamento simplificador (*ibid.*).

Essa subversão destes princípios também é alcançada na abordagem do processo de subjetivação através da Rede de Significações. As concepções teóricas de Rey (2003) e da Rede de Significações (2004) supõem um sujeito complexo, cuja subjetividade não alcança uma forma final, acabada, mas sim emerge e transforma-se através de um contínuo processo de subjetivação, pela produção de sentidos, originado na interação com o mundo.

II – Família, Conjugalidade e relações afetivas contemporâneas

A família é a instituição que assume o papel de mediadora entre o sujeito e a sociedade (BILAC, 1995). Ela tem uma dupla função: o sustento biológico e a transmissão de cuidados adequados, afeto, padrões, valores e normas de conduta a serem incorporados durante o desenvolvimento da personalidade de seus integrantes (ZAMBERLAN, CAMARGO, BIASOLI-ALVES, 1997). A família contém o sujeito e é o seu principal agente de socialização. Segundo Lasch, ela “inculca modos de pensar e atuar” (1991, p.25).

A organização familiar moderna das sociedades ocidentais surgiu a partir do século XVIII. Ariès (1981) toma este século como sendo o marco de uma importante transformação na vida social: esta foi a época em que a família começou a se distanciar da sociedade, construindo um sentimento de família. Houve um esforço crescente de intimidade na vida privada, em detrimento das relações de vizinhança e de amizades. As famílias passaram a criar um espaço privado e íntimo para si.

Na história brasileira, apenas em meados do século XIX a família patriarcal do Brasil Colônia, composta por membros consangüíneos ou não (pais, filhos, outros parentes, agregados e serviçais) que circulavam livremente no seio familiar, recebeu influências que culminaram, em um movimento de valorização da intimidade e na emergência da família conjugal moderna. Este arranjo familiar, formado por pai, mãe e filhos, passou a limitar suas trocas sociais aos avós, tios e primos (SINGLY, 2007).

Atualmente, o modelo de família conjugal moderna ainda é predominante, mas as famílias encontraram novas formas de estruturação (PETRINI, 2003). O conceito de família é reconhecido como plural. Vemos diversos tipos de arranjos familiares. Circulam variados

sentidos de família. Entendendo-se por arranjo familiar, o conjunto de pessoas que residem em um mesmo domicílio, independente de consangüinidade (AMAZONAS *et al.*, 2003).

Gilberto Velho considera a família uma espécie de “indivíduo coletivo” (1987, p.73). É através dela, na vivência familiar, que são construídos os projetos individuais de seus membros. Assim, tendo em vista o conjunto de significados que estrutura os sentidos atribuídos à família e sua função pelos seus componentes, os projetos individuais não são nunca uma construção puramente subjetiva. São elaborados no interior de uma história, circunscritos histórica e culturalmente. Analogamente, os discursos sobre famílias são construídos a partir da história social e dos valores que estruturam os diversos arranjos familiares nas diferentes camadas sociais. Velho (*ibid.*) considera que para que se possa compreender os fatos e as instituições, devemos lhes inserir em uma rede de significados articulada a um conjunto de símbolos e características de determinada sociedade ou grupo social.

A noção de conjugalidade proposta por Féres-Carneiro e Ziviani (2009) fala da criação de uma “identidade conjugal”, que reúne aspectos psicossociais e relacionais, bem como uma identidade psíquica compartilhada. É a criação de uma “zona comum de interação” (*ibid.*, p.84). Há a proposição de uma redefinição de papéis e realidades, de modo que cada pessoa do casal, com a sua identidade singular, passa a dividir esse espaço não apenas com a identidade do outro, mas com uma identidade, compartilhada, criada, o “nós”, a identidade do casal.

O casal é uma díade que vive um processo de interrelação onde cada membro influencia e é influenciado a todo o tempo pela identidade comum criada. A dinâmica dessa relação abrange, simultaneamente, duas individualidades e uma conjugalidade. O casal é composto por dois sujeitos, com desejos particulares e dois modos de se estar presente no

mundo. São duas histórias de vida, cada um com sua matriz sócio-histórica constituinte de sua subjetividade. Em suma, o casal compõe-se de duas identidades individuais que ao se unirem em uma relação amorosa, seja de que ordem for, passam a compartilhar uma conjugalidade, um projeto de vida em comum e uma identidade comum: a identidade conjugal. Atualmente, as pessoas que se envolvem em uma relação conjugal estão mais voltadas para a manutenção de uma individualidade que coexista com essa identidade comum. A satisfação de cada polo da relação é valorizada, e são buscadas mais relações de parceria do que um vínculo de dependência mútua (BAUMAN, 2004; FÉRES-CARNEIRO, 1998; GIDDENS, 1993). Por outro lado, Féres-Carneiro e Ziviani (2009) consideram que, para que haja a formação de um casal, é necessário haja o estabelecimento dessa identidade conjugal.

Atualmente, é comum perceber nos casais a coexistência de identidades paradoxais. O “eu” e o “você” procuram manter as individualidades subjetivas um do outro na relação, de modo que cada um procura estimular que o outro se desenvolva e cresça enquanto pessoa. No entanto, simultaneamente, o “nós” leva ambas as partes do casal a quererem experienciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, bem como os desejos compartilhados e projetos conjugais (Féres-Carneiro, 1998).

Kaufmann (1995) descreve como o casal se torna, de fato, um casal, ao longo de três fases. A primeira etapa consiste em um desconhecimento do outro, seus hábitos, ideias, desejos e sentimentos, o que produz a vontade de conhecer este outro, que ao mesmo tempo começa a ter uma intimidade, mas ainda é um estranho. O segundo momento do processo de se tornarem um casal envolve a criação de uma realidade conjunta, quando aumenta a convivência entre o casal. A identidade comum que começa a haver em função da vivência da conjugalidade leva a sentimentos de conforto e de segurança. Na terceira fase, quando a identidade do casal já está estabelecida, os cônjuges passam a dividir a identidade comum com a recuperação dos projetos individuais, ocorrendo a divisão entre o que é partilhado pelo

casal como pertencente a um espaço que é comum aos dois e o que é particular de cada um. Para Kaufmann (1995), a conjugalidade é um processo que se caracteriza pela reformulação de realidades.

Willi (1995) enfatiza que é necessário que seja mantido o espaço para o desenvolvimento pessoal de cada um em um relacionamento. Isto é possível mediante uma redefinição de papéis e regras. Contudo, se faz necessário que haja flexibilidade na criação das regras, de modo a permitir que haja espaço para a fluidez na relação. Cada um deve deixar espaço para o outro na relação, de modo que eles fiquem à vontade para criarem juntos a identidade do casal. A criação dessa identidade conjugal, para o autor, envolve o estabelecimento de uma realidade compartilhada, em que cada um traz suas crenças e valores, que por sua vez são oriundos de suas famílias originais, de modo a formar o novo sistema de crenças e valores compartilhados pelo casal.

Para Wendling (2006), podem ser atribuídos diversos significados às conjugalidades contemporâneas, devido ao modo como são atravessadas por transformações culturais, sociais e econômicas. Essas mudanças se refletem nos sujeitos da relação e, portanto, na própria relação conjugal. Para ela, é importante preservar os laços conjugais, bem como as individualidades, e observa que o casamento ainda detém muito valor na vida das pessoas, independentemente do crescente número de separações.

Na visão de Giddens (1993), a conjugalidade atual é cada vez mais pautada pela partilha de afetos e do amor romântico, baseada em um contexto de busca de igualdade e princípios democráticos, decorrentes da já mencionada revolução sexual. É o que Giddens chama de “relacionamento puro”. Essa nova configuração possui desdobramentos na manifestação dos papéis atribuídos subjetivamente e socialmente pelos indivíduos do casal.

Os papéis sociais remetem à expectativa de comportamentos e condutas direcionadas ao sujeito de acordo com a posição que ocupa na sociedade.

É necessário ressaltar, mais uma vez, que os papéis não são fixos, atrelados a identidades específicas, mas sim são papéis sociais fluidos e transitórios. Expressam um posicionamento do indivíduo naquele momento, de acordo com a REDSIG (ROSSETTI-FERREIRA *et al*, 2004).

Outro aspecto a ser levado em consideração nos relacionamentos contemporâneos é a divisão de tarefas domésticas por parte do casal. A visão conjugal tradicional está diretamente relacionada ao modelo de família tradicional, em que o homem era considerado o provedor, o que trabalha para conseguir o sustento da família e a mulher era a responsável por cuidar dos afazeres domésticos. Entretanto, a entrada das mulheres no mercado de trabalho, como consequência direta da emancipação feminina, trouxe novos pontos de conflito para os casais. De acordo com Jablonski (2007), o casal passou a contar com duas pessoas trabalhando fora, contribuindo para o sustento doméstico. Consequentemente, ambos dispõem de menos tempo para cuidar dos aspectos relativos à casa. O problema está no fato de que, por mais que os homens ajudem nas tarefas domésticas, isso ainda se configura apenas como uma ajuda, e a predominância dos afazeres ainda incide sobre a mulher (ABOIM, 2010; ALMEIDA, 2007; JABLONSKI, 2007).

Diante de tantas transformações sociais, a intimidade do casal também vem apresentando mudanças, no que concerne à sexualidade. Bozon (2003) aponta que, se antigamente a vivência da sexualidade era algo vinculado estritamente a um papel social atribuído ao homem casado, hoje a sexualidade se expressa enfaticamente em todas as modalidades conjugais, não apenas no casamento. Para Bozon (*ibid.*) a conjugalidade é definida pelo exercício da sexualidade. A partir da década de 1970, a experiência sexual

deixou de fazer parte exclusivamente, pelo menos para as mulheres, do matrimônio, de modo que elas passaram a exercer um comportamento sexual semelhante aos homens, ainda solteiras.

Para Bozon (2003), que estudou os comportamentos sexuais na França, apresentou o que seriam duas etapas no exercício da sexualidade na vida a dois. Em um primeiro momento, que compreende os primeiros anos da vida em comum, é comum ao “casal recém-formado” praticar muita atividade sexual, e considera que a fidelidade a(o) parceira(o) é importante. O A exacerbada expressão da sexualidade nesse período é o que contribui para o estabelecimento da dialética relação conjugal. No segundo momento, após cerca de dois ou três anos de convivência, o “casal estabilizado” diminui o ritmo das relações sexuais e começa a se apresentar também um declínio na satisfação sexual. Simultaneamente, há uma queda na expressão do desejo sexual feminino, cuja leitura possível é a manifestação de um padrão tradicionalmente machista na expressão da sexualidade, a ser visto no próximo capítulo.

Féres-Carneiro (1997) estudou o processo de escolha amorosa de homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, na classe média do Rio de Janeiro. A autora encontrou aproximações e divergências entre as modalidades conjugais. No geral, viu que tanto homens, quanto mulheres, esperam que seus parceiros possuam características socialmente atribuídas a homens e a mulheres, independentemente da orientação sexual. Dos homens, por exemplo, se esperava competência profissional e capacidade econômica. Em outro estudo, Féres-Carneiro (1999) investigou as conjugalidades heterossexual e homossexual entre solteiros, casados, separados e recasados. Mais uma vez pôde perceber aproximações e divergências entre os gêneros, bem como nas dinâmicas conjugais estabelecidas. Tanto os homens como as mulheres consideraram a atividade sexual como necessária à vivência conjugal, embora a maioria não tenha dado ênfase à frequência. Contudo, um aspecto de destaque na pesquisa foi o fato de que a fidelidade foi apontada pela grande maioria, independentemente do grupo,

como sendo muito importante na relação afetiva. A questão que diferencia fidelidade sexual e fidelidade amorosa foi mencionada nos grupos de mulheres e homens homossexuais, de modo que, para estes últimos, a infidelidade sexual não implica obrigatoriamente em uma traição. Por outro lado, a infidelidade amorosa foi apontada como traição em todos os casos (Féres-Carneiro, 1999).

Fatos como a crise na família nuclear, monogâmica e heterossexual, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a separação entre a reprodução e a sexualidade, bem como a militância em prol da desmarginalização da homossexualidade, vêm influenciando as mudanças que ocorrem na contemporaneidade. Arán e Corrêa (2004) apontam, como resultados desses eventos, para a mudança nas representações, nas práticas e nas identidades sexuais. Embora o presente estudo não vá se ater à questão homossexual, destaca-se que as conjugalidades homossexuais contemporâneas são provenientes da mesma origem que produziu a pluralidade de arranjos conjugais na atualidade. É desse modo que os estudos de Féres-Carneiro apontam, diferenças, mas também similaridades.

2.1 – Alguns tipos de conjugalidades contemporâneas

a) “Ficar”

O final do século XX foi marcado por muitos acontecimentos e mudanças. No âmbito dos relacionamentos afetivos, surgiu o fenômeno do “ficar”, cujas origens remontam à década de 1980. Muito difundida principalmente entre adolescentes, mas nos dias atuais já se tornou prática também entre adultos jovens. O “ficar” pode ser considerada uma forma de conjugalidade, no sentido em que há o desenvolvimento, de uma sensação de conjugalidade. Os casais que “ficam” tornam-se, de fato, casais, enquanto estão juntos. Difere das outras

formas tradicionais de envolvimento afetivo, como o namoro e o noivado, pois no “ficar” não há o compromisso de uma continuidade. Por esse motivo o “ficar” pode ser considerado um vínculo afetivo ao invés de uma conjugalidade. Sua característica principal, além da falta de compromisso, é a busca de obtenção de prazer. Há uma sedução, uma atividade de conquista do outro, que se baseia na fugacidade, não na preservação da relação. Os casais que “ficam” praticam os jogos de sedução e compartilham prazer apenas no momento em que estão juntos. A partilha de carícias envolve desde a troca de beijos e abraços, podendo chegar à relação sexual, que pode ou não acontecer. Não há obrigatoriedades, pois não há compromissos, apenas a partilha e troca do prazer um com o outro. De acordo com Matos, Féres-Carneiro & Jablonski (2005), é um limite ténue entre uma dose de intimidade e a manutenção de um certo distanciamento.

Matos, Féres-Carneiro e Jablonski (ibid.) desenvolveram um estudo com adolescentes, cuja conclusão apontou o “ficar” como o modo mais frequente de relação vivenciada por eles. Para os jovens, a falta de compromisso deste tipo de conjugalidade permite a eles que usufruam desta prática como um “teste”, com a finalidade de se conhecer uma outra pessoa e perceber se existem afinidades. Atualmente, os jovens pensam na escolha do(a) parceiro(a) como tendo que realmente valer a pena para se investir em um relacionamento. Ao conhecer a pessoa, julga-se a possibilidade do relacionamento evoluir para um sentimento de amor, e conseqüentemente optar por namorar. O que se verifica com esse “teste” do “ficar” é que os adolescentes contemporâneos buscam a segurança em suas decisões de envolvimento afetivos, resguardando-se de possíveis decepções amorosas no futuro. Os jovens ainda asseguram o amor, a confiança e a fidelidade como requisitos básicos para o êxito de um relacionamento e, conseqüentemente, fazem a escolha da experimentação com base nesses preceitos. Para muitos, o namoro é restritivo, no sentido de o compromisso de manter

vinculado a uma única pessoa, mas ainda assim, buscam esse envolvimento, desde que haja um sentimento maior que faça valer a pena vivê-lo.

Chaves (2001) reafirma esse medo da frustração de um relacionamento não dar certo, mas no sentido de que se escolhe permanecer no jogo da auto-satisfação. A outra pessoa torna-se descartável e substituível, se as expectativas de satisfação de desejo não forem cumpridas. Para a autora, o amor romântico e o apaixonamento tornam a conjugalidade carregada de afetos em relação ao parceiro, mas o ficar permanece na experimentação, na busca dos prazeres imediatos, mesmo que efêmeros. Para manter-se satisfeito, busca-se novos vínculos efêmeros. A autora aponta também o “ficar” como um relacionamento de curta duração, sendo este tempo relativo entre a duração de um único beijo até alguns dias. Outra característica comum ao “ficar” expressa pela autora é a falta de compromisso no vínculo conjugal, mesmo durante a duração do breve envolvimento. Não há cobranças de fidelidade, por exemplo. Pode-se “ficar” com mais de uma pessoa na mesma noite, sem que isso seja considerado um comportamento errado.

Contudo, para Justo (2005), os jovens ainda preferem namorar ao “ficar”. De acordo com seu estudo, apesar de os relacionamentos adolescentes aparentemente tenderem para o “ficar”, esta não é a preferência dentro da faixa etária mencionada. Os jovens, segundo o autor, ainda vislumbram um ideal de relacionamento como algo para a vida toda. A opção é ainda mais expressiva no que diz respeito às meninas, cujo desejo de viver um amor para toda a vida ainda é bem presente. Justo (ibid.) acrescenta que, para os jovens, já se tornou comum o hábito da experimentação fugaz e diversificada, de modo que isso leva a um conhecimento melhor das características do possível companheiro, e até mesmo um conhecimento a respeito do que buscar em um parceiro. A diferença que se considera entre “ficar” e a paquera, por exemplo, é a de que a paquera permaneça com uma aproximação através de olhares e de uma conversa inicial, exploratória, ao passo que o “ficar” predispõe ao contato físico. Nas relações

contemporâneas, o “ficar” é compreendido como uma primeira etapa no conhecimento de um possível parceiro, que subsequentemente pode conduzir ao namoro, e daí para a coabitação ou o matrimônio.

O “ficar”, enquanto um novo modelo de conjugalidade, pelo ponto de vista psicossocial, se traduz, para os jovens que vivenciam os vínculos fugazes em seus relacionamentos, em um choque de forças dinâmicas que os tensionam em direções opostas. De um lado, há o referencial dos relacionamentos conjugais tradicionais, que oferecem a estabilidade e segurança de relacionamentos duradouros, pautados pelo amor romântico, pela fidelidade e confiança. No entanto, também é presente a oferta de independência, busca e realização dos desejos, da satisfação ao alcance imediato, da diversificação de experiências dos relacionamentos líquidos. Tal questão é mais profunda do que uma escolha imediata por um ou outro modelo, pois ambos coexistem e fazem parte da polissemia contemporânea. Desse modo, o "ficar" pode ser entendido como uma etapa a mais na sequência do desenvolvimento das relações, como da paquera ao casamento, passando pelo namoro, mas também uma forma diferente de experiência da conjugalidade, compreensível a partir da matriz sócio-histórica sobre a qual os relacionamentos contemporâneos estão pautados. a compressão do tempo e do espaço na atualidade.

b) Namoro

Na sociedade contemporânea, o namoro é entendido como uma forma de conjugalidade em que a partilha de afetos, a durabilidade e o compromisso mútuo são suas principais características. Durante boa parte do século XX, era possível reconhecer alguns parâmetros que os namorados deveriam cumprir, desde o seu início quanto ao longo de sua duração, predispondo que seria uma etapa que levaria subsequentemente ao noivado e ao casamento. Havia, contudo, uma flexibilidade quanto ao rompimento dos mesmos por

incompatibilidades ou no caso de um dos dois não mais querer seguir com a relação, desde que em idade ainda jovem.

Azevedo (1986) discorre a respeito da experiência do namoro em seu viés mais tradicional e aponta para o fato de que, mesmo com mudanças ao longo do tempo, há regras básicas a serem consideradas no namoro tradicional que ainda prevalecem. As camadas mais tradicionais da nossa sociedade são um exemplo de princípios e regras de outrora que ainda são respeitados. No Brasil, de acordo com o autor, o namoro, embora com algumas poucas adaptações à cultura local, é expressão de um modo de se relacionar característico das culturas ocidentais. Dentre as características que são reconhecíveis no namoro tradicional, o autor enumera: facilita a escolha de futuros cônjuges; afasta a possibilidade de promiscuidade sexual, ao se estabelecer uma união monogâmica; assegura aos cônjuges à conformação com os papéis conjugais, tradicionalmente referidos a marido e esposa, pai e mãe. Esse modelo apresenta uma rigidez de posicionamentos, de modo a reproduzir a mesma rigidez com a qual se considerava o papel da família na sociedade.

Atualmente, a família contemporânea não está mais calcada sob bases rígidas como o modelo de família tradicional preconizava. A família contemporânea, que vem passando por mudanças estruturais e em seus arranjos, flexibilizou as normas do namoro. No entanto, ainda é possível encontrar jovens mais afinados com o modelo tradicional de namoro, pois assim o vivenciaram em suas famílias. Para eles, o passo a passo que se segue com o noivado e o casamento é uma via considerada natural.

O estudo de Biasoli-Alves, Simionato-Tozo e Sagim (2006), mostra uma visão do namoro sob uma perspectiva intergeracional. Pesquisando três gerações de famílias de classe média do interior de São Paulo, é possível perceber como a vivência da relação se diferencia de uma geração para a outra. A geração dos avós disse que havia pouco tempo desde que o

casal se conhecia até o casamento, visto que o processo do comprometimento ocorria de forma rápida. A geração dos pais já demonstrou períodos mais longo de namoro e o noivado era próximo ao matrimônio. A terceira geração, a dos filhos, apresentou casais que puderam usufruir de uma boa flexibilidade e liberdade para namorar, inclusive quanto à vida sexual.

c) Coabitação

A coabitação, enquanto prática amplamente difundida, tornou-se comum a partir da década de 1970. Não por acaso, na mesma época, foi possível perceber outros fenômenos sociais como as mudanças nos arranjos familiares, principalmente os de classe média, bem como transformações nas relações de gênero, em função da já mencionada revolução sexual e do movimento de emancipação feminina. Consiste em uma escolha, por parte de um casal que vive uma relação afetiva, normalmente um casal de namorados, que optam por morarem juntos, mas não formalizam necessariamente uma união estável ou casamento. Decidem pela convivência conjugal sob o mesmo teto, porém sem as formalidades que a sociedade tradicionalmente exige de um casal que almeja constituir uma família, principalmente a exigência do matrimônio.

É uma relação de conjugalidade considerada não tradicional, a princípio associada a um estilo de vida alternativo, mas que vem se tornando cada vez mais presente nas grandes cidades, especialmente na classe média. As pessoas que adotam a coabitação simpatizam com valores não tradicionais. Em geral, são pessoas que não são adeptas de um engajamento religioso (BÉJIN, 1985; DIAS, 1995).

Spanier (1983) considerava a coabitação como uma prévia da experiência matrimonial, da ordem de um “casamento experimental”. O casal que coabita passa a viver um estilo de vida conjugal semelhante ao casamento, embora sem um respaldo legal ou

religioso que os reconheça como casados. Para o autor, essa modalidade conjugal passou a ser mais aceita devido a uma flexibilização da opinião pública de modo a aceitar a coabitação de casais de namorados. Outro fator é o aumento da liberação da vivência da sexualidade entre os jovens.

Da década de 1960 aos dias atuais, houve um considerável aumento na quantidade de casais que moravam juntos em coabitação (SKINNER *et al*, 2002). Contudo, proveniente do próprio afrouxamento dos laços conjugais pela falta de uma formalização legal, a probabilidade de que a relação viesse a terminar era maior do que as relações conjugais em casamentos consumados legal ou religiosamente. Outro aspecto levantado é a de que os casamentos nos quais os cônjuges moraram juntos antes de casar apresentaram um número de separações maior do que os que casaram direto.

d) União estável

Atualmente, há diversos arranjos conjugais e familiares. Aqui estão contemplados apenas alguns deles. Nesse contexto social, o novo Código Civil reconhece a união estável como entidade familiar, união esta entre o homem e a mulher, com o propósito de constituição familiar. A vida em comum, que caracteriza a união estável, foi regulamentada em consonância com a Constituição da República de 1988, e agora o termo “união estável” substitui o termo “concubinato” (PEREIRA, 2002).

Considera-se que a união estável é um tipo de conjugalidade nas relações conjugais, e que existe desde a Antiguidade no plano social (ENNES, 2006). O que mudou é o respaldo jurídico que lhe confere um reconhecimento enquanto uma entidade familiar. A união estável ganhou uma legalização jurídica, visto que já faz parte de uma realidade social. Por sua vez, isso representa uma mudança significativa no que concerne às conjugalidades.

Ennes (2006) aponta então que a união estável não está mais associada à noção de concubinato, agora atribuída a um conceito de família. A autora considera que o reconhecimento do aspecto jurídico da questão conjugal é possível porque já existe uma conjugalidade associada à partilha da vida em comum do casal, portanto, ao conceito de união estável. Do ponto de vista legal, é necessário que os cônjuges sejam, de fato, reconhecidos como um casal, no âmbito social. Em seguida, eles precisam reconhecer a união estável diante dos trâmites jurídicos, de modo a poder usufruir, em consequência, dos direitos e deveres a que o respaldo jurídico da lei pressupõe. Cabe ressaltar ainda que, de acordo com Ennes (ibid.) a união estável não pressupõe que haja filhos, nem que o casal viva em coabitação para que seja caracterizada legalmente.

Um reflexo das novas conjugalidades é a expressão da igualdade de direitos de ambos, concomitantemente ao enfraquecimento da dominação exclusivamente masculina, tradicional nas sociedades patriarcais (BOURDIEU, 2005). As mulheres atualmente se reconhecem também detentoras de direitos sobre o homem, e não mais somente o inverso. Não obstante essa igualdade conjugal, as mulheres vêm reivindicando seus direitos de trabalhar fora e adquirir independência financeira. Essa situação contribuiu para que os homens perdessem a posição exclusiva de provedor doméstico, visto que a relação conjugal adquiriu uma nova dinâmica social com os papéis da mulher e do homem (GIDDENS, 1993).

Bauman (2004) reflete sobre as transformações sociais e nos relacionamentos afetivos contemporâneos a partir do cenário de liquidez da vida moderna. A liquidez a que se refere se apresenta nos relacionamentos como a evitação da solidez dos relacionamentos de outrora. A solidez é vista como a estagnação de relacionamentos fadados à acomodação e à falta de emoção; portanto, ao fracasso e a rompimentos com separações dolorosas. Ele diz que a cultura ocidental consumista da eterna obsolescência também atinge os relacionamentos. Assim, as pessoas, de fato, até querem se relacionar, mas nos moldes de uma eterna busca

pelo “frisson” do apaixonamento, mediante relacionamentos rápidos, fugazes e descartáveis. Elas têm sempre a expectativa de que um próximo envolvimento será melhor do que o atual, em termos de emoção e prazer. Bauman (2004) refere-se ao comportamento da eterna busca do prazer imediato, em detrimento do esforço que é a construção de algo duradouro, como um relacionamento permanente. A permanência sólida e estável é vista como desestimulante e, por mais que homens e mulheres ainda queiram esse tipo de envolvimento, a cultura consumista imediatista da obsolescência faz com que as pessoas não estejam dispostos ao comprometimento de ter que lidar com as vicissitudes da convivência e da construção da relação a longo prazo.

Tais mudanças nas formas de se vivenciar a relação afetiva influencia os papéis e os posicionamentos de homens e mulheres na relação. Para as mulheres, as conquistas de espaço social, por exemplo, são inegáveis. Contudo, questiona-se como os homens estão lidando com essas transformações e com as novas demandas que lhe alcançam.

Entretanto, vimos que há, na contemporaneidade, diversas configurações de relações estáveis, cada qual demandando posicionamentos e gerando diferentes expectativas para os parceiros. Logo, o estudo se restringirá à coabitação e à união estável, formal ou informal.

III – O termo Masculinidades e suas implicações

Os estudos específicos sobre masculinidades são uma contribuição das teorias de gênero e dos estudos feministas. Contudo, desde as últimas décadas do século passado até os dias atuais, esses estudos vêm se firmando como um campo de estudo próprio.

Até a ascensão do feminismo da década de 1960, não se falava em masculinidade, a não ser para marcar a diferença entre masculino e feminino, de forma naturalizada e categórica. Defensores da teoria feminista, em um ambiente caracterizado pela opressão e subjugação masculina, que levava as mulheres a terem voz ativa e a se levantarem contra essa situação, consideravam que deveriam haver estudos sobre as feminilidades. Por outro lado, estudos sobre o homem não eram sequer cogitados, visto que as teorias estudadas até então, tanto nas ciências sociais quanto nas naturais, já possuíam um viés masculino e machista servindo, por si só, como um mecanismo de reforço à subjugação feminina pela masculina.

Butler (2003) aponta uma diferenciação entre sexo e gênero. Uma importante contribuição dos seus estudos consiste em tomar a noção de gênero como algo que é construído social e culturalmente, levantando a necessidade de se desnaturalizar ideias tradicionalmente propagadas, tais como as referentes à divisão de tarefas entre homens e mulheres. Sabe-se, historicamente, que na sociedade industrial e capitalista, coube ao homem o papel da *produção* e à mulher a *reprodução*, as tarefas relacionadas à esfera doméstica e o cuidado dos filhos (GROSSI, 2004). Assim, com as contribuições de Butler (2003), essas e outras questões de gênero passam a ser tratadas a partir de uma perspectiva ampla, que engloba diversas categorias além do masculino e do feminino - como, por exemplo, dos homossexuais e dos travestis.

A noção de masculinidades respalda esse novo olhar dos estudos de gênero. Usada no plural, esta noção torna-se contrária a uma representação única de masculinidade, homogênea,

atribuída a uma única representação de poder; associada a um binarismo entre homens, enquanto dominantes, e mulheres, submissas (CONNELL, 1995).

Em seus estudos sobre gênero, Connell (ibid.) parte do pressuposto de que a dinâmica das masculinidades é constituída por processos e práticas sociais. O processo de configuração do gênero masculino ocorre em três etapas. A primeira está relacionada com as relações de poder, cujo eixo principal é a subordinação geral das mulheres e a dominação dos homens através do poder patriarcal. A segunda diz respeito às relações de produção, e trata das desigualdades de gênero no mundo do trabalho. A terceira dimensão abrange as relações emocionais, alcançando a questão do desejo sexual e das práticas que o atualizam. Logo, a masculinidade hegemônica, específica em cada sociedade, posiciona o homem em uma situação de clara distinção de superioridade em termos de poder social em relação às mulheres, gerando dominação e subordinação em relação a tudo o que possa ser associado ao “feminino”, incluindo os homossexuais.

Grossi (2004) aponta que, no Brasil, esse comportamento de dominação é transmitido aos homens como a noção do “machão”, aquele que subjuga sexualmente o “feminino”, o que pode incluir também ter relações sexuais de forma ativa como homossexuais, sem que isso os caracterize como homossexuais, mas como “machos”, “comedores”. A mesma cultura machista que define que os homens devem ser os “comedores” é também a que justifica a infidelidade masculina, por exemplo. Goldenberg (2001), em seus estudos, já ouviu diversas justificativas para os homens traírem suas respectivas companheiras. É muito comum o homem atribuir a uma “natureza do homem” a sua “fraqueza”. Costuma-se ouvir dos homens que “a carne é fraca”, ou que se deve “fazer o papel de homem” e não deixar nenhuma mulher escapar de sua conquista. Na verdade, o que os homens atribuem a essa “natureza masculina” é uma cultura machista que é permissiva com a infidelidade masculina, apesar de hoje em dia isto se dar de forma mais velada do que há tempos atrás.

Welzer-Lang (2001) afirma que o desenvolvimento da sexualidade do homem tradicional, correspondente com a visão de masculinidade hegemônica, passa por coisificar as mulheres, tratando-as como objetos a serem obtidos. Connell (1995) vai mais longe e denuncia que, à época dos primórdios dos estudos de gênero, os homens sequer eram autorizados a defender as mulheres, pois eram diminuídos e ridicularizados em sua masculinidade. Nas palavras de Connell:

os homens que tentam desenvolver uma política de apoio do feminismo, sejam eles gays ou heterossexuais, não têm uma tarefa fácil. É provável que sejam ridicularizados por muitos outros homens e por algumas mulheres – é quase um chavão jornalístico que as mulheres desprezam os Homens Sensíveis da Nova Era. (CONNELL, 1995, p. 198)

Connell mostra que, não somente os homens eram responsáveis por perpetuar os comportamentos e pensamentos machistas, as mulheres também o faziam.

Atualmente, a ideia de masculinidades é cada vez mais defendida e remete à ideia de que pode até haver uma masculinidade que seja hegemônica, mas há outras formas de masculinidades, que não necessariamente disputam esse lugar de dominância do modelo hegemônico ainda em destaque. Querem, por sua vez, apenas legitimar sua existência, como acontece, por exemplo, com os grupos de homossexuais e transexuais. Essa é a principal crítica que é feita ao modelo de masculinidade hegemônica proposto por Connell (MEDRADO, LYRA, 2008; SANTOS, 2007). Contudo, a masculinidade hegemônica é, para alguns autores, um modelo ideal que os homens buscam alcançar. Além disso, a maioria dos pesquisadores reconhece que ainda é comum as pessoas associarem a masculinidade com a força física, a agressividade, a virilidade, o trabalho fora de casa e com a imagem do homem enquanto o provedor (CONNEL, 1995; KIMMELL, 1997; WELZER-LANG, 2001; MEDRADO, LYRA, 2008; GROSSI, 2004).

Um estudo feito por Wang, Jablonski e Magalhães (2006) aponta como as crianças são criadas a partir dos modelos identitários de seus pais, que por si só carregam sutilmente as características de masculinidade e virilidade impostas pelo regime patriarcal:

O modelo de virilidade que imperou inquestionável até bem pouco tempo deu origem a um processo de socialização opressivo e estereotipado, através do qual o menino aprende a ignorar suas necessidades afetivas, desvalorizando aquilo que sente e ignorando seus desejos mais íntimos. Meninos crescem estimulados a ser livres e independentes, a contar vantagens e alardear seus méritos, desenvolvendo o senso de competitividade como uma das principais características à sobrevivência na vida adulta. A preocupação com o desempenho será uma constante ao longo de toda a vida e, desde cedo, eles são incentivados a participar de atividades e jogos nos quais só há duas possibilidades: vencer ou perder. É como se não existisse o prazer pelo jogo em si, independentemente de seus resultados. (WANG, JABLONSKI, MAGALHÃES, 2006)

Nolasco (1983) também compartilha a visão de que homens são “formatados” a partir de um modelo de masculinidade forte e imutável desde a infância.

O cotidiano dos meninos está permeado por observações tais como: ‘isto é brinquedo de menina’, ‘menino não chora’, ‘menino não abraça nem beija outro menino, só os maricas’, ‘você transou com ela? Não? É muito bobo’, ‘você é um medroso, parece mulher’. Enfim, uma gama de afirmações vindas em um primeiro momento da família, posteriormente da escola e das relações sociais, fará crer aos meninos que existe um homem viril, corajoso, esperto, conquistador, forte, imune às fragilidades, inseguranças e angústias. (NOLASCO, 1983, p.42)

Badinter (1993), no entanto, afirma que a noção de uma masculinidade homogênea está em crise. Ela aponta como uma das causas o conjunto das transformações comportamentais das mulheres e o questionamento da posição dominante e patriarcal masculina. Um problema que vem ganhando espaço nas discussões sobre os estudos de gênero é a expectativa sobre o desempenho do indivíduo do sexo masculino. Pela visão de Badinter (ibid.), o imaginário social faz pesar sobre o homem desde o berço, a obrigatoriedade de se desenvolver como o melhor em todas as áreas da competição humana, como um estigma, um fardo. Há um ideal de masculinidade assinalado por Badinter da seguinte forma:

Ser homem implica um trabalho, um esforço que parece não ser exigido das mulheres. É mais raro ouvir ‘seja mulher’ como uma chamada à ordem, enquanto a exortação feita ao menino, ao adolescente e mesmo ao adulto masculino é lugar-comum na maioria das sociedades. Sem ter plena consciência disso, agimos como se a feminilidade fosse natural, portanto inelutável, enquanto a masculinidade tem que ser conquistada, e a alto preço (BADINTER, 1993, p.3)

Ela defende a crise da masculinidade, pelo menos da hegemônica, pois a sociedade patriarcal e conservadora colocou o homem como único e modelo a ser seguido pelos demais membros sociais, impondo-lhe uma forma de vida que foge às suas próprias condições humanas de existência. Frases como "homem não chora", "é agressivo por natureza", "é um traidor nato", entre outras, são questionadas e levam um grande contingente masculino a buscar explicações para tantas mudanças no seu espaço social (BADINTER, *ibid.*)

O campo de estudos sobre masculinidades começou a ser desenvolvido No Brasil a partir da década de 1990. Alguns grupos de pesquisa, provenientes das regiões sul e sudeste do país, desenvolveram estudos sobre aspectos relacionados à masculinidade. Estudos situados nas áreas de Antropologia e Psicologia Social deram início ao campo de estudos das masculinidades, e hoje o campo já está consolidado. Pesquisas desenvolvidas na UFPE, através de nomes como Benedito Medrado e Jorge Lyra, bem como na UFSC, com Miriam Pillar e PUC-SP, dentre outros, consolidam o campo de estudos no Brasil. As pesquisas desenvolvidas levam em consideração o homem moderno e tudo o que o atravessa em termos sociais, como por exemplo o trabalho, seus afetos e a sexualidade. A busca do conhecimento leva a estudos tanto sobre a compreensão da constituição de suas subjetividades, como sobre o modo como valores socialmente compartilhados contribuem para a relação deles com as mulheres e com os avanços feministas.

Arilha, Ridenti e Medrado (1998), estudaram adultos jovens, que se tornaram pais ainda adolescentes. A súbita passagem da juventude para a vida adulta, com o aumento de responsabilidades, trouxe um novo sentido de valor para eles, pois compreendiam que agora faziam parte de um mundo onde eram valorizados devido à sua capacidade de ser provedor. Por outro lado, Buffon (1992), ao fazer uma etnografia sobre o homem sensível, pesquisou um grupo de homens de classe média, solteiros, entre 30 e 35 anos e que moravam sozinhos. A autora percebeu que esses homens representavam um tipo de masculinidade que se

contrapunha ao modelo hegemônico, machista. Não tinham problema quanto à expressão de afetos e sentimentos, tampouco quanto a realizar tarefas domésticas. Esses homens não se sentiam diminuídos nem oprimidos por isso. Justamente o oposto, sentiam que adquiriam poder e prestígio por saberem cozinhar e terem uma boa capacidade de organização pessoal.

Os países da América Latina são promissores nos estudos sobre masculinidades, com trabalhos já realizados e em andamento nas temáticas sobre reprodução e paternidade, homens jovens, entre outros. Alguns pesquisadores responsáveis por tais pesquisas são: Norma Fuller, na Universidade Católica de Lima, no Peru; Tereza Valdes José Olavarria, na faculdade FLACSO, no Chile; Juan Guillermo Figueroa, na Universidade Aberta do México, dentre outros. Alguns destes pesquisadores realizaram atividades em conjunto com pesquisadoras feministas brasileiras (ênfase para Albertina Costa, da Fundação Carlos Chagas, com o programa de bolsas para pesquisas e intervenções sobre gênero e, alguns anos depois, sobre masculinidades), consolidando um campo de estudos de gênero e, mais tarde, especificamente de masculinidades.

Os estudos sócio-históricos de Olavarría sobre o perfil de masculinidade dos executivos de empresas transnacionais no Chile oferecem uma visão que talvez não seja tão distinta da realidade brasileira. Olavarría (2008) descreve os executivos chilenos como herdeiros de uma sociedade patriarcal, cujos pais se enquadravam no modelo tradicional de pai provedor e mãe dona-de-casa. Há uma preferência evidente, entre os que são casados e pais, de que suas esposas não trabalhem e dediquem seu tempo ao lar e ao cuidado dos filhos, o que requer muita negociação por parte do casal. Isso aponta para uma visão tradicional de masculinidade, relacionada ao patriarcalismo: a do homem-marido-pai-provedor.

Ainda no estudo de Olavarría (2008), o perfil de executivos é de predominância de homens sobre mulheres. Não há tantas mulheres executivas, o que é uma realidade extensa a

diversas sociedades ocidentais, e as que ocupam cargos executivos acabam abrindo mão da opção de serem mães. Quando o são, ou abdicam da função no trabalho, ou delegam o cuidado da criança a terceiros, normalmente uma pessoa contratada para isto.

Atualmente na Europa, em Portugal, Sofia Aboim desenvolve estudos sobre masculinidades em arranjos familiares de Portugal (WALL, ABOIM, CUNHA, 2010) e em sociedades pós-coloniais, como a de Maputo, em Moçambique (ABOIM, 2008). Na sociedade portuguesa, Aboim relata que ocorreram transformações em um curto espaço de tempo (cerca de 30 anos), em comparação com outras sociedades ocidentais que vivenciaram a ascensão do movimento feminista no século XX. Ela menciona que os homens estão passando por um processo de mudança em virtude das transformações sociais vividas pelas mulheres. Eles, que vêm de uma tradição patriarcal de serem os provedores, já compartilham espaço no mercado de trabalho com as mulheres e dividem tarefas domésticas em casa, embora em menor proporção, de modo que as mulheres ainda têm que arcar com encargos maiores de trabalho devido à dupla jornada, fora e dentro de casa (Aboim, 2010).

Em Maputo, Aboim (2008) pesquisou modelos identitários e configurações de masculinidades entre homens da classe média-baixa. Ela constatou a existência de um hibridismo no modelo que define esses homens moçambicanos - costumes pós-coloniais são associados a tradições coloniais, resultando em masculinidades híbridas. Como exemplo, menciona a alteração de um costume a partir da colonização portuguesa., Tradicionalmente, existe a imagem do homem provedor, chefe de família, em uma estrutura tribal em que a poligamia é aceita como costume e onde é considerado um homem bem sucedido aquele que consegue ter e sustentar o maior número de esposas e filhos. A colonização portuguesa trouxe o modelo cristão de casamento e família monogâmica, como proposta de substituição ao casamento tribal, que sequer considerava a união civil, mas o pagamento de um “dote” à família das esposas.

O que se verifica enquanto hibridismo em Moçambique é que, para os homens, o casamento monogâmico já é amplamente aceito, mas muitos ainda se sentem na obrigação de pagar o “lobolo” – dote – à família da esposa. No âmbito econômico, Moçambique é um país pós-colonial de economia capitalista em uma estrutura pós-tribal, o que traz muitas dificuldades financeiras aos trabalhadores de classe média e média-baixa.

Consequentemente, apoiados na visão tradicional de masculinidade, os homens sentem-se incomodados de não serem mais os provedores exclusivos de sua família. Contudo, muitos já aceitam a negociação da divisão das tarefas por gênero no ambiente doméstico. De forma semelhante ao que acontece em Moçambique, essa mudança de papéis relativos às masculinidades é o que se verifica em praticamente todas as sociedades ocidentais, assim como as dificuldades subsequentes em se lidar com elas. O homem não é mais exclusivamente o provedor, percebendo-se em um panorama amplo de mudanças sociais que interferem no ambiente doméstico, conjugal, bem como nos aspectos subjetivos de como se posicionar diante dessas transformações sociais contemporâneas.

IV – Metodologia do estudo

A pesquisa realizada no âmbito das Ciências Humanas e Sociais possui características específicas e distintas da realizada em Ciências Naturais. A considerar-se pela própria natureza do objeto de estudo: os seres humanos e os processos sociais. Deste modo, a metodologia proposta para o estudo em questão é a pesquisa qualitativa. A opção por essa metodologia é justificada nas palavras de Minayo:

[a pesquisa qualitativa] trabalha com o universo de significado, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1996, p.21).

O método utilizado foi o estudo de caso, oriundo da sociologia e da antropologia, na passagem do século XIX ao século XX, cuja finalidade é a de realçar os aspectos inerentes à vida social, considerando-se um modo particular de estudo de um determinado contexto social, bem como a escolha do objeto a ser estudado, com o qual há uma interação (ANDRÉ, 2005). O estudo de caso proporciona a realização de uma análise profunda, a partir do exame detalhado de um ambiente ou uma situação em particular, ou até mesmo de um único sujeito (GODOY, 1995).

A partir dessas considerações, minha investigação, fundamentada nos pressupostos de Rey (2003) e da Rede de Significações (2004), foi desenvolvida como um estudo de casos. Utilizei para a coleta de dados entrevistas semiestruturadas e para a análise dos dados a técnica de análise do conteúdo (BARDIN, 2000).

4.1 – Participantes, contexto do estudo e procedimentos.

Tendo em vista a finalidade deste estudo, identificar o que homens pensam sobre os posicionamentos ocupados por eles e que lhes são atribuídos no convívio conjugal, foram

selecionados quatro homens cariocas, entre 25 e 40 anos, que estavam vivendo uma relação conjugal de coabitação ou união estável.

A escolha por esses tipos de conjugalidades se justifica por ser considerado que o homem que opta por morar junto com a namorada está vivendo uma fase que tanto pode ser transitória em direção ao casamento, como pode ser uma forma de vinculação a uma companheira sem tanto comprometimento. Nas palavras de Bauman:

viver juntos (“e vamos esperar para ver como isso funciona e aonde vai nos levar”) ganha o atrativo de que carecem os laços de afinidade. Suas intenções são modestas, não se prestam juramentos, e as declarações, quando feitas, são destituídas de solenidade, sem fios que prendam nem mãos atadas. (BAUMAN, 2003, p.46)

Considera-se que, para os homens que escolhem “morar junto”, há uma nova atribuição de papéis e responsabilidades referentes à vida “a dois”. Contudo, os laços conjugais ainda não são fortes o bastante, de modo que ainda estão preservadas muitas das características que se atribuem ao homem solteiro.

O fato de todos os participantes pertencerem à classe média e residirem na Zona Sul justifica-se devido a este estudo integrar o corpo de projetos desenvolvidos a partir da pesquisa “Processos de subjetivação: a construção de sentidos e identidades” (coordenado pela Professora Leila S. Almeida) em diversas regiões do Rio de Janeiro.

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE 2) que tinham como eixos norteadores os seguintes temas: imagem masculina, relações afetivo-sexuais, fidelidade (masculina e feminina) e trabalho. As entrevistas, gravadas, ocorreram em locais estabelecidos em comum acordo com o entrevistado tendo, portanto, três sido realizadas nas residências dos participantes e uma na casa do pesquisador. Antes de sua realização, foi solicitado aos participantes a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE 1) e a permissão para o uso de gravador de voz.

A escolha do uso de entrevista se justifica pelo fato de ser um instrumento de pesquisa que facilita a abertura, a ampliação e o aprofundamento da comunicação com as pessoas entrevistadas, possibilitando-lhes uma participação ativa no processo de investigação, já que lhes cabe contribuir com suas experiências e visões (MINAYO, 2000).

As entrevistas foram integralmente transcritas. Após algumas leituras das transcrições, foi feita a análise de conteúdo (BARDIN, 2000) do material (considerando-se os erros gramaticais, pausas, ênfases, riso, choro, etc), o que levou a recortes de trechos relevantes à questão estudada. Foi escolhida essa técnica para a análise do *corpus* do estudo por sua compatibilidade com a abordagem teórica adotada. Ela permite que se destaque os sentidos e os significados emergentes.

Os recortes destacados levaram à construção de dois eixos de análise: masculinidade, que inclui os sub-eixos: depoimentos próprios sobre a visão masculina, expectativas femininas sobre o posicionamento masculino (a partir da visão dos homens), e expectativas masculinas sobre os relacionamentos; e conjugalidade (vivência da relação) que, por sua vez, abrange os sub-eixos: sexualidade e fidelidade, projetos conjugais, trabalho, história familiar e valores.

V – Os casos estudados

5.1 – Caso 1: Marcos

Cheguei até o Marcos por indicação de uma amiga, que sabia que eu procurava para as minhas entrevistas homens que moram com suas namoradas, mas que não sejam casados oficialmente, configurando assim uma relação estável ou coabitação. No caso do casal Marcos e Joana, eles moram juntos, em regime de coabitação. Marcos namora Joana há quase um ano e moram juntos há um ano e um mês.

Marcos e Joana possuem, respectivamente, 28 e 26 anos. Joana morava sozinha e, após algum tempo de namoro, o casal optou por morar junto, na casa dela. Antes da Joana, Marcos teve uma breve experiência de trabalho no exterior como intercâmbio da faculdade, tendo morado com uma namorada e outros amigos em uma mesma casa durante seis meses.

Tanto Marcos como Joana trabalham. Ele é empresário, ela trabalha em uma empresa de grande porte.

1 – MASCULINIDADE

a) Visão masculina

Comecei perguntando a Marcos o que é ser homem.

(ENTREVISTADOR: Na sua opinião, o que define um homem?)

Marcos: O que define um homem? Pra mim, o homem é chefe de família, um cara que zela não só pela casa, mas pela família como um todo. Tem mais responsabilidades, mais dever de educar...

Marcos respondeu segundo uma visão de homem diretamente vinculada à família, portanto, explorei mais, perguntando sobre aspectos do homem em geral.

(ENTREVISTADOR: Isso você está dizendo é do homem em família, não é? E no geral?)

Marcos: O homem tem uma fase de autoafirmação, onde ele quer se afirmar perante o grupo. Depois, tem a fase adulta, em que ele procura uma coisa mais de construção de família, de carreira, de patrimônio, etc.

De acordo com a fala de Marcos, vê-se que ele define um homem segundo o grupo e o contexto em que vive. O homem, na sociedade em que ele está inserido, tem uma preocupação com o posicionamento que ele ocupa diante do grupo. Patrimônio e status, para a classe média, transmitem uma imagem que é fundamental para caracterizar uma pessoa como sendo bem sucedida (MONTEIRO, 2001).

Quando perguntado sobre o significado de masculinidade, Marcos ficou um pouco confuso e, mais uma vez, deu uma definição vinculada à alteridade, no caso, a feminina.

(ENTREVISTADOR: Então o que é masculinidade para você?)

Marcos: Acho que masculinidade, assim, é quando o homem se sente bem, quando ele satisfaz uma mulher na cama. Quando ele está bem com seus princípios em relação à mulher. Não saberia definir muito além disso não... Acho que o homem se define como masculino quando tem a mulher para ele exercer a sua masculinidade.

Nota-se que a significação que Marcos faz sobre a masculinidade tem a ver com a virilidade, com a capacidade de satisfazer a parceira através do sexo. Esse aspecto da masculinidade, associada à virilidade, está relacionado à definição de masculinidade hegemônica de Connell (1985). Quando perguntado sobre sua definição de mulher, Marcos responde com alguma dificuldade, demonstrando que a questão de gênero implica em uma contraposição de papéis. Ele diz que a mulher é mais caseira em comparação com o homem. Este é mais de ir para a rua, de ter a vida mais voltada para fora da casa, para o trabalho. Em sua concepção, a mulher ainda é o sexo frágil e é mais dependente do que o homem.

A seguir, perguntei a Marcos sobre as diferenças entre homens e mulheres em uma relação.

(ENTREVISTADOR: Você acha que existem diferenças na forma de homens e mulheres estarem numa relação?)

Marcos: Ah, existe... Até porque o homem não foi criado para se virar sozinho... Ainda é uma realidade que os homens são criados de um jeito diferente das mulheres. É muito mais fácil pro homem se acomodar. Ele é criado pela mãe, sem ter que fazer as coisas em casa. Daí, quando vai morar com alguém, acaba esperando que a mulher faça essas mesmas coisas para ele. A mulher acaba virando meio que uma empregada. Pra mulher é mais natural algumas coisas, como cuidar da casa, fazer compras, fazer comida... Coisas que normalmente o homem acha chato de fazer. Acho que não todos os homens, mas a maioria...

Marcos fala que cabe às mulheres o papel de cuidar da casa. A mulher é semelhante a uma empregada. Em seguida, ele afirma que a criação dos filhos pelas mães é responsável por essa visão dos homens e por sua conseqüente acomodação face às tarefas domésticas, “naturalmente” femininas. Os filhos não são criados para serem autossuficientes no âmbito doméstico. Eles são criados com vista à conquista do espaço externo à casa, para trabalharem e conquistarem sua independência no mundo exterior, apesar de dependentes de outra pessoa, a mulher, na esfera doméstica.

Procurei ampliar a questão masculina, perguntando como ele enxerga os homens em geral em suas relações conjugais.

(ENTREVISTA: Como você vê a relação dos outros homens com suas mulheres ou namoradas?)

Marcos: Eu acho que tem os caras que são mais independentes... Acho que é uma independência romântica, nesse caso. É o cara que, “ah, vou fazer alguma coisa romântica, vou fazer um jantar pra você”... Ele está naquela posição de ele querer agradar a ela mais do que a ele mesmo... E acredito que tenha outros caras que sejam mais relaxados. “Ah, se eu não fizer, então vou pedir alguma coisa, ou vamos comer fora”... Acho que, no caso assim de afazeres domésticos, etc. E bem, pode ter o caso do cara que acaba sendo relaxado, e acaba gerando algum conflito entre o casal.

Marcos discrimina “tipos” de homens nas relações conjugais. Há o homem que gosta de agradar a parceira, sendo romântico e preparando um jantar, por exemplo. Há outro tipo que ele qualifica como “mais relaxado”, o que não coopera diante dos afazeres domésticos, mas também não exige que a parceira os cumpra. E ainda há aqueles homens que, por serem

“relaxados demais”, provocam algum tipo de insatisfação por parte da companheira e que, por isso mesmo, acarreta problemas para o casal.

É possível dizer que, apesar da fala de Marcos, esses “tipos” podem coexistir em uma mesma pessoa, e se alternam de forma dinâmica. O próprio Marcos se considera uma pessoa romântica, mas que não tem atitudes românticas a todo tempo. Pedi a Marcos que me explicasse o termo “independência romântica”.

(ENTREVISTADOR: O que seria essa independência romântica?)

Marcos: Eu até já fui numa época, há muito tempo atrás [risos]. É aquele cara que gosta de pegar pequenos detalhes e demonstrar para a namorada, ou para a companheira, de algum modo, que ela fique encantada com o tipo de homem que ele é. São as pequenas coisas que as mulheres entendem como diferenciais. Acaba que, no dia a dia de um relacionamento, você acaba esquecendo. Você faz muito no início de namoro: de acordar e dar bom dia, dar beijinho, etc. Certas coisas que, no dia a dia, você vai perdendo. Que, pro homem, não faz tanto sentido, mas, pra mulher, ela entende como muito importante na relação.

Marcos se afirma como um ex-romântico e diz que esse romantismo se perdeu com o passar do tempo de relacionamento. Diz até mesmo que o romantismo é um mecanismo para impressionar a parceira. Ele é utilizado para a conquista. Afirma que “pro homem não faz tanto sentido”, referindo-se a gestos românticos, que eram executados no começo do relacionamento. Com a rotina e a suposta garantia da conquista, não havia mais necessidade da manutenção desses comportamentos, pelo menos na visão do homem, visto que ele reconhece ser o romantismo importante para a mulher.

Levando em consideração a imagem que Marcos tem sobre os homens, pode-se dizer que para ele (e ele afirma que o é para muitos), ser romântico é quase uma conveniência, de modo a assegurar a conquista da pessoa que vai lhe cuidar. Quando a conquista se efetiva e se consolida, com o tempo cessa a necessidade do romantismo para os homens.

b) Demandas femininas

Tendo visto o que é masculinidade para Marcos, a partir de agora será abordado como as mulheres o veem, os posicionamentos, demandas e expectativas femininas que recaem sobre ele.

Perguntei primeiro o que as mulheres buscam nos homens, para conhecer as demandas femininas que ele destaca, especialmente as que dizem respeito a posicionamentos esperados para os homens.

(ENTREVISTA: O que você acha que as mulheres esperam dos homens na relação?)

Marcos: Muito mais do que os homens querem das mulheres [risos] (...) As mulheres esperam que o cara seja romântico, que faça tudo por elas. As mulheres ainda tem essa coisa de esperar o príncipe encantado, que proporciona uma vida maravilhosa para elas (...) O homem se satisfaz com menos que a mulher. A mulher já precisa de uma pessoa mais companheira do que o homem necessita. Quer uma pessoa mais carinhosa, uma pessoa que saiba escutar, que saiba entender os momentos difíceis que uma mulher passa... Um homem que seja um exemplo pros filhos dela, como pai, como homem, como personalidade. Uma pessoa que esteja sempre feliz quando ela chega do trabalho, por qualquer motivo que tenha chateado ela... Que deixe ela sempre pra cima. A qualquer momento que ela se sinta feia, o homem consegue colocá-la para cima.

Marcos acredita que as expectativas femininas são muito mais numerosas que as masculinas. Perguntei-lhe, então, se ele correspondia a essas expectativas. Reafirmando sua fala anterior, ele afirmou que deixa a desejar na questão romântica. Considero que o romantismo é uma questão que está imersa na cultura patriarcal, em que o homem é o provedor e o “príncipe encantado” que vai proporcionar tudo.

Perguntei, em seguida, sobre as demandas de outras mulheres que o conhecem, como sua mãe e suas amigas. Mulheres que não estão em uma relação de conjugalidade com ele, mas que o conhecem bem.

(ENTREVISTADOR: O que você já ouviu de demandas, queixas ou reclamações de outras mulheres?)

Marcos: Ih tem tanta coisa... Ah, já me falaram que eu era muito frio, certas vezes. Que eu era bipolar, que às vezes tava muito bem, outras tava muito mal... teoricamente isso... Ah, e que eu sou grosso [risos] (...) É engraçado. Quem tá de fora acha que... Tirando todo o histórico de galinhagem, etc. Mas acham que eu sou uma boa pessoa, um cara bom pra estar junto, companheiro, etc. Acaba que o lado grosso fica pra quem está perto nesse momento, na convivência do dia a dia.

(ENTREVISTADOR: E você acha que essas queixas têm fundamento?)

Marcos: Cara, tem! Até pela bipolaridade... Tipo, eu sou um cara romântico, mas não sou um cara romântico 100% do meu tempo. Digamos que eu sou 30%. Então, aquela coisa de viver um relacionamento dos sonhos, aí eu posso acordar um dia mal e posso ser o pior cara pra se estar do lado. E aí é nesses momentos que eu sou grosso. (...) É mais por causa de estresse do trabalho mesmo. Fora isso, estresse pessoal é muito raro. Sempre fui um cara de bem com a vida e tal...

A “frieza” a que se refere Marcos está relacionada às demandas de romantismo, às quais ele afirma que não corresponde. Assume que, muitas vezes, leva frustrações do ambiente de trabalho para o ambiente doméstico e as mulheres próximas a ele se queixam disso. Menciona que já foi *galinha*, mas voltaremos a isso em um próximo tópico.

Ainda em relação às demandas externas, perguntei quais seriam as queixas de sua companheira a seu respeito, de modo a conhecer as demandas conjugais atribuídas aos seus posicionamentos masculinos.

(ENTREVISTADOR: Quais são as queixas da Joana sobre você?)

Marcos: Então, a da Joana é a bipolaridade que ela fala. Ela fala que às vezes eu tenho o coração muito frio, que não demonstro meus sentimentos. De repente num momento de briga, acaba que eu... Por estar, na parte da minha empresa, na parte comercial, eu acabo absorvendo muito estresse de clientes. Eu tenho que transparecer o mínimo meu estresse pra eles. E acaba que isso criou uma barreira que eu consigo absorver coisas sem repassar. (...) Digamos que se eu tivesse passado por um momento ruim, eu não estaria aqui chorando, aos prantos, demonstrando que eu to triste, por exemplo. Então, meu modo de demonstrar sentimentos é diferente do que ela está acostumada a ter...

As queixas e demandas que ele atribui à companheira são semelhantes às queixas que ele apresentou vindas de outras mulheres que ele conhece. Marcos reconhece que, por vezes, ele leva as frustrações do trabalho para casa, se comportando de forma estressada.

c) Expectativas do próprio entrevistado

Após investigar as expectativas das mulheres a respeito dos homens, serão abordadas, aqui, as expectativas do homem sobre os relacionamentos conjugais. No caso, Marcos fala sobre o que os homens em geral querem e o que ele próprio quer, ou espera, de uma relação conjugal.

(ENTREVISTADOR: O que os homens querem das mulheres?)

Marcos: Acho que primeiro alguém pra estar junto, compartilhando dificuldades, evoluções... Uma parceira na cama também. Uma parceira que saiba escutar, que saiba estar do lado dele. Uma parceira que possa ser a futura mãe dos filhos dele.

Marcos, ao falar sobre a expectativa masculina, também está falando de si próprio. Basicamente, ele relata que o que os homens querem de uma relação, inclusive ele mesmo, é a partilha de experiências e de crescimento. Ele aponta a relação sexual como importante para a vida conjugal, devendo a mulher ser parceira na esfera sexual e na afetiva.

(ENTREVISTADOR: O que você pensa sobre a igualdade de posições entre o homem e a mulher num relacionamento?)

Marcos: Eu acho que não é igual para o homem e para a mulher... Mas têm coisas que você divide mais, como eu falei. No meu caso, eu prefiro que a mulher trabalhe, que tenha a vida dela, o dinheiro e as coisas dela. Não quero uma filhinha de papai que não faça nada... Eu sou empresário, a pessoa tem que entender a minha vida, meus horários. Às vezes chego tarde, tenho que fazer alguma coisa de trabalho um sábado ou outro... Uma pessoa que trabalha, que tem as coisas dela, vai entender isso. E a Joana é assim, ela não esquentava a cabeça.

Destacando a primeira parte da fala de Marcos, ele afirma que quer uma mulher que tenha uma postura autoafirmativa na vida, de independência e de busca dos próprios ideais. Marcos não se interessaria por uma mulher completamente passiva ou submissa. Isso está de

acordo com o que ele diz sobre o crescimento em conjunto do casal. Para crescer junto, é necessário um movimento de ambas as partes na mesma direção:

(ENTREVISTADOR: O que é para você uma relação afetiva?)

Marcos: Pra mim uma relação é companheirismo. É uma pessoa que está com você para construir uma vida juntos. É cumplicidade...

2 – CONJUGALIDADE

a) Fidelidade

Uma questão que surgiu na entrevista e torna relevante sua análise pelo modo como isso ocorreu é a fidelidade. As relações da contemporaneidade são marcadas por uma pluralidade de conjugalidades, algumas das quais são bem fugazes. A geração de Marcos está inserida nesse contexto de conjugalidades plurais, como o *ficar*, por exemplo.

Marcos contou que, antes de morar junto com Joana, passou por diversas experiências de relacionamentos, desde as mais breves e fugazes, até namoros com duração de dois anos. Em determinado momento, surgiu o tema da traição. Marcos levantou um aspecto cultural: o fato de que ao homem é permitido ser infiel, “galinha”. É uma permissividade velada, mas a fala de Marcos torna clara sua “aceitação” cultural.

(ENTREVISTADOR: O que você acha da fidelidade masculina e feminina?)

Marcos: Para o homem não funciona muito não [risos]... O homem tem mais dificuldade de segurar. Vou falar por mim mesmo. Em todos os meus outros 12 namoros, eu sempre traí.

Refletindo a partir de suas experiências conjugais, Marcos afirma que sempre foi infiel em seus relacionamentos anteriores. Pela naturalidade como aborda o tema, deixou claro que isso é algo relativamente comum entre os homens. Por fim, ele diz que não foi infiel à atual companheira, que a relação com ela é outra, é “coisa séria”.

b) Projetos Conjugais.

Os projetos conjugais incluem todos os planos que os membros do casal fazem para a vida conjunta, incluindo filhos, patrimônio e carreira profissional. Marcos deixa claro, quando eu perguntei o que é uma relação afetiva, que para ele, estar em uma relação hoje implica necessariamente em fazer planos.

(ENTREVISTADOR: O que é para você uma relação afetiva?)

Marcos: Pra mim uma relação é companheirismo. É uma pessoa que está com você para construir uma vida juntos. É cumplicidade... Porque chega uma época na vida que você quer uma estrutura, uma pessoa que esteja ali com você, companheira. Com o tempo, o que fica é isso mesmo, o companheirismo. Mas isso vem com o amadurecimento, né... Quando a gente é mais novo não pensa tanto assim.

Marcos ressaltou o companheirismo como o sentimento mais importante em uma relação, embora afirme que, pelo menos para ele, essa percepção – e até mesmo a busca disso na parceira – veio com uma certa idade, o que ele chamou de amadurecimento. Marcos teve vários relacionamentos, alternando entre relações de curta e de longa duração. Ele afirmou que antes de conhecer Joana, teve namoros que variaram entre três meses e dois anos.

Perguntei-lhe, então, se houve diferenças na forma dele se relacionar com as mulheres, nesses diversos tipos de namoro. Diante de sua afirmativa, questionei-lhe que tipos de namoros foram esses.

(ENTREVISTADOR: Me conta quais tipos de namoro você considera que existem?)

Marcos: Ah, tem desde as que eu ficava... E, às vezes, ficava mais de uma vez, mas que não rolava sentimento nenhum. Têm aquelas que você vai ficando, do tipo de ficar encontrando na night e ficar, mas aí você vai ficando, ficando... E quando eu percebia, dali a um tempo, eu me dava conta de que estava gostando dela. Têm aqueles relacionamentos que é puramente físico, que não rola envolvimento mesmo, mas se a gente sai junto, se encontra, rola aquela coisa de querer ficar e tal (...) Às vezes, é uma pessoa com quem você não tem quase nada em comum, mas essa parte do sexo flui bem. E claro, têm esses relacionamentos em que você realmente gosta da pessoa a ponto

de querer estar junto com ela. Sai daquela coisa só do tesão e passa pro companheirismo, pra querer ter uma vida junto.

Marcos é da geração que cresceu com a ideia do *ficar* como algo natural, uma experimentação de uma relação com trocas de beijos e carícias, muitas vezes baseadas em atração física, sem que haja necessariamente uma vinculação afetiva com exclusividade e permanência, como um namoro (MATOS, FÉRES-CARNEIRO & JABLONSKI, 2005). Ele conta que viveu diversas experiências desse tipo. Seu relato, com naturalidade, mostra que isso é aceito e amplamente vivenciado pelas pessoas de sua geração. Ainda segundo ele, é possível que a “ficada” possa se tornar um namoro. Por fim, Marcos ressalta que o companheirismo é a marca de uma relação com vínculo afetivo.

Questionei-lhe sobre o objetivo de se ter uma relação afetiva e, quando, de fato, há a escolha por uma pessoa, criando-se um vínculo, muitas vezes implícito, de fidelidade e exclusividade.

(ENTREVISTADOR: Qual o objetivo de se ter uma relação afetiva?)
Marcos: Ah, é construir um patrimônio. É compartilhar as coisas. É ter alguém que cuide de você. O homem quer alguém que cuide dele, precisa de alguém que cuide dele. E acho que tudo precisa ser conversado, você tem que estar com uma pessoa com quem você consiga conversar, caminhar junto...

Para Marcos, uma relação envolve partilha e construção de uma vida juntos. No entanto, fica claro que, para ele, o homem deve ser cuidado pela mulher. A partir da Rede de Significações, podemos compreender que uma pessoa pode transitar entre diferentes posições, muitas vezes contraditórias, em um relacionamento. Daí a visão de Marcos de que o homem deve ser o provedor, deve compartilhar e crescer junto com a parceira, mas também deve ser cuidado. Cabe à parceira cuidar dele, como se ele, apesar de independente, com uma posição afirmativa de trabalho, não fosse apto a cuidar de si próprio. Em uma relação conjugal, o homem deve ser o cuidador da família e deve ser cuidado pela mulher, simultaneamente.

Perguntei se ter filhos estava incluído nos objetivos ao se ter uma relação. Marcos respondeu que sim, sendo que este deve ser um passo muito bem pensado e planejado, por ser importante. Em termos de se adaptar a muitas coisas e a uma mudança que ele considera bem grande, ele diz que é necessário estar preparado. Questionei-lhe, então, sobre ele se sentir preparado.

(ENTREVISTADOR: E você, se considera preparado para ter filhos?)
Marcos: Com certeza, não [risos]. Nós temos um gato! Você ter um animal de estimação ajuda a entender como é a rotina com alguém que você precisa cuidar. Apesar disso, é um animal que é meio independente, você pode sair e deixá-lo em casa sem problemas, mas aí quando você chega ele te dá carinho. É bem legal.

Cabe ressaltar que foi perguntado também sobre a decisão de morar juntos, e o porquê de morar juntos antes de casar, ou de apenas morarem juntos.

(ENTREVISTADOR: Como foi a decisão de morar juntos?)
Marcos: Eu converso muito, assim, com meus amigos e acho que uma vantagem de você morar junto antes de casar é você conhecer a pessoa no dia a dia... Como lidar com a pessoa no dia a dia, que é muito diferente. Então, quando você se casa com uma pessoa e começa a morar junto, você já entra num barco sem saber o que vem por aí, mas já com um contrato assinado que você não pode descumprir.

A escolha de morar juntos é um passo importante a ser dado, antes de se decidir pelo casamento, pois possibilita que se avalie a convivência do casal na rotina diária.

c) História familiar

Em seguida, perguntei sobre a relação de seus pais, para conhecer a história familiar que ele traz sobre conjugalidade.

(ENTREVISTADOR: Como era a relação entre seus pais?)
Marcos: Eles se separaram eu tinha uns 8 anos de idade e fui morar com a minha mãe. Foi meio traumático na época, mas eu acho que foi o melhor para eles (...) Sinceramente eu não tenho muita lembrança dos dois juntos. Eu era muito pequeno. Mas depois que eles se

separaram, melhorou muito. Eu me lembro que eu discutia muito com a minha mãe... Convivência, né?... E eu só vim descobrir o motivo da separação quando eu já estava bem mais velho (...) Traição. Da parte do meu pai.

Com relação ao histórico dos pais, o pai foi “galinha”, infiel, o que concede ao filho uma permissão implícita para também sê-lo. Há ainda uma condição implícita nessa permissividade velada: não se pode ser descoberto, ou se coloca em risco o casamento.

d) Trabalho

Apesar da questão do homem enquanto provedor ser um objetivo, de certa forma, ainda almejado por homens e mulheres na contemporaneidade, concomitantemente é cada vez mais comum o discurso de defesa da possibilidade de ambos os membros do casal trabalharem fora – mesmo, muitas vezes, o homem não reconhecendo a contribuição feminina na renda doméstica. O fato é que, desde os movimentos de emancipação feminina, na segunda metade do século XX, as mulheres vêm conquistando cada vez mais o seu espaço no mercado de trabalho (ALMEIDA, 2007; ROCHA-COUTINHO, 2003). Como vimos, Marcos também defende que Joana trabalhe:

(ENTREVISTADOR: O que você pensa sobre a igualdade de posições entre o homem e a mulher num relacionamento?)

Marcos: Eu acho que não é igual para o homem e para a mulher... Mas têm coisas que você divide mais, como eu falei. No meu caso, eu prefiro que a mulher trabalhe, que tenha a vida dela, o dinheiro e as coisas dela. Não quero uma filhinha de papai que não faça nada...

Desde o final do século XX, cada vez mais homens de classe média convivem com suas esposas que trabalham fora. Contudo, quando a questão é a divisão de tarefas domésticas, até mesmo nos lares em que ambos os cônjuges trabalham, essa divisão nunca é equilibrada..

(ENTREVISTADOR: Como é a divisão de tarefas entre vocês?)

Marcos: Tem coisas que eu não gosto muito de fazer e a Joana faz sem problemas, como fazer compras. Na verdade, eu e a Joana, a gente não tem problema com isso. A gente divide bem as coisas em

casa. Até porque os dois trabalham muito. Às vezes, um chega mais tarde que o outro, aí quando o outro chega encontra um pratinho pronto de jantar, umas coisas assim. Ou, então, a gente pede alguma comida pronta.

Apesar de acreditar que divide adequadamente as tarefas domésticas com Joana, vemos que Marcos escolhe as tarefas que irá fazer. Diversos pesquisadores, tal como Jablonski (2010), mostram que o homem participa nessas tarefas ajudando, “dando uma mãozinha”, mas a maior parte das atribuições são assumidas pela mulher.

5.2 – Caso 2: Gilberto

Gilberto e Mônica são um casal que estão juntos há nove anos. Desse total, foram quatro anos de namoro, seguidos de mais cinco anos morando juntos. Cheguei até o casal por indicação de pessoas próximas a eles. Gilberto e Mônica assinaram uma declaração de união estável assim que foram morar juntos.

Gilberto tem 34 anos e Mônica, 31. Ele é corretor imobiliário e ela é profissional liberal.

Mônica é nascida e criada na zona sul do Rio de Janeiro, enquanto Gilberto é oriundo de um bairro do subúrbio carioca. Eles se conheceram no aniversário de uma amiga do casal, quando passaram a conversar e a sair juntos para se conhecerem melhor. Gilberto estava saindo de uma relação de dois anos com outra mulher, Renata, com quem morou junto e teve uma filha, Juliana, hoje com 11 anos, além de ter assumido um filho dela de outro relacionamento, um pouco mais velho que Juliana. Mônica, por sua vez, tinha uma relação desgastada com a mãe, com quem brigava muito. Seu pai, então, decidiu lhe dar um apartamento para que morasse sozinha.

Como a relação de Gilberto e Mônica seguia bem, após quatro anos de namoro, Gilberto conversou com Mônica para que eles passassem a morar juntos. Gilberto se sentia rotulado pelos pais da Mônica como “golpista”, por ser de uma classe mais baixa que eles. Motivo esse que levou à decisão de Gilberto de assinar uma declaração de união estável, com separação de bens, de modo a preservar o casal de qualquer acusação externa.

1 – MASCULINIDADE

a) Visão masculina

Perguntei a Gilberto o que ele pensa sobre ser homem e sobre masculinidade de uma forma geral, ao que ele colocou características bem definidas. Em seguida, ele mesmo se implicou na questão, falando de si e da sua visão sobre a própria masculinidade.

(ENTREVISTADOR: O que define um homem?)

Gilberto: Caráter, amizade, hombridade, honestidade... Mas, acima de tudo, honestidade. O homem, ele é protetor, a mulher é cuidadora. (...) O homem protege, o homem acolhe, o homem tem sempre, em função da sociedade, o dever de prover, de gerar a família. A mulher, no mundo atual da gente, também desempenha essas funções, só que sem perder a feminilidade. Do tipo, ela é mãe, ela é amante, mas, muitas vezes, ela é mãe do amante. Ela cuida do amante. É sempre o ombro amigo... O homem é muito machista, mas no ombro de quem ele chora? É no ombro da mulher. Então, isso, pra mim é o que diferencia o homem da mulher. A sensibilidade da mulher em cima do homem.

Logo de início, Gilberto deixa claro que a visão de homem, na sociedade atual, ainda está muito pautada pelo machismo, seguindo de um paradigma patriarcal ainda vigente. Ele profere o termo machista como se fosse exigido do homem sequer demonstrar fragilidade, não ter uma sensibilidade como a feminina, embora ele afirme que o homem, o machão, supostamente firme como uma rocha, chora no ombro da mulher, em busca do amparo dessa mesma sensibilidade que ele renega.

(ENTREVISTADOR: Então o que é masculinidade para você?)

Gilberto: Cara, por exemplo, vou falar de mim. Sou meio ogro, tenho a minha masculinidade, mas, ao mesmo tempo, quando eu brinco, ah, o meu lado fêmea tá aflorado, eu não perco a minha sensibilidade. Eu não perco... Eu não tenho vergonha de demonstrar o meu carinho pelo outro, principalmente pela minha mulher, pelos meus amigos... O fato de eu dar um beijo e um abraço em um homem não significa que a minha masculinidade esteja afetada ou que eu seja menos homem do que ele. (...) Em termos práticos, masculinidade é o cara falar grosso, é o jeito de ser brigão, de saber o que quer... Apesar de eu discordar de várias coisas em torno disso. Por exemplo, o homem é grosso, tem que ser do jeito que ele quer... “Mas por que é que ele não pode ceder um pouco? Por que tem que ser do meu jeito? Por que tem que ser do seu jeito?” Em um grupo de homens, cada um querendo uma coisa e sustentando isso, vai dar merda.

Ficou claro, a partir da pergunta, que a concepção de masculinidade também é composta de características femininas, tal como a sensibilidade, o que gera um sentimento de ambiguidade em Gilberto.

(ENTREVISTADOR: Me fale um pouco mais sobre as características da masculinidade.)

Gilberto: (...) Tem a coisa da virilidade também, que é a coisa de... Não significa dizer que... Já broxei? Já! Deixei de ser homem por causa disso? Não! Mas quando um homem fala em virilidade, tem a ver com a coisa da ereção, de satisfazer uma mulher, ou só se satisfazer também...

Outro aspecto associado à masculinidade é a virilidade que, segundo Gilberto, está associada ao ato sexual propriamente dito: o homem deve ter uma ereção e satisfazer a mulher.

Passando da imagem masculina para as expectativas em torno da relação conjugal, a fala de Gilberto aponta para a necessidade de se ter uma companheira.

(ENTREVISTADOR: Qual o objetivo de se ter uma relação afetiva para você?)

Gilberto: Bem... No meu modo de ver? Primeiro, que eu não nasci para viver sozinho. O homem não nasceu para viver sozinho. A gente vive em grupo, a gente vive com uma mulher dentro de casa... sozinho

a gente não vive, a gente não aguenta viver. Se você perguntar pra mim: “Ah Gilberto, você já teve vontade de morar sozinho”? Não! Quando a Mônica viaja a trabalho no começo eu ficava mal, carente, ligando pra todo mundo... Mas isso está mudando. Por quê? Porque eu trabalhei isso em mim. Não estava sendo bom, porque eu estava dependente da minha mulher. Meus amigos sabem que o meu maior vício é jogar videogame. Mesmo quando ela está no quarto e reclama, isso me tranquiliza, porque eu sei que ela está ali. Quando ela viajou pra Nova York, eu perdi o tesão até de jogar videogame. Eu ficava mal, chato pra cacete. E a Mônica vem me ajudando muito com isso, conversando. Também essa questão de muito trabalho, que não me dá tempo de ficar pensando muito nisso. E eu entendo que o fato de ela estar longe, não é porque ela quer. Ela está buscando o lado profissional dela. E antes dela aceitar esse trabalho que ela ia ter que viajar demais, ela sentou comigo e a gente conversou. Inclusive adiamos os planos de ter filhos.

Gilberto diz que o homem “não nasceu para viver sozinho”. Ele assume que, mesmo sendo o machão e “ogro”, ele fica carente quando a mulher está longe. Contudo, fala que as conversas com Mônica têm lhe ajudado a aprender a conviver com a solidão. O fato da rotina profissional do casal nesse momento fazer com que eles tenham que passar longos tempos separados, interferiu nos planos de terem filhos. Ou seja, apesar de Gilberto já ter uma filha sua e um filho de criação, ele e Mônica têm planos de ter um filho do casal. A relação, portanto, também tem esse objetivo. Gilberto diz que, apesar de Mônica já ter mais de 30 anos, não há uma cobrança da parte dela para que tenham um filho logo. As cobranças são mais externas, da família e da sociedade, que entendem que tudo tem um momento certo para acontecer e o dela seria agora, na faixa dos 30 anos. Mais uma vez, o diálogo entre o casal é favorável ao fortalecimento da relação.

(ENTREVISTADOR: Você falou que o homem não nasceu pra ficar sozinho... Você acha que homens e mulheres são diferentes na hora de entrar numa relação?)

Gilberto: São. O homem enxerga a mulher normalmente, ou como alguém para ter em casa, cuidar dele... Na verdade, o cara quer uma empregada! Brincar de casinha pra ter com quem trepar todo dia. Eu já escutei isso de um amigo meu. “Quer ter alguém pra parar de

gastar dinheiro com prostituta na rua”... Todas essas pérolas eu já ouvi.

Gilberto considera que, no imaginário masculino, cabe às mulheres cuidarem e satisfazerem os homens, estarem à sua disposição. Questionei se ele também pensava dessa forma, que ele alega ser dos “homens por aí”...

(ENTREVISTADOR: E para você?)

Gilberto: Pra mim não. No meu caso, eu sempre procurei estar com alguém... Eu tenho muito forte a coisa da figura materna. Alguém para cuidar de mim. Como na minha família sempre teve muita mulher, eu sempre fui muito cuidado, paparicado. Então, eu tive muito carinho do sexo feminino. Dos homens não... Eu fui ver meu pai chorar e dizer que me amava eu tinha 14 anos... Uma vez que a minha mãe me bateu e me machucou, depois de eu ter respondido ele. Ele me levou ao médico e falou “eu te amo e vou cuidar de você”... Levou 14 anos para ouvir isso de um homem da minha família.

Gilberto não se dá conta de que reafirma a condição da mulher como cuidadora do homem. Além disso, atribui-lhe também a sensibilidade. Ele reproduz um discurso machista quanto à sensibilidade ser uma condição feminina porque viveu isso em sua criação, que foi declaradamente machista, por parte de seu pai.

(ENTREVISTADOR: E essa coisa maternal, como funciona com a Mônica?)

Gilberto: Cara, a Mônica pra mim é a minha mãezona! São pequenas coisas, pequenas preocupações: “Gilberto, olha isso; Gilberto tira essa camisa, Gilberto vai ao médico”... E é diferente de querer ter uma empregada, até porque a Mônica não foi criada pra isso. É a diferença entre ter uma mulher para cuidar das suas coisas e uma mulher para cuidar de você. A Mônica cuida de mim! É verdade aquilo de que por trás de todo homem existe uma mulher... Principalmente quando estão caminhando juntos... Nas vezes que eu fiquei desempregado, ela ficou do meu lado. Qualquer outra já tinha pulado fora. E não é só isso, é eu estar me sentindo um merda de homem, do pau quase não subir, e ela ali, me dando força. Nisso, em tudo.

Muitos homens, segundo Gilberto, tratam as mulheres como objeto, ou como uma empregada. Ele valoriza sua mulher, seja como companheira, a pessoa zelosa que cuida dele,

que lhe dá força, seja como uma mãezona. Gilberto afirma também ser comum, para a grande maioria dos homens, que os problemas, especialmente os financeiros, influenciem a virilidade.

(ENTREVISTADOR: Quando o homem está com dificuldades financeiras, então isso influencia a vida íntima?)

Gilberto: O cara que disser que não influencia está mentindo. Passei por muita coisa e a Mônica passou por cima de tudo junto comigo. Se eu sou o homem que eu sou hoje, 50% eu devo ao fato da Mônica estar do meu lado.

Ele acrescenta que, graças à relação com Mônica, deixou de ser mais “ogro”, para se tornar mais romântico. Para concluir a visão de Gilberto sobre os posicionamentos masculinos, lhe perguntei sobre o romantismo.

(ENTREVISTADOR: O que é ser romântico para você?)

Gilberto: Vamos fazer um paralelo: Dia dos namorados... Todo namorado diz que ama, faz e acontece. Sai para jantar, faz toda aquela misencène. Meus últimos sete anos, o dia dos namorados foi dentro de casa. Sabe por quê? A gente faz isso dia sim, dia não. Não preciso de uma data pra dizer que amo minha mulher, ou dar presente pra ela. Faço isso o tempo todo. Tô na rua e vejo algo que gosto, eu compro pra ela. Saio de manhã cedo e compro um pão quentinho e levo café na cama... Eu tenho essa pose de ogro mas, na verdade, dentro de casa todos nós somos uns frouxos [risos]... Eu costumo falar que quando a gente se relaciona, o nosso lado feminino meio que aflora... Com o tempo, você começa a pensar com a cabeça do outro. Hoje, eu exercito muito o me colocar no lugar dela, e faço isso até na minha vida profissional... Como eu me sentiria em tal situação... Às vezes, eu deito no colo dela e choro...

b) Demandas Femininas

Vamos conhecer como Gilberto concebe as demandas e expectativas femininas em relação aos homens. Começo perguntando dos homens em geral.

(ENTREVISTADOR: O que as mulheres querem dos homens?)

Gilberto: As mulheres querem tudo. O protetor... O marido, amante, aquele cara que protege e diz, “vem cá, deixa que eu resolvo isso e fica você pra cá”... É mais a figura do protetor. Antigamente, era mais a questão do provedor. No mundo que a gente vive hoje, não... Como as finanças estão mais equilibradas, você tem a figura só do protetor. Provedor também, mas mais protetor. E isso com tudo aquilo, viril e tal... Que a figura do amante. Mas ainda querem aquele amante à moda antiga, que ainda manda flores. Um cara viril, que faz e acontece, que vira ela do avesso, mas que seja sensível e carinhoso por outro lado.

Ele lança um ponto interessante, quando diz que a figura tradicional esperada no homem enquanto provedor ainda existe e é bem persistente. No entanto, essa demanda coexiste com uma outra crescente, do protetor que, ao mesmo tempo, é firme e sensível. A grande diferença aqui está na forma como esse homem atual se posiciona. O provedor de antigamente, que também era protetor, era firme, forte, durão, o próprio estereótipo do machão. Contudo, fechado, não se abria, muito menos para falar sobre suas emoções e sobre o que o afligia. O homem contemporâneo ainda traz muito do macho tradicional, contudo, mais afável, que dialoga e tenta resolver os problemas que podem surgir na relação.

(ENTREVISTADOR: E como foi se construindo a sua relação com a Mônica?)

Gilberto: As coisas foram acontecendo comigo e com ela naturalmente... Até porque a gente começou a namorar assim, despreziosamente. Não foi aquela coisa de “ah, encontrei a mulher da minha vida”... Coisa nenhuma! A gente foi ficando junto e, de repente, rolou a vontade de estarmos realmente juntos. Ao contrário das outras mulheres que eu fiquei, eu demorei quase um mês para transar com a Mônica. E a primeira vez foi uma merda. Foi um lixo! Não era uma cachorra como as mulheres que eu tava acostumado... Era uma garota direita, que eu nem sabia nem por onde começar. Só não broxei porque, sei lá.

Ele conta que até conhecer Mônica, não havia se relacionado com mulheres refinadas. Até mesmo a sua ex-mulher ele não se refere a ela de forma respeitosa.

Perguntei, então, sobre as demandas, expectativas e queixas da Mônica a seu respeito.

(ENTREVISTADOR: Quais são as queixas da Mônica sobre você?)

Gilberto: Da minha falta de organização... Porque eu controlo a vida de 160 pessoas ao mesmo tempo, mas não controlo minha própria vida. Casa de ferreiro, espeto de pau. Esqueço até conta pra pagar. Ela reclama que deixo minhas coisas jogadas, perco as coisas... reclama do cigarro.

(ENTREVISTADOR: E as queixas de outras mulheres sobre você? Ex-namoradas, por exemplo.)

Gilberto: Não era queixa, era cobrança. Era aquela queixa, mas em tom mesmo da cobrança... “Ah, eu quero fazer isso e não posso”, “quero fazer isso e não tenho”, “quero fazer isso e você não me dá atenção”... “Só pensa em trabalho”...

Gilberto alega que sempre foi muito viciado em trabalho. Isso o fazia negligenciar todo o resto, até mesmo a filha. Perguntei sobre as outras mulheres que fazem parte de sua vida e as expectativas delas sobre ele.

(ENTREVISTADOR: E de outras mulheres que não são envolvidas com você? Como mãe, amigas...)

Gilberto: Minha mãe é a primeira a falar que eu tenho que aprender a dosar as coisas. Eu não conheço o meio termo, eu sou 8 ou 80. E é uma das queixas da Mônica também, porque se tiver que trabalhar 40 horas direto sem parar eu vou, esqueço de me cuidar, de comer e tudo...

c) Expectativas do próprio entrevistado

Agora, vamos conhecer as expectativas de Gilberto sobre as mulheres e os relacionamentos.

(ENTREVISTADOR: O que os homens querem das mulheres?)

Gilberto: Na verdade, os homens querem tudo das mulheres... Eles querem a mulher, eles querem a companheira, eles querem a que bota dinheiro em casa, eles querem a amante, eles querem a mãe... Os homens querem de tudo das mulheres... Quer tudo numa mulher só, e não vai ter. E quando não têm, vários homens se sentem muito frustrados com isso. A questão é da expectativa, né. É sempre da expectativa que você gera sobre o outro. Ele criou uma expectativa

por conta dele mesmo... A mulher não atendeu... Das duas uma: ou ele se trabalha para entender que a mulher não vai corresponder ao que ele quer nesse campo específico, ou a porrada come. Vivi isso também. Eu tinha um molde de mulher, e o molde que veio pra mim foi outro [risos]... Eu tive que me adequar, botar aguinha no barro, moldar de novo... Tive que me virar.

Para Gilberto, os homens criam muitas expectativas com relação às mulheres. O que predomina em sua fala é a busca pela mulher que é companheira, trabalhadora, amante e mãe. Uma mulher que atenda às suas necessidades. Contudo, Gilberto fala que cabe também ao homem saber lidar com a frustração decorrente das expectativas criadas, visto que dificilmente ele encontrará uma mulher que tenha todas as características por ele desejadas.

2 – CONJUGALIDADE

a) Fidelidade

O primeiro aspecto que abordei com relação à conjugalidade foi a questão da fidelidade. Perguntei a Gilberto sobre a fidelidade masculina e a feminina.

(ENTREVISTADOR: O que você acha da fidelidade masculina e da fidelidade feminina?)

Gilberto: O homem não é fiel! O homem, principalmente se ele tiver em grupo. Ele pode nem estar com vontade, mas se aparecer uma mulher dando mole e os outros botarem pilha, ele vai trair. Não porque ele quer, mas pra mostrar pros outros que ele pode!

Diante de sua resposta categórica, me restou perguntar se ele se considera fiel. Recebi uma resposta curiosa: “Hoje sim”. Retornei à pergunta, de modo a compreender melhor o que ele quis dizer.

(ENTREVISTADOR: Então você é fiel ou não?)

Gilberto: Já trai... Nessa situação de pilha dos outros... Colegas do trabalho. Mas te confesso, hoje, que esse tipo de coisa hoje já me encheu o saco. De ir a puteiro com colegas de trabalho e não sentir vontade nem de estar lá. Entrei com vontade de sair, não tinha porquê

estar ali, senão pela pilha dos outros. Fui embora e voltei pra casa pra ficar com a minha mulher.

Sem rodeios, ele me responde que já foi infiel. Tanto no relacionamento atual, quanto nos anteriores. De fato, ele admite que foi infiel em todos os quatro relacionamentos afetivos que ele considerou como namoro. Percebe-se que, para Gilberto, a questão da fidelidade masculina é, de acordo com a criação machista, imprescindível nos relacionamentos, como se fosse inerente ao homem trair, devido à naturalidade com a qual ele expressa sua resposta.

Perguntei, então, como ele percebe a fidelidade feminina.

(ENTREVISTADOR: E para a mulher, como é?)

Gilberto: Acho que a mulher leva mais a sério a questão da fidelidade. Só que se ela desconfiar, ela vai te trair. A mulher paga na mesma moeda. Tanto eu, quanto a Mônica, temos amigas que pagaram na mesma moeda... E fizeram questão que o cara soubesse...

O argumento de Gilberto é que as mulheres são fieis, porém traem por vingança, seja quando têm desconfiança ou com a comprovação da traição. Ele afirma que conhece pessoas próximas a ele que passaram por essa situação.

Já que, pelo menos para o homem, a infidelidade é algo comum, lhe perguntei o que mantém um relacionamento.

(ENTREVISTADOR: O que mantém uma relação?)

Gilberto: Ah! Tem a coisa da atração física, do tesão. Querendo ou não, o ser humano é muito visual. Só que tem aquelas coisas. (...) Apesar da Mônica não ter o biótipo mulherão, de estar acima do peso, tem tantas outras coisas em volta disso que a fazem gostosa pra mim. É a minha mulher na cama, é o meu tesão... “Gilberto, tu olha pra outra mulher na rua”? Pra caramba! Não sou hipócrita. E falo pra ela que olho mesmo. (...) Porque ela conheceu literalmente o Gilberto “galinha”. Quando ela me conheceu eu era o “Gilberto galinha”, eu tava comendo todo mundo. E ela, por ser uma mulher muito insegura, eu tive muito problema com ela no começo. Então, de pouquinho e pouquinho, com persistência... Ela já veio me dizer: “não entendo por quê você está comigo”! Por você! Eu respondo... “Você já não viu que eu posso ter a mulher que eu quiser? Então eu

to com você por quê? Porque eu te amo e quero você”! E olha que levou alguns anos para chegar nisso... Tem tanta coisa em volta! “Sente tesão por outra mulher?” Claro! Não vou mentir, cara... Pelo amor de Deus... Posso ver uma Juliana Paes na [novela] Gabriela, toda boa, mas ela não é a Mônica que eu tenho dentro de casa... Eu volto muito da onde eu comecei. É aquele negócio: errar é humano, persistir no erro é burrice.

Ele responde que, no caso dele, é o amor e o desejo que ele sente por Mônica que mantém a relação. A infidelidade, representada aqui pelo “homem galinha”, um “machão”, está associada à virilidade e à dominação. Ao homem, enquanto o sexo mais forte, é dado o direito de conquistar quem ele queira, de ser infiel, apenas pelo fato de ser homem, sem necessidade de se justificar (BOURDIEU, 2005).

b) Projetos Conjugais.

A conjugalidade não inclui apenas a construção de uma identidade comum ao casal (FÉRES-CARNEIRO, ZIVIANI, 2009), mas também os planos que os membros fazem para o futuro.

(ENTREVISTADOR: O que é para você uma relação homem-mulher?)

Gilberto: Grosseiramente falando, atração física, tesão, e o que não vem depois mas anda em paralelo, amizade. Aí você pega amizade, companheirismo, cumplicidade... E isso tudo eu descobri na Mônica. (...) Eu defino uma relação homem-mulher pela minha relação com a Mônica! Apesar de que... Chega a ser engraçado... Eu falo pra ela que tem gente que pode achar que a gente é maluco, eu e ela, porque a Mônica sai, eu não quero nem saber onde ela tá. Vai tomar chopp... Toda quarta-feira tinha reuniãozinha com as amigas, de sair pra tomar um vinho... Onde o Gilberto estava? Sentado no sofá jogando videogame. E, por outro lado, a mesma coisa. Saio pra tomar chopp com meus amigos, não tenho dia, saio quando tenho que sair, quando me dá vontade de sair, e ela também não enche o meu saco. Porque a gente pensa o seguinte: “o que eu posso fazer meia-noite que não posso fazer meio-dia”? Se você viver com esse fantasma na cabeça, você não vive.

Gilberto define que uma relação conjugal é construída a partir da atração física, mas reforçada por amizade, companheirismo e cumplicidade. Outro aspecto que Gilberto não mencionou, mas deixou claro ser fundamental, foi a confiança. Isso é evidenciado quando ele relata que um sai e o outro não lhe cobra explicações sobre aonde vai, ou com quem.

Por outro lado, ele fala que um fator que pode desestabilizar uma relação conjugal é a questão financeira. Ele afirma que dificuldades financeiras podem prejudicar a relação, pois como diz o ditado, corroborado por suas experiências de vida, “quando o dinheiro falta de um lado, o amor corre pelo outro”. Pedi, de modo a saber a abrangência desse pensamento para ele, que me explicasse esse ditado.

(ENTREVISTADOR: Fale-me sobre essa relação entre o amor e o dinheiro.)

Gilberto: Não adianta, você não consegue viver bem, se você tá cheio de conta pra pagar. Você não tem perspectiva nenhuma. O outro lado, seja homem ou mulher, já não enxerga você com aquela admiração toda. Quer dizer... Eu posso até estar exagerando um pouco, porque eu mudei um pouco essa maneira de ver as coisas depois que eu conheci a Mônica. Eu nunca tive uma mulher companheira, eu tive uma mulher de momento. A Mônica é uma mulher companheira. Antes, eu bancava tudo, agora eu divido.

Gilberto explica que ter uma mulher companheira do lado significa não se preocupar tanto com a necessidade de se impor como provedor. Quando ele fala em “dividir”, refere-se também aos problemas e responsabilidades. O peso das decisões do casal não recai mais apenas sobre ele, como acontece com os tradicionais “provedores”.

Perguntei, em seguida, se ele se considerava o provedor nos outros relacionamentos, ao que ele respondeu que “era aquela coisa bem machista, que a gente é criado para ser mesmo”. Em sua visão, ele deveria ser o provedor, cuidar de tudo, ser capaz de resolver tudo. Gilberto afirma que essa maneira de pensar é fruto da sua criação, principalmente pelo lado do pai. Logo, voltaremos a essa questão familiar.

Outro projeto conjugal para Gilberto e Mônica é a intenção de terem filhos juntos. Já foi mencionado que Gilberto tem uma filha de outro relacionamento, já com 11 anos. No entanto, faz parte dos planos do casal terem o(s) filho(s) deles. Gilberto contou que os planos foram adiados por conta do novo trabalho de Mônica, que atualmente exige que ela viaje muito. Perguntei então a Gilberto sobre ser pai novamente.

(ENTREVISTADOR: Você quer ser pai de novo?)

*Gilberto: Eu quero ser pai pra valer, de acordar de madrugada, de ficar p*** e dormir cansado, amarradão. Sabe, de ir trabalhar e chegar em casa e ficar de bom humor, não importa como foi o dia. Acho que é pra isso também que a gente se junta... Até porque lá em casa tem isso de família grande. Nós somos em quatro irmãos. Eu sinto falta de sentar a família na mesa... Eu tive isso. Eu sinto falta disso hoje. Apesar de que hoje é difícil ter mais de um filho, e eu já tenho uma.*

A paternidade é uma representação de maturidade. Segundo Aboim (2010), é quando o homem se reconhece de vez como adulto, deixando por inteiro sua representação juvenil. Gilberto diz que, mesmo já sendo pai, ele não viveu plenamente a paternidade de sua filha. Ela foi fruto de uma relação conturbada entre Gilberto e sua ex-companheira, de modo que eles se separaram quando a filha ainda não tinha completado nem um ano de idade. Desse modo, Gilberto afirma sentir falta dessa sensação de paternidade que ele não vivenciou.

(ENTREVISTADOR: E você se considera preparado pra ter outro filho?)

Gilberto: Hoje sim, bem preparado. Eu to bem mais preparado do que quando eu tive a Juliana. Mais maduro, mais centrado, hoje eu sei o que eu quero. Hoje eu sei abrir mão das coisas. Hoje, se tiver que passar um aperto em função da educação do meu filho ou do bem estar da minha família, eu passo sem nenhum problema. Hoje, eu consigo me anular em favor da minha família.

Gilberto tem presente esse aspecto intergeracional da valorização da família e do ambiente familiar. Seus pais prezavam isso com os filhos e ele espera vivenciar isso com sua

própria família (mulher e filhos). Não viveu isso com sua filha devido ao rompimento precoce da relação conjugal, que ele vivenciou em sua conjugalidade anterior.

Considerando que, atualmente, Gilberto mora com Mônica, tendo assinado uma declaração de união estável, perguntei como era para ele morar junto em união estável, sem ser casado.

(ENTREVISTADOR: Como é morar junto e não estar casado?)

Gilberto: Eu acho que é bom morar junto antes de casar. É literalmente um test-drive. Até pra você se conhecer, pra você ver se é aquilo mesmo que você quer para a sua vida. Porque hoje é muito fácil casar e descasar. Antigamente, você casava e, se fosse infeliz, para separar era um sacrilégio. Hoje, a gente descasa mais rápido que casa. Pro divórcio, a papelada é mais rápida do que para o casamento. Divórcio é uma semana, o casamento leva 30 dias! Então, eu sou adepto sim, faça um test-drive antes. A não ser que você já esteja com aquela pessoa há 7, 8, 9 ou 10 anos... Às vezes, você já conhece a pessoa melhor do que ela. E, mesmo assim, quando vai morar junto ainda pode dar errado...

Gilberto fala sobre o que Spanier (1983) se refere como sendo um “casamento experimental”. Bauman (2004) também refere-se ao morar junto, mas como uma forma de flexibilizar o comprometimento eterno que, por outro lado, leva os cônjuges a permanecerem em um estado de atenção no intuito de manter a afetividade. Como um namoro em que se reconquista a(o) namorada(o) continuamente, sem o vislumbre de um tempo longo e determinado, o que leva à angústia, típica das pessoas da *modernidade líquida*.

c) Trabalho

Quando questionado sobre a questão do trabalho, se a mulher deve trabalhar fora ou não, Gilberto é contraditório. A princípio, defendeu o trabalho feminino e disse que não teria problemas se a mulher ganhasse mais que ele. Contudo, há um lado seu que quer manter-se

como o provedor, alegando que se não houvesse necessidade, ele não gostaria que ela trabalhasse fora.

(ENTREVISTADOR: Você trabalha, ela trabalha. Você considera válido que homens e mulheres tenham uma posição igualitária em uma relação?)

Sim. Da mesma maneira que a Mônica já teve em uma posição muito superior, na nossa relação. (...) Isso pra mim, no começo, doeu... Eu tinha um ano morando com a Mônica e fiquei desempregado. Foi um ano muito conturbado pra mim. Porque eu acho que a minha relação ali ainda não estava consolidada. Ainda tinha muito essa questão do provedor. Não estar nessa posição pra mim era a morte. Hoje, não. Também eu nunca tive uma mulher companheira, então esse medo sempre existia, de levar um pé na bunda dela. Mas ela me mostrou o contrário... Tive que tomar algumas decisões arriscadas e ela sentou comigo e me deu a maior força. Me disse: “Vai! O que vier a gente segura”! Ela investiu em mim. Ela bancou!

Gilberto repete que, inicialmente, para ele era natural ser o provedor da família e, não estar nessa posição, era extremamente incômodo. Quando, então, ele passou por um revés e ficou desempregado, e ela ficou do seu lado até que a situação fosse superada. Mônica teve um papel fundamental para que ele reavaliasse essa necessidade de se colocar invariavelmente como provedor – o que ainda não foi completamente resolvido por ele.

(ENTREVISTADOR: Se hoje você passasse por um revés e isso voltasse a acontecer, você lidaria com isso de outra forma?)

Com certeza. Eu levaria numa boa. Esse seria o menor dos problemas. Até porque, hoje, não existe mais o dinheiro do Gilberto e o dinheiro da Mônica. É o dinheiro dos dois. Lógico que, às vezes, incomoda. Porque você quer comprar um presente, e a conta é conjunta, vai bater a fatura do cartão pra ela também e ela vai saber! Hoje, não pago mais no cartão, tiro e pago em dinheiro.

(ENTREVISTADOR: Mas, na sua preferência, se você puder trabalhar e a mulher ficar em casa...)

E a minha mulher ficar em casa? Com certeza! Com relação a isso, eu até penso nisso hoje, depois de 10 anos. Mas também, por outro lado, eu entendo... Mente vazia, oficina do diabo. A mulher hoje tem preocupação com filho, com carreira, com seu próprio bem estar,

tudo isso. Só que, antes, eu não enxergava dessa forma. Também mudou um pouco a minha visão depois que eu conheci a Mônica.

Gilberto novamente admite que o referencial de homem provedor ainda é muito forte em sua forma de pensar. No entanto, ele passou a ser mais flexível quanto a isso a partir do desenvolvimento de sua relação com Mônica. Ambos trabalham e contribuem com as despesas da casa. Note-se, contudo, que ambos se empenharam no desenvolvimento dessa parceria, em prol da relação conjugal.

(ENTREVISTADOR: Você disse que a Mônica não foi criada pra ser empregada... Como é na casa de vocês?)

Gilberto: É muito engraçado. Porque quando a gente veio morar junto, a Mônica não sabia fazer nada na cozinha, além de doces... Imagina viver só a base de doces. Eu não era muito chegado em doces. Eu trabalhava pra caramba, chegava muito tarde em casa, e sempre tive o hábito de jantar. A família da Mônica não, eles estavam acostumados a lanchar à noite. Então o que ela fez? Ela foi aprendendo... E, muitas vezes, aprendendo comigo. Eu cozinheiro e posso dizer que já cozinhei muito mais pra ela esses anos todos do que o contrário. Hoje, a Mônica cozinha bem.

Apesar de se poder atribuir a Gilberto uma mentalidade de tradição machista, o que nos leva a esperar por um homem que acredita estarem as funções domésticas destinadas à mulher, Gilberto admitiu que sabia cozinhar e ensinou Mônica a fazê-lo.

d) História familiar

Gilberto revela que seu pensamento voltado para o fato do homem ser o provedor é fruto de sua criação. Explorei, então, como se deu essa criação.

(ENTREVISTADOR: Nos seus relacionamentos anteriores, principalmente com a ex-mulher, você era o provedor?)

Gilberto: Era aquela coisa bem machista que a gente é criado para ser mesmo... Eu fui criado num meio bem machista, onde eu tinha que ser o provedor, eu tinha que resolver tudo, tudo eu.

(ENTREVISTADOR: E de onde veio essa criação?)

Gilberto: Do meu pai... Família de militar, família de delegado de polícia... Pelo meu pai, minha mãe nunca trabalharia, ela não teria que sair de casa para trabalhar. (...) O meu pai tinha dinheiro pra bancar a gente. Só que a minha mãe bancou a decisão de ir trabalhar... Passou por cima do que ele achava... Quase houve separação diversas vezes... E foi trabalhar, meteu a cara. E eu achava a mesma coisa. Lógico que não com aquela coisa de “ah, não, ela não pode trabalhar”. Até pra alimentar quatro bocas, tem que botar dois pra trabalhar, porque um só é complicado, né?

É possível perceber o conflito de gênero no exemplo dos pais de Gilberto. O pai dele, machista, não queria que a mãe trabalhasse fora. Ela tomou a decisão de ir trabalhar, se posicionando contra ele, o que gerou diversas brigas entre o casal. Gilberto, mais uma vez, admite ter “herdado” o pensamento do pai, de que a mulher não deve trabalhar fora. Contudo, ele acrescenta que ela pode fazê-lo, se houver necessidade.

(ENTREVISTADOR: Você falou um pouco da sua família militar, de criação machista... Como era a relação entre seu pai e sua mãe?)

Gilberto: Era uma relação, como eu vou te dizer... Eles se amavam muito. Com todos os defeitos de uma relação, meu pai, ao mesmo tempo que era grosso e ríspido com a minha mãe, muitas vezes, dava muito carinho pra ela. Ela tinha nele realmente o porto seguro.

(ENTREVISTADOR: E você e a Mônica? Como é a relação de vocês no dia a dia?)

Gilberto: Cara... Acho que bate com a relação de marido e mulher... Às vezes, eu chego estressado do trabalho e descontro nela. Ela chega estressada do trabalho e desconta em mim. Só que uma coisa que eu também aprendi com a Mônica: a gente nunca ir dormir brigados. Se a gente começou um problema, ele vai ser discutido até o final, nem que seja até as três da manhã. Mas a gente tem que ir pra cama, dar beijinho de boa noite, virar pro lado e dormir. No começo, eu não fazia muito isso... E ficava aquele ranço durante o dia, como briga de namorado. Só que namorado volta cada um pra sua casa e tudo bem. Aqui, o máximo que eu podia fazer, é vir pra sala, e mesmo assim ela passa o tempo todo pra pegar água na cozinha. Mas nunca dormi na sala por causa de brigas. A nossa relação é muito verdadeira. A gente fala o que sente um pro outro. Antes, ela guardava mais, e se consumia. Hoje, ela fala. Eu não, eu boto pra fora na hora. Hoje, a gente conversa detalhadamente sobre tudo.

Outra faceta da relação do casal é a forma de resolver as discussões. Gilberto já falou anteriormente que já não é mais tão ogro devido ao seu relacionamento com Mônica. Ela o teria ensinado a ser mais afetuoso, ou pelo menos a demonstrar mais o seu afeto, e a conversar para resolver os problemas comuns ao casal, em vez de permanecerem brigados até que um dos dois ceda.

e) Recasamento e a relação com o filho do cônjuge

Uma categoria de análise que até então não tinha surgido nas entrevistas, e que é específica desse casal, é a relação com o(s) filho(s) do parceiro em uma situação de recasamento. Embora Mônica e Gilberto não sejam de fato casados, Gilberto vem de outro relacionamento do qual ele traz uma filha pré-adolescente. Isso traz características próprias à relação do casal, que é o desenvolvimento de uma relação entre Mônica, atual companheira de Gilberto, com a filha dele, Juliana.

(ENTREVISTADOR: Como foi essa situação de namorar a Mônica já com uma filha de outro relacionamento?)

Gilberto: Olha, no começo foi muito complicado, porque a Mônica era filhinha de papai, mimada, totalmente insegura, patricinha, autoestima no pé... Sempre teve problema com autoestima... E eu, que já tinha passado por uma porrada de coisa, tava de cabeça em pé e brigando com a vida... E, desde o começo eu sempre quis aproximar a Mônica da minha filha. Até por causa de ciúme, essa coisa de querer roubar o lugar de outra pessoa... Por um lado, eu enxergava uma mulher completamente insegura, com baixa autoestima. Por outro lado, a minha ex-mulher já manipulando a minha filha com um ano e pouquinho... Pra você ter uma ideia, teve um episódio em que minha ex-mulher insinuou que a Mônica cortou o cabelo da minha filha... A cabeça do pai vai pra onde, né? Ao mesmo tempo que... Hoje, eu conheço a Mônica... Em 2003, eu não conhecia a Mônica. (...) Mas depois de diversos comportamentos da minha própria ex-mulher, eu fui vendo e fui eliminando isso.

(ENTREVISTADOR: E como é a relação da Mônica com a Juliana?)

Gilberto: Cara, a relação da Mônica com a Juliana podia ser um pouco melhor. Hoje melhorou um pouco, mas podia ser mais. A gente sempre quer mais. Mas, ao mesmo tempo que eu sinto que ela tem um

carinho pela Ju, eu sinto ela muito distante dela. Endenteu? A Mônica nunca teve muita afinidade com criança em geral. E criança, você conquista de pequeno. Depois de velha, a criança também já formou a sua opinião com relação ao adulto. Então, já houve de tudo. Época que Ju obedecia, época que Ju não obedecia. Falava com a Mônica de um jeito quando estava sozinha com ela, na minha frente era outra pessoa. Minha própria filha! Eu, por outro lado, vejo que a Mônica também não é a pessoa mais fácil de lidar com uma criança... Então, eu fico sempre rebolando. Eu sempre reboło entre as duas pra tentar equilibrar as coisas entre as duas. Mas eu sinto falta hoje das duas serem amigas. Ju está com 11 anos, é uma pré-aborrecente.

Como pai, Gilberto quer que as duas, sua filha e sua atual companheira, sejam amigas.

Ele procura resolver as coisas da melhor forma. No entanto, uma das maiores dificuldades que encontra para isso é o fato de Mônica não ter muito jeito com crianças.

(ENTREVISTADOR: Você gostaria que as duas estivessem no mesmo lugar, tranquilas, sem nenhuma tensão?)

É... Exatamente! Só que quem fica nessa tensão sou só eu, tá? As duas, não. Mas elas também conversam pouco. Quando estamos nós três aqui em casa, rola meio que uma divisão. (...) Fico tentando conciliar os dois lados. A Mônica não tem a maneira mais delicada de falar com as pessoas, ainda mais com uma criança. Ela quer que uma criança entenda que a Mônica, falando do jeito que ela fala às vezes, que ela não está brigando. Já eu sou mais doce... E tem aquele negócio, por mais grosso e ríspido que eu seja com a minha filha, eu sou o pai dela. E o que é que ela é da Mônica? O meu maior medo é chegar lá na aborrecência e ouvir: “Você não é minha mãe. Quem é você pra falar alguma coisa”? E sempre dei 10% de autonomia pra tomar qualquer decisão em relação à minha filha. Nunca fui um pai daquele tipo “deixa que eu resolvo, você não se mete”. Não, pelo contrário. A Mônica mesmo reclama que eu cobrei muito isso dela. Eu não quis que a Mônica se tornasse mãe da minha filha, mas que se tornasse uma amiga dela. Porque é mulher, eu sou homem... Determinadas coisas vai se identificar mais com a mulher pra contar certas coisas, não vai querer contar pra mim mesmo. E eu sempre quis que a Mônica fosse o meu apoio. Porque a mãe dela esconde muita coisa e, às vezes, brinca com as coisas. Joga com a situação a seu próprio favor.

Nessa situação, houve um recasamento por parte de Gilberto, que já tinha uma filha.

Nota-se uma competição pela companhia de Gilberto, principalmente entre a filha e a nova

companheira. Por sua parte, Gilberto se esforça para conciliar a situação entre as duas, mas se ressentido com o fato de Mônica não ter muita habilidade com crianças. Além disso, ele acredita que sua ex-mulher manipula a filha contra sua atual companheira.

5.3 – Caso 3: Tiago

Tiago foi contatado através de um amigo em comum. Sua entrevista, realizada em minha casa, durou pouco mais de uma hora. Ele coabita com a namorada, Bianca, há nove meses. Eles namoraram por seis meses até decidirem morar juntos. Tiago considera que eles começaram a namorar no dia seguinte em que “ficaram” a primeira vez. Com três meses de namoro, já falavam em casamento

Tiago e Bianca possuem, respectivamente, 31 e 25 anos. Ele trabalha no ramo da computação e ela é dentista. Tiago passou por duas experiências conjugais antes de Bianca. Casou a primeira vez aos 21 anos e permaneceu casado por cinco. Aos 26, foi morar com outra namorada, pouco tempo depois da separação, em uma união estável que durou três anos. Nem Tiago, nem Bianca têm filhos.

1 – MASCULINIDADE

a) Visão masculina

Para a compreensão de o que Tiago pensa a respeito da masculinidade, perguntei-lhe sobre a sua visão acerca do que é ser homem.

(ENTREVISTADOR: Na sua opinião, o que define um homem?)

Tiago: Ah, cara, eu tenho uma maneira de olhar pelo aspecto comportamental em relação à sociedade... A figura de homem ela está mudando muito com o passar dos anos, e tal. Hoje, eu vejo a posição do homem e da mulher muito equilibrada. Porque antigamente, se

você for parar para ver o seriado Gabriela, por exemplo, era permitido ao homem certas coisas que hoje são totalmente inadmissíveis. O cara era traído e podia matar a mulher dele. Hoje em dia, isso é inadmissível. Então, assim, é até difícil pra eu separar, porque os erros e acertos de homens e mulheres eu vejo como coisas muito similares. Hoje em dia, não tem mais aquele negócio de homem provedor. Conheço casais que a mulher é a provedora e o homem é praticamente do lar [risos]. (...) Brigam muito [risos], mas convivem bem. Então, o cara tem a posição que seria da mulher e vice-versa. Então, assim, tá meio confuso de definir...

Tiago aborda as questões traição e provisão do lar a partir do percurso histórico do machismo. E ele o faz comparando valores passados e contemporâneos. Alega que, antigamente, era comum a ideia do homem provedor e, atualmente, há uma maior aproximação nas posições de homens e mulheres no que diz respeito a essa questão. O comportamento de riso que ele tem ao discorrer sobre a questão, mostra que ele reconhece a mudança de comportamentos e valores, mas ainda não os aceitou por completo.

Resolvi, assim, estender o seu discurso sobre o que é ser homem.

(ENTREVISTADOR: Mas haveria alguns parâmetros para definir o que é ser homem?)

Tiago: Ah, lógico que sim... Só não sei dizer quais [risos]... Assim, uma coisa que eu tomo por mim, pelo meu comportamento pessoal, que não sei se é certo ou se é errado... Eu acho que algumas coisas da figura masculina que se perderam muito, e que eu faço a minha parte, pelo menos para tentar manter, são em relação à cortesia. Acho que o homem nunca pode negar um respeito, um carinho ou uma proteção à mulher, independente de ser uma esposa ou amiga. Eu tenho esse meu jeito superprotetor de ser, mas eu acho que o homem tem que ter sempre essa coisa de ser o protetor... Mesmo que ele não seja o provedor da casa, essa figura de protetor ele tem que ter. Acho que a mulher tem essa necessidade de se sentir segura, de se sentir protegida. Entra ano, sai ano, muda a cultura, mas acho que isso nunca se perde.

Tiago segue afirmando que, hoje em dia, para o homem, a imagem do provedor já não é tão forte. Por outro lado, ele assegura a posição de protetor do homem em relação à mulher.

(ENTREVISTADOR: Então o que é masculinidade para você?)

Tiago: Pergunta difícil que você arrumou [risos]... Ainda mais no tempo que a gente tá vivendo, que se o cara se arruma um pouco mais, se perfuma um pouco mais, é considerado afeminado. Eu não

consigo ver por esse aspecto, que é uma coisa machista da nossa sociedade. Têm coisas que se faz aqui e que são consideradas coisas de boiola, na França é normal. Eu, particularmente, acho que é coisa de boiola [risos]... Por exemplo, o cara colocar um laço no pescoço aqui é coisa de boiola, já na França é perfeitamente normal. Mas assim, em relação à masculinidade, eu acho que acaba se confundindo um pouco com a sua pergunta anterior. Porque o homem por natureza, o masculino, o macho, tanto o ser humano, quanto nos animais, ele herda essa parte de segurança, de firmeza, de determinação. E isso faz parte da masculinidade. A masculinidade é a forma do homem se colocar no mundo, aquela coisa que falam do macho-alfa, de liderança e tal.

Nota-se que Tiago, ao mesmo tempo em que se diz flexível frente aos parâmetros machistas, tradicionais, de concepção da imagem masculina, acaba por reforçar imagens masculinas estereotipadas, como a do “boiola”, do macho. Ele fala que quando o homem não segue o padrão de virilidade imposto pelo pensamento coletivo machista, é considerado afeminado.

Ele diz também que há uma natureza masculina, algo que aproxima o macho homem do macho das outras espécies animais, o que traz ao homem as mencionadas características masculinas de “segurança”, “firmeza”, “determinação” e “liderança”.

(ENTREVISTADOR: Você acha que existem diferenças na forma de homens e mulheres estarem numa relação?)

Tiago: Tem sim. Porque isso aí já é natural a meu ver. O homem e a mulher se entregam de forma diferente. A mulher é mais passional, mais emoção, e o homem é mais razão, é o provedor do lar... Isso está mudando muito de um tempo pra cá... Por exemplo, eu já vi relacionamentos de amigos acabarem porque a mulher ganhava mais que o cara. Então, é machismo puro. O cara não tolerava a mulher ganhando mais que ele, e ele não contribuindo. Ele terminou. Hoje os tempos são diferentes. A Fernanda ganhava mais que eu e isso não me incomodava. Incomodava a ela, pelo menos eu sentia. Ela nunca me falou. Ela tinha o pensamento machista: “eu sou a mulher, me banca”... Não no sentido dela não trabalhar, mas do homem contribuir mais que a mulher.

Tiago, mais uma vez, afirma que o pensamento comumente compartilhado do homem como provedor vem cedendo espaço para uma maior equidade entre os gêneros. Contudo, ele

afirma que tanto homens quanto mulheres não estão preparados para uma situação em que a mulher ganhe mais dinheiro do que o homem – e, portanto, seja a provedora. Sua alegação é a de que os relacionamentos costumam acabar em função disso. Tiago compreende este fato a partir de uma postura em que ele naturaliza os comportamentos masculinos (é racional, macho, líder, transmite proteção e segurança...) e femininos (é passional, tem necessidade de proteção...)

Assim, de acordo com o seu pensamento, ele diz que embora homens e mulheres possam alcançar uma flexibilidade nos posicionamentos que ocupam, há coisas que não mudam e nem vão mudar. Isso fica evidente quando pergunto sobre o equilíbrio nas relações.

(ENTREVISTADOR: O que você pensa sobre a igualdade de posições no relacionamento entre o homem e a mulher?)

Tiago: Eu acho isso muito normal. Até porque se você for olhar profissionalmente, têm profissões que a mulher exerce muito melhor que o homem. Têm profissões que precisam de minúcia, de capricho... As mulheres fazem muito melhor. Confio muito mais numa engenheira do que num engenheiro. Sei que a mulher vai ser mais detalhista para fazer aquele cálculo. Por outro lado, têm coisas como dirigir, que não tem jeito, a mulher não vai se sair tão bem quanto o homem [risos]. Já está provado cientificamente que a noção espacial do homem é bem diferente da mulher. Claro que têm mulheres que dirigem muito bem, mas é uma em 100. A mulher é mais cautelosa, porque sabe das suas limitações. Ela vai dar uma margem de segurança de 10 metros de distância de outro carro, por não avaliar bem a distância, só que nisso já formou o maior trânsito atrás [risos].

Está revelado o pensamento machista na fala de Tiago. Ao naturalizar o comportamento humano, ele fala que existem profissões nas quais as mulheres se saem melhores que os homens; por outro lado, elas possuem limitações biológicas que as impedem de dirigir bem, por exemplo.

(ENTREVISTADOR: O que você aprendeu com seus outros relacionamentos?)

Tiago: O meu primeiro casamento, com a Débora, eu posso dizer que eu era um cara submisso. Eu tentava puxar alguma coisa dela, mas ela não reclamava de nada. Tudo estava sempre bem, eu podia até dormir fora que ela não reclamava... Submisso não é a palavra

certa... Acomodado. Eu não tentava puxar nada dela, ela não puxava nada de mim... Eu, às vezes, chegava tarde de propósito. Eu queria que ela reclamasse, mas estava sempre tudo bem. Já dormi fora, traindo. No dia seguinte, cheguei em casa e tudo normal. Mas, apesar de não parecer, eu não tenho um grau de exigência muito grande num relacionamento. Eu sei o que quero, mas não acho isso nada do outro mundo... Eu já mudei muito também. Do primeiro relacionamento pra agora, a mudança é muito grande. Vejo o que está certo, o que está errado e vou me adequando. Uma coisa que aprendi também é que ninguém muda ninguém. No máximo, você vai ajudando aquela pessoa a aperfeiçoar o modo dela ser ou de ver as coisas. Mas, se ela é uma pessoa submissa, não adianta que ela não vai tomar decisões porque você quer... Se ela fizer, é porque ela sentiu a necessidade de mudar. A Débora é uma pessoa extremamente submissa, até hoje, e eu não consigo conviver com isso. Não quero mandar e não quero ser mandado... conversando a gente resolve. Eu já mudei muito, acho que todo relacionamento nos deixa algum aprendizado.

A acomodação é uma característica atribuída a muitos homens, normalmente pelas mulheres (GOLDENBERG, 2010). Contudo, é difícil encontrar homens que se reconheçam como acomodados. Tiago diz que se acomodou à dinâmica da relação instituída no seu primeiro casamento, depois de tentar mudá-la, provocando reações em sua esposa Débora que, contudo, não reagiu às suas tentativas. Como essa dinâmica não o satisfazia, a relação acabou. Vemos, portanto, que ele não conseguia se manter acomodado na relação.

b) Demandas Femininas

Começo perguntando diretamente a Tiago à respeito das expectativas que as mulheres têm dos homens.

(ENTREVISTADOR: O que as mulheres querem dos homens?)

Tiago: Companheirismo, um cara companheiro, um cara protetor, que ofereça uma segurança pra ela. Vejo mulheres que querem o “machão” em casa. Têm amigas minhas que se tiverem com um cara bonzinho, vão reclamar que ele não tem pegada, que faz tudo que ela quer... E também tem o contrário, a mulher que tem um cara que quer mandar em tudo e reclama que quer um homem mais carinhoso, mais compreensivo. Então, não tem um padrão. Vejo aquelas que querem um ogro, têm aquelas que preferem um cara sensível, têm as que preferem um meio termo, um cara sensível, mas que tome decisões. (...) Tenho muito mais amigas que amigos. Normalmente, as pessoas

desabafam comigo, se sentem à vontade e me contam tudo. Então, tudo isso é embasado. Amigas me falam isso, amigos me falam isso. E tá todo mundo procurando relacionamentos, tanto homens e mulheres, mas estão procurando coisas diferentes. A mulher quer um cavalheiro que abra a porta pra ela e o homem já quer partir pra cima.

Tiago fala que as mulheres buscam um companheiro protetor, que lhes dê segurança. Por fim, acrescenta que querem um homem cortês. Ele relata que conhece mulheres que querem um homem, provedor, machão, que resolva tudo. Já outras, preferem homens mais sensíveis e compreensivos.

(ENTREVISTADOR: Você acha que a mulher ainda espera um provedor?)

Tiago: Boa parte, sim... Até por causa da herança machista da sociedade, ainda tem aquela coisa de que “o homem que é sustentado pela mulher é um merda”. Apesar de não ser, como é o caso do meu amigo, que a mulher é a provedora. Sobre isso, nunca os vi brigando. Normalmente brigam por causa dos filhos, quando a filha faz besteira, e tal. Mas é um caso raro, porque normalmente as mulheres querem um cara que seja protetor e provedor. Na prática, só provedor não serve. É o caso do meu irmão que esteve desempregado uma época e a minha cunhada trabalhando com uma boa renda. Ela bancava a casa e eles brigavam muito. Mas superaram, apesar de quase terem se separado. Hoje, a situação está melhor. Continuam brigando, mas não falam mais em separação.

Tiago retoma sua posição de que boa parte das mulheres ainda quer que o homem seja o provedor, mas também o protetor. Apesar das mudanças sociais, o patriarcalismo, tradicional, ainda é bem forte no imaginário masculino e feminino. Procurei, então, ser específico quanto à sua própria vida e os posicionamentos que lhe são esperados.

(ENTREVISTADOR: O que você acha que a Bianca espera de você?)

Tiago: Eu já falei abertamente sobre isso com ela. Eu sou esse último exemplo que eu falei. Sou um cara tranquilo, na minha. Sou sensível, choro pra caramba. Mas, assim, a hora que precisa de um pulso, de uma porrada, eu tô aí. Mas acho que prevalece esse cara tranquilo, a maior parte do tempo. Eu falei com ela, desde o início do relacionamento, que eu não sou o cara que vai pegá-la pelo braço e tacá-la no chão. Eu falei: “eu sou assim. Se você estiver esperando o ogro, eu não sou esse cara. Muito menos sou um bebê indefeso”. Recentemente, falamos sobre isso de novo e ela quer que eu seja exatamente assim do jeito que eu sou. (...) A única reclamação que ela

tem, às vezes, mas não é assim uma reclamação de peso, é sobre eu ser muito tarado, de querer sexo o tempo todo... Eu sei que rola um exagero da minha parte, e amadureci pra perceber isso. Mas também não quero o tempo todo porque eu sei que enjoa [risos].

Tiago se auto proclama como estando no meio termo entre o ogro, machão, e o sensível. Ele acredita que essa ponderação é saudável para ele e para o casal. Contudo, as formas com que eles se posicionam no relacionamento eventualmente são objeto de discussão. Ele se reconhece também como um tarado por sexo e coloca isso como se fosse uma queixa de Bianca. Contudo, é de certo modo comum ao homem vangloriar-se de características relacionadas à virilidade. Parece ser este o comportamento de Tiago ao me colocar o aspecto exacerbado de sua sexualidade como um defeito.

(ENTREVISTADOR: O que você já ouviu de demandas, queixas e reclamações das mulheres que passaram pela sua vida, mas também de amigas?)

Tiago: Algumas coisas têm muito a ver com o que estávamos falando agora mesmo. Por exemplo, a Fernanda [a segunda companheira de Tiago] queria o machão em casa. Tinha vezes, por exemplo, que ela me perguntava o que a gente ia fazer e eu devolvia a pergunta pra saber o que ela queria. Mas ela preferia que eu resolvesse sem perguntar. Não sou eu. De amigas, ouço muitas reclamações de que o cara é devagar sexualmente... Engraçado que a mulher é diferente do homem quanto a isso. Ela quer resolver, já o homem diz “vou pro puteiro”.

Destacando o final da fala de Tiago, as mulheres procuram resolver o problema com o parceiro, no caso de algo não estar indo bem na relação. Para ele, os homens, em geral, resolvem o problema de outra forma. Se, por exemplo, a temática for sexual, vão para o “puteiro”. Ou seja, vemos que eles não têm como comportamento a “DR” (discussão da relação). Os homens, enquanto machos, buscam uma solução imediata, objetiva e concreta.

Tiago, por sua vez, se mostra cooperativo. Gosta não somente de conversar e resolver, como também procura tomar as decisões em conjunto com a parceira. Segundo ele, nem todas as mulheres valorizam isso, principalmente as que procuram o “machão” tradicional.

c) Expectativas do próprio entrevistado

Agora, aprofundei o que os homens, e Tiago, esperam das mulheres e dos relacionamentos.

(ENTREVISTADOR: O que os homens querem das mulheres?)

Tiago: Cara, eu acho que de um modo geral, uma coisa que eu vejo pelo meu convívio, os homens estão esperando muito das mulheres é a disponibilidade. Normalmente, as mulheres falam que os homens não querem nada sério, mas o que eu vejo é o contrário. Os homens estão querendo um relacionamento sério e tal. E reclamam que as mulheres não querem nada, que são muito exigentes. É aquela história de que vaga tem, falta é mão de obra qualificada [risos]. Tô vendo muito isso nos meus amigos...

Para Tiago, disponibilidade é o que os homens buscam atualmente nas mulheres. Disponibilidade para se envolver, para se entrar em um relacionamento. Lins (2012) fala que as mulheres, atualmente, estão desenvolvendo comportamentos sexuais semelhantes aos homens e que isto é fruto de uma certa equidade entre os sexos, oriunda da emancipação feminina. Talvez, por isso, o que as mulheres reclamavam há um tempo atrás sobre a falta de disponibilidade dos homens para o envolvimento, agora se reverta.

(ENTREVISTADOR: E o que os homens buscam em um relacionamento?)

Tiago: Em todos os aspectos? Cara, vou te falar que a maioria tá querendo um relacionamento visando a parte sexual. Seja pra namorar, pra casar, a maioria dos homens está querendo uma mulher que satisfaça sexualmente. O resto vem naturalmente... Uma companheira, uma mulher que esteja junto para sair, passear, viajar... O complemento de um relacionamento. E isso, para o homem, vem depois do sexo. Se o sexo for bom, mas a convivência não, é melhor ficar apenas como pau amigo mesmo [risos].

No geral, Tiago diz que os homens buscam um relacionamento de modo a garantir a sua satisfação sexual com uma parceira fixa. De acordo com sua visão, outros aspectos de um relacionamento vêm como consequência de se ter a estabilidade sexual. Segundo Tiago, para os homens, o companheirismo é subjacente e subsequente à satisfação sexual do homem em

um relacionamento. Ele não fez qualquer menção à necessidade de satisfação sexual da parceira.

2 – CONJUGALIDADE

a) Fidelidade

Apresento, aqui, recortes da fala de Tiago cujo teor apontava para questões relativas à fidelidade. A primeira menção ao tema foi feita quando ele me explicava os problemas que levaram o seu primeiro casamento ao fim.

(ENTREVISTADOR: Que problemas vocês tiveram?)

Tiago: Eu posso dizer que eu sou muito tarado [risos]. Gosto de uma vida sexual bem ativa. Com a Débora [primeira esposa] a gente tinha uma rotina tipo “dia santo”, uma vez no mês. Na época, chegou a mexer até um pouco com a minha autoestima: “Será que não tô fazendo direito? Será que é alguma coisa comigo?”... Foi até o que, na época, me levou a traí-la. Cheguei a dar umas puladas de cerca, meio que pra autoafirmação, pra testar mesmo. Acabei identificando que o problema não era comigo. Mas, até hoje, é comportamento meu e não pretendo mudar. Gosto de uma vida sexual ativa e quero que a pessoa que esteja comigo me acompanhe. E tinha também o convívio familiar. Nossas famílias ficaram muito amigas. Meus pais moram no condomínio dos pais dela, porque os pais dela convidaram. Engraçado, que parece que depois da separação, os laços entre as famílias se fortaleceram mais. Cada um levou um pouco do outro para a sua vida, e vivemos bem com isso.

Tiago alega que foi infiel no seu primeiro casamento porque as relações sexuais eram escassas – uma vez por mês. Ele diz ter sido infiel por necessidade de autoafirmação. Como anteriormente ele disse que a provocava chegando tarde em casa e ela não ligava, chegou a pensar que ela perdera o interesse por ele. Na verdade, Tiago alega que ela era uma pessoa muito religiosa e, por si só, não tinha muito interesse em sexo, ao contrário dele.

É possível notar que, nessa situação, Tiago procedeu exatamente do mesmo modo como ele disse anteriormente que os homens, em geral, fazem. Em vez de tentar solucionar o

problema através do diálogo, ele resolveu a situação prontamente, buscando reaver sua autoestima, fora de casa. Esse comportamento é descrito por Grossi (2004) como uma característica do machão, cuja característica é a de resolver tudo a seu próprio modo, impondo sua visão com um viés cultural de dominação e subjugação do outro. Como a companheira não o satisfaz, como ele acredita que deveria ser feito, ele se permitiu o direito de ser infiel e se satisfazer sexualmente fora de casa.

Questiono Tiago sobre a infidelidade, de uma forma geral. Ele faz um panorama a respeito da traição em seus relacionamentos.

(ENTREVISTADOR: Falando sobre infidelidade, o que você considera sobre a infidelidade masculina e a infidelidade feminina?)
Tiago: Tem uma coisa que rola. Escuto muito falar isso na mídia, de que “é natural o homem trair”. Acho isso uma das maiores palhaçadas. Posso estar redondamente enganado, mas é como se fosse uma carta branca para o homem trair à vontade. Mesmo eu já tendo traído, acho ridículo isso. Eu traía quando o relacionamento já estava fadado ao fracasso. A única coisa que falo muito pra Bianca, apesar de ter traído muito... Todos os meus relacionamentos tiveram traição, da minha parte... E que eu saiba, eu nunca fui traído. E falando abertamente com meninas que eu fiquei, a única que eu não assumi foi com a Débora, por questão de religião. Ia fazer muito mal pra ela e pra autoestima dela. Ela teve depressão com o nosso término. Imagina se eu tivesse falado que eu traí ela. A Fernanda soube que eu traí ela, e eu falei inclusive com quem. Sou excessivamente transparente. Então, pela rotina que tenho com a Bia, a única coisa que me faria terminar com ela hoje seria traição. Apesar de já ter traído, hoje sou uma pessoa muito fiel. Não traio e não tenho porque trair. Ela me completa. Não traio a Bia e tudo me leva a crer que não serei traído. (...) Eu não acho que seja da natureza, acho que seja cultural. Nessa série Gabriela, os homens falam claramente pra mulher que estão indo ao puteiro, e elas aceitam isso. É cultural.

Tiago alega que prefere ser sincero e contar para a parceira, caso seja infiel. Justifica que teve motivos para trair e que contou às respectivas companheiras quando isso aconteceu. Diz que, atualmente, é fiel em seu relacionamento e não vê motivos para trair porque ele e Bianca possuem uma relação completa.

Sua posição em relação à infidelidade, é que se trata de uma questão cultural. É permitido ao homem trair, mas, no momento, ele faz a escolha de não trair, porque ele está investindo na relação com Bianca – uma mulher que lhe completa.

Pergunto-lhe, então, que cultura é essa da infidelidade permitida aos homens, para, em seguida, questioná-lo sobre a infidelidade feminina.

(ENTREVISTADOR: Você já esteve inserido nessa cultura de permissividade da traição?)

Tiago: Já estive. Hoje, não. Pelo relacionamento que estou vivendo, apesar de já ter traído muito, eu não concordo com a traição. Justamente por já ter traído, e por saber o mal que isso faz à outra pessoa, à autoestima da pessoa, acho traição uma coisa muito ruim pra qualquer tipo de relacionamento. E estendo a traição não apenas a casal. Mas uma traição, uma deslealdade com os amigos, pode fazer um estrago enorme. O que eu já fiz ficou de escola, para eu não fazer mais. Você causa um transtorno na vida da pessoa e, às vezes, o motivo é bobo. Uma pessoa pode dizer: “Eu trai porque minha mulher não está me dando”... “Por que ela não está te dando?” A pessoa está fazendo alguma coisa de errado com ela? Está sendo frio com ela e ela não está à vontade? Ai, as pessoas não conversam e o cara resolve trair. Se ele traiu, é porque a culpa foi dele. Você não entra inteiro num relacionamento e quer que ela se entregue por inteiro pra você? Se entrega primeiro pra ela, por inteiro. (...) Posso afirmar que é isso que está acontecendo comigo hoje. Eu estou inteiro e percebo que a Bianca também está.

Para Tiago, suas experiências de infidelidade o levaram a um aprendizado de que isso não é o que ele quer para si, nem para suas relações. Ele volta a afirmar, de forma categórica, que a culpa da traição não é do outro, mas de si mesmo. Trair, para ele, é uma escolha consciente, a saída mais fácil de um problema, em vez de resolvê-lo.

(ENTREVISTADOR: E com relação à infidelidade feminina, você acha que a mulher é fiel?)

Tiago: Uma coisa que eu acho que é verdade, e também é cultural, é que a mulher tem mais dificuldade de trair. A mulher, ela tem uma dificuldade psicológica maior de trair. A maioria, pelo menos. Não posso generalizar porque tem umas que têm uma facilidade tremenda de trair [risos]. Mas, no geral, a mulher tem mais dificuldade de trair. E eu vejo que o motivo das traições... Eu observo muito, e as pessoas acabam me adotando como conselheiro, porque, mesmo novo, eu tenho muita vivência... Se você observar, a maioria das

traições masculinas são carnisais, por tesão. Ele pode até estar bem com a sua mulher, mas se passou a gostosona na rua ele pensa “ah vou pegar”! E com as mulheres é quase sempre por afetivo. O cara não tá dando a devida atenção, o devido carinho. A mulher trai por carência. A maioria das situações que presenciei tem sido assim.

Tiago insere a infidelidade feminina também como uma questão cultural. Entretanto, ele aponta diferenças entre as causas da traição masculina e feminina. O homem, a quem é permitido implícita e culturalmente a traição, trai por desejo sexual. Já a mulher, quando trai, é devido a carência afetiva. Goldenberg (2010), também constatou que, normalmente, a traição feminina se dá por diversos aspectos, como falta de atenção do companheiro, de carinho, de afeto, de cumplicidade, de amizade, dentre outros.

b) Projetos conjugais

Iniciei a conversa sobre essa temática perguntando a Tiago o que significa para ele uma relação afetiva, conjugal.

(ENTREVISTADOR: O que é para você uma relação afetiva?)

Tiago: É difícil dizer o que é. É mais fácil pra mim dizer o que tem que ter. Tem algumas coisas indispensáveis pra mim. Eu bato muito na tecla do companheirismo, diálogo. Foi uma coisa que atrapalhou muito o primeiro relacionamento. Não tinha diálogo, cada um ficava engolindo sapo, e isso atrapalhou bastante a gente. Hoje eu tenho muito isso com a Bia. É da natureza dela falar naturalmente, e eu sou transparente, falo tudo o que eu faço. Meus amigos até me sacaneiam pelo meu jeito. Fui fazer uma cobertura de um evento de motos em São Paulo, liguei para ela e falei: “Amor, não fica braba comigo, mas to olhando pra uma loira aqui”! [risos] Ela leva na esportiva. Desde o início eu fui assim. Nunca escondo nada do que estou fazendo. Sou assim e não vou mudar por causa de ninguém. As vezes que tentei mudar foram horríveis. Então, assim, em termos de relacionamento, eu curto muito isso de ser transparente, de ser eu mesmo. Não tem isso de um querer mudar o outro...

Tiago diz que uma relação afetiva, conjugal, se caracteriza por companheirismo, diálogo e transparência. Ele toma o companheirismo como indispensável para um relacionamento. O diálogo entre o casal ele aponta como igualmente importante, visto que

seus relacionamentos anteriores fracassaram devido à falta de diálogo. A transparência ou, pode-se dizer, a sinceridade entre o casal também é valorizada em sua fala.

Quando lhe pergunto sobre os tipos de relacionamento que coexistem e se nomeiam como namoro, Tiago fala especificamente sobre tipos de casais de namorados que brigam e os que não brigam. Há os baladeiros e os caseiros. A definição a ser dada ao casal depende da dinâmica de relacionamento que foi desenvolvida.

(ENTREVISTADOR: Você considera que existem diferentes formas de se namorar?)

Tiago: Depende muito do perfil dos namorados, do perfil do casal. De comportamento mesmo. Por exemplo, tem gente que adora brigar. Eu, particularmente, não gosto, por isso gosto de resolver logo e dali a pouco ficar bem de novo. Tem casal que é mais caseiro, outro é mais baladeiro. Tem casal que um é caseiro e o outro é baladeiro, o que pode gerar vários problemas. Para mim, as diferenças estão no perfil do casal e de cada pessoa do casal.

Resolvo lhe perguntar o que o motiva a se relacionar com uma pessoa, para compreender o quê ele obtém em um relacionamento.

(ENTREVISTADOR: Você disse o que precisa ter em uma relação... Pergunto, agora, qual o objetivo de se estar numa relação?)

Tiago: A resposta é meio clichê, mas é a felicidade... Eu sou o tipo de cara que se eu estiver bem no relacionamento, vai todo mundo me ver com um sorriso no rosto em todo lugar que eu estiver. Já é difícil me ver sem um sorriso no rosto, porque sou uma pessoa naturalmente feliz, não gosto de baixo astral. A única coisa que me derruba é problema financeiro. Isso me derruba mesmo, me deixa mal humorado, xingo todo mundo. Mas o objetivo de um relacionamento é a felicidade. Eu tenho uma teoria de que ninguém faz ninguém feliz. Eu não faço a Bia feliz. Eu proporciono um ambiente para que ela se sinta feliz. Eu estando feliz, eu proporciono para que ela fique feliz, e vice versa. Seja feliz por você mesmo e quem tiver contigo vai junto.

Tiago responde que a felicidade é a principal conquista em um relacionamento. No entanto, ele argumenta que a felicidade não é obtida através da outra pessoa. A partilha da felicidade individual é que traz felicidade ao casal.

(ENTREVISTADOR: E perspectivas para o seu relacionamento? Vocês pensam em casar?)

Tiago: Ah, já falei para ela que ela é a última. Vamos nos casar em breve e não quero casar de novo, não [risos]. Tudo leva a crer que depois de dois casamentos não tão bem sucedidos, tudo leva a crer que estou em um relacionamento definitivo, por conta de tudo que falei. Temos um diálogo aberto, somos transparentes. Eu falo e ela sente o que eu sinto. Não damos margem pra acumular mágoas e coisas que desgastam o relacionamento. Essas coisas, dentre outras, me levam a crer que vamos ter sempre um bom relacionamento.

Para Tiago, o casamento é uma consequência natural do seu grau de satisfação no relacionamento com Bianca. Ele investe nessa relação com a expectativa de que seja definitiva. Tiago sempre investiu em seus relacionamentos a ponto de, por mais de uma vez, decidir casar ou morar junto com uma pessoa.

c) Trabalho

A primeira menção de Tiago à questão do trabalho surgiu a partir de uma pergunta sobre como cada membro de um casal se situa em uma relação.

(ENTREVISTADOR: Você acha que existem diferenças na forma de homens e mulheres estarem numa relação?)

Tiago: Tem sim. Porque isso aí já é natural a meu ver. (...) A mulher é mais passional, mais emoção, e o homem é mais razão, é o provedor do lar. (...) Por exemplo, eu já vi relacionamentos de amigos acabarem porque a mulher ganhava mais que o cara. Então, é machismo puro. (...) Hoje os tempos são diferentes. A Fernanda ganhava mais que eu e isso não me incomodava. Incomodava a ela, pelo menos eu sentia. Ela nunca me falou. Ela tinha o pensamento machista: “Eu sou a mulher, me banca”... Não no sentido dela não trabalhar, mas do homem contribuir mais que a mulher.

Tiago, a partir de sua própria experiência e a de pessoas próximas, percebeu que, em situações específicas em que a mulher ganha um salário maior do que o do homem, ambos não conseguem lidar bem com essa situação. Sabe-se que, apesar da mulher cada vez mais ampliar seu espaço no mundo do trabalho, tanto os homens quanto elas mesmas ainda mantêm a expectativa de que o homem seja o provedor da família. Em geral, eles não sabem lidar bem com a situação contrária (LINS, 2012; ROCHA-COUTINHO, 2003).

(ENTREVISTADOR: Hoje, na relação com a Bianca você contribui mais, financeiramente falando, na relação. Se fosse o contrário, como você lidaria com isso?)

Tiago: Não me incomodaria. Sinceramente... Ser bancado totalmente, te falo que me incomodaria, mas não acho que seria razão pra um término, ou brigas. Pelo que conheço dela, da parte dela, também não.

Segundo Tiago, sua relação é forte o bastante para suportar crises financeiras. De acordo com o entrevistado, o relacionamento fortalecido em aspectos que ele mencionou, como o companheirismo, traz essa segurança para o casal poder superar eventuais dificuldades juntos. Porém, vemos que ele, que considera que o homem deve ser o líder em sua relação conjugal, não se sentirá à vontade na relação caso não desempenhasse o papel de provedor.

d) História familiar

Tiago se espelhou nos valores passados pelos pais sobre o que deveria ser valorizado em uma relação conjugal ao construir seus próprios vínculos.

(ENTREVISTADOR: Como era a relação dos seus pais?)

Tiago: Eu vejo meus pais muito amigos, muito companheiros. Cobrei isso dos meus relacionamentos porque eu tive isso de berço e sempre quis isso pra mim. Meus pais estão juntos até hoje, 30 e poucos anos de casamento. Mas os vejo muito companheiros. O que um quer, o outro faz... É uma coisa que contribuí para a relação deles foi essa questão do diálogo. Era comum ver um ou outro emburrado, sem se abrir sobre o que incomodou. Depois de mais velho, eu chegava pro meu pai e falava pra ele dizer pra minha mãe o que tinha incomodado, e vice versa. Hoje, a relação deles, que já era boa, está ainda melhor. O ser humano não tem o dom da adivinhação. Se a gente não falar, nada acontece.

Os valores mencionados por Tiago anteriormente, como necessários de serem cultivados em um relacionamento, também estão presentes na descrição que ele faz da relação dos pais. Companheirismo e diálogo é o que ele afirma ter presenciado no casamento dos pais e atribui a isso o sucesso da permanência do casal. Doravante, é o que ele espera cultivar em seus próprios relacionamentos.

(ENTREVISTADOR: E a questão dessa cultura machista de trair, seu pai também viveu isso?)

Meu pai já traiu minha mãe, uma vez... Foi no início do relacionamento. Foi logo depois que teve meu irmão. Devia ter uns cinco anos de casado. Lembro que teve alguma coisa a ver com a gravidez. Meu pai teve a oportunidade e traiu. Mas, hoje, meu pai tem mais ou menos a visão que eu tenho, de que é uma coisa ruim. É melhor tentar resolver antes de pensar em trair, ou então é melhor terminar.

Quando questionado sobre infidelidade na relação de seus pais, Tiago alega que seu pai fora infiel em uma ocasião. A alegação é que a oportunidade foi criada. Em um cenário machista, tal alegação corresponde a praticamente um comprometimento ao ato, no sentido de que, se a oportunidade é criada, é necessário aproveitá-la. Esse é mais um modo de pensamento consonante com a concepção de masculinidade hegemônica (BADINTER, 1993; CONNELL, 1995). No entanto, Tiago diz que, com o tempo, seu pai adquiriu a noção que ele mesmo possui, de que é melhor procurar resolver os problemas na relação do que fugir deles ou procurar uma solução mais fácil.

5.4 – Caso 4: Bruno

Bruno mora com sua companheira Andreia. Eles têm uma filha de um ano de idade e não são casados.

Combinei com Bruno de entrevistá-lo em sua casa. Conversamos na sala, enquanto sua mulher cuidava da filha Luna no quarto. Bruno e Andreia moram juntos há seis anos, em regime de coabitação. Decidiram morar juntos após seis meses de namoro. Eles têm respectivamente 30 e 33 anos.

Bruno e Andreia se conheceram através de amigos em comum. Bruno fazia parte de uma banda e Andreia era cantora. Um amigo a indicou para fazer parte da banda. Ficaram muito amigos e, após um tempo, começaram a namorar. Bruno se mudou para a casa de

Andreia e, dois anos depois, mudaram-se para a atual residência. Bruno também trabalha em um cartório, conciliando essa atividade com a agenda de shows de sua banda, que ocorrem mais em finais de semana.

1 – MASCULINIDADE

a) Visão masculina

O primeiro aspecto que levantei na entrevista com Bruno foi o que ele próprio considerava como sendo características masculinas.

(ENTREVISTADOR: Para você, o que define um homem?)

Bruno: Acho que depende um pouco de como você vai se posicionar na sociedade. Existe o homem tradicional, que segue os princípios do sistema, que é o provedor da casa, o cara que dá o sustento, né? Enfim, o cara que cumpre os requisitos... E tem o homem que não é tão tradicional, que tenta buscar em seu interior, buscar seu próprio caminho, com suas próprias ideias e não vai com a maré. Mas, no final das contas, sempre tem essa questão... É natural do homem de ser o caçador, o que protege a espécie... Tem essa questão hormonal da testosterona, de ser o mais forte, que eu acho que deve ser respeitada. Mas eu acho que o homem, ele tem que ser ele, e não os parâmetros, assim...

Bruno argumenta que o conceito de masculinidade inclui dois aspectos. Um sociocultural, em que ele percebe o homem enquanto aquele que busca se adequar ao papel que lhe é atribuído, como o de provedor; Outro filogenético, relacionado às características naturais. Assim, o homem também é produto de uma herança animal, que atribui características próprias ao macho, levando-o a ser caçador e protetor. Procuro, então, aprofundar a sua reflexão.

(ENTREVISTADOR: Então, o que é masculinidade para você?)

Bruno: Masculinidade para mim é virilidade, é força, é poder de decisão... É o poder de encaminhar, de nortear as coisas... E isso, continuando nessa mesma vertente de respeitar esse instinto, essa dualidade que existe entre o homem e a mulher.

Ele, agora, enumera as características que historicamente são atribuídas ao sexo masculino: virilidade, força, capacidade de decisão e liderança.

Quando lhe perguntei como os homens se comportam em uma relação, Bruno disse que alguns de seus amigos moram com mulheres, casando ou não, como uma forma de provar algo para si próprio ou para as pessoas ao seu redor. Provar que são capazes de se enquadrarem no ideal socialmente esperado de se constituir uma família e amadurecer. Para serem “caras sérios”. Para estarem, inseridos na cultura do “homem chefe de família e provedor”.

(ENTREVISTADOR: Como são, então, os homens em uma relação?)
Bruno: Vou pensar nos meus amigos, que têm traços parecidos... Tem homem que junta com a mulher só para brincar de casinha. Nem que seja pra mostrar pra ele mesmo que ele consegue bancar isso, ou mostrar pros outros que está casado, que é um cara sério e tal...

b) Demandas femininas

As demandas e expectativas femininas em relação aos homens serão apresentadas a seguir, na visão de Bruno. Cabe lembrar que, muitas vezes, essas demandas funcionam como um reflexo das demandas da sociedade, condensadas nas expectativas femininas.

(ENTREVISTADOR: O que as mulheres querem dos homens?)
*Bruno: Acho que o que elas querem o amor, o companheirismo... Principalmente o companheirismo, o carinho, o respeito. É essa abertura de jogo, tipo “quer fazer? Vamos fazer...” Elas querem essa sinceridade. “Se você pode dividir sexo de amor, eu também posso”. Agora elas têm um sonho sistemático de ter um companheiro pro resto da vida, que é importante. (...) Acho que a mulher assim, depois dos 22, 24 anos, 30, então, nem se fala... Ela começa a pensar se todo homem que ela encontrar “é esse ou não é esse”... “Se não é esse, então eu to f*****, tenho que terminar logo e arrumar outro”. Então, às vezes, elas abrem mão disso tudo pra conseguir e mostrar pra família e pras outras pessoas que está com uma pessoa, que não enalhou... Um homem solteiro com 40 anos é um pegador, a mulher é uma enalhada. Então, elas têm muito medo disso. Vai ficando mais velha, o medo fica maior ainda [risos]. Mas, no geral, é isso.*

Firmeza, carinho, prosperidade... E força, pra caminhar junto no sonho. Ela espera que essa força venha mais dele do que dela. Ela espera que o homem seja o provedor. As mulheres esperam isso.

Bruno diz que as mulheres querem, principalmente, companheirismo. Elas sonham em encontrar um companheiro definitivo. Esperam que desse companheiro recebam carinho, respeito e que a relação seja pautada na sinceridade. Bruno fala que a busca por esse companheiro em uma relação idealizada é consequência de uma pressão que é exercida socialmente sobre as mulheres jovens. Essa pressão, a qual Bruno se refere, é devido a fatores como o relógio biológico feminino e à questão machista da extinção da beleza feminina. Ela recai sobre as mulheres que, por sua vez, acabam exercendo também uma pressão sobre os homens, para formarem uma família.

Por fim, Bruno também diz que as mulheres ainda esperam que o homem seja o provedor, de modo que procurei explorar a questão.

(ENTREVISTADOR: E as mulheres hoje, ainda querem um homem provedor?)

Bruno: Elas querem, mas querem também caminhar com as próprias pernas. Que existe um pensamento de que o cara quando tiver com 60 anos pode largar tudo por uma menina de 20, e se ela não tiver um estudo, um trabalho, ela pode ficar pra trás. E não é só isso. Hoje em dia, elas viram que tem potencial pra isso, pra ir à luta. Para algumas coisas, têm até mais potencial do que os homens. Nessa coisa mais sistemática, mais organizada, de ir nos detalhes. Na verdade, se completam, né. Mas eu acho que elas têm potencial pra isso. Elas podem dominar o mundo, se quiserem. Até porque o brinquedo delas é de encaixar e o nosso é de levantar. Alguém falou pra elas: “Olha, vocês não podem, eles que podem!” Mas se elas quiserem, elas dão para um monte de gente, nós só chegamos até a esquina! [risos]

(ENTREVISTADOR: E quem as convenceu de que elas não podem nada?)

Bruno: A nossa tradição machista. Acho que veio dessa coisa natural dos homens saírem pra caça, de terem a força... Acho que é um jeito da natureza resolver essa questão. Mas acho também que a gente não pode mais considerar a questão natural, porque a gente não depende mais das mesmas questões evolutivas. Mas era assim. As mulheres ficavam em casa para o homem caçar. E quando tinham filho, era importante essa coisa da mulher ficar em casa para estimular a comunicação com os bebês.

Bruno associa a questão do homem ser desejado pelas mulheres como um provedor a uma “natureza” humana, de ordem biológica evolutiva, e a justifica dessa forma. Contudo, ele diz que, simultaneamente ao desejo de serem protegidas por um homem, elas também buscam a própria independência.

Em seguida, busco conhecer o pensamento de Bruno sobre o que a sua atual companheira, Andreia, lhe apresenta como demandas no cotidiano.

(ENTREVISTADOR: O que você acha que a Andreia espera de você?)

Bruno: Amor, carinho, firmeza, que eu seja o provedor e que eu caminhe pelo menos junto dela, com relação à grana, por exemplo. Ela não quer que eu vire hippie, por exemplo. Apesar de, às vezes, eu querer [risos]. Não sei se eu aguentaria o rojão, não. Mas, às vezes, tenho vontade de ir pro meio do mato e viver de plantar mandioca [risos]. Eu acho que no fim, se Deus quiser, eu vou conseguir morar num sítio, ou coisa assim. Não me vejo com 70 anos morando numa cidade grande.

Bruno, mais uma vez, apresenta a ideia de que a sua mulher quer que ele seja o provedor da família. Ele dá ênfase, nessa questão financeira, de que ele deve, pelo menos, ter uma renda mensal semelhante a de Andreia, não abaixo.

(ENTREVISTADOR: E o que outras mulheres da sua vida, como mãe e amigas, fariam de você?)

Bruno: Diriam que eu ralo pra caramba. Que, mal ou bem, eu vivo em um lugar legal, trabalho pra sustentar minha família. De repente, que falte um pouco de ambição em mim. Mas essa ambição que o sistema manda você ter. E eu, realmente, trabalho pra caramba. Trabalho no cartório, faço show. Terminei a faculdade há pouco tempo... Agora, eu posso chegar em casa, depois de trabalhar até as 18 horas, e aproveitar um pouco com a minha filha, minha família.

Bruno considera que as pessoas que lhe são próximas reconhecem o quanto ele é esforçado e dedicado ao trabalho e à família. Quanto à questão de não ser tão ambicioso, de modo a não corresponder às expectativas alheias, ele se defende, colocando a culpa nas pressões sociais. Ele diz que a busca pelo aumento do patrimônio pode conduzir a uma carga de trabalho que leva à perda da qualidade de vida. Isto, ele não deseja.

c) Expectativas do próprio entrevistado

A seguir, veremos o que Bruno falou acerca das suas expectativas sobre as mulheres e os relacionamentos.

(ENTREVISTADOR: O que os homens querem das mulheres?)

Bruno: Muitos querem muitas, né? [gargalhadas] Mas acho que no fundo, no fundo, todo mundo acaba querendo... O homem quer essa feminilidade, essa coisa da mulher que gosta de ser conduzida, gosta de ser cuidada, entendeu?... Ele quer a mulher dele mais sutil, que goste de carinho, de traços angelicais, que se deixe levar, que não tenha aquela competição, entendeu?... Tipo, “ah você faz isso, mas eu também sei fazer isso”... E espera que ela entenda ele. Essa questão do “para mim, é simples assim e, para você, não é tão simples assim”... Mas seria bom se ela entendesse.

Bruno começa fazendo uma brincadeira que traz à tona o machismo ainda presente na cultura nos dias atuais. Sua resposta revela que ao homem, não somente é permitido que ele tenha várias mulheres, muitas vezes simultaneamente, como também é estimulado que ele tenha desejo por diversas mulheres.

Com relação à demanda masculina ao escolherem uma mulher, ele diz que os homens se sentem atraídos por mulheres femininas e delicadas, como preconiza o modelo de feminilidade da visão tradicional e patriarcal. A mulher deve ser, de certo modo, submissa e deve transmitir ao homem que se sente segura ao seu lado.

Pergunto-lhe então, o que o fez escolher sua atual companheira.

(ENTREVISTADOR: Você teve outras namoradas. Mas alguma coisa fez com que você enxergasse na Andreia essa mulher com quem você iria querer dividir a sua vida. Como foi essa transformação?)

Bruno: Eu gostava muito dela e eu a admirava como uma pessoa que eu poderia me dar bem, no sentido de ser feliz, de conseguir contornar as coisas, os problemas. Apostando nisso, que eu casei com ela. Casei no sentido de juntar, de morar junto.

A resposta breve de Bruno aponta alguns aspectos. O primeiro é a admiração. Note-se que a admiração vai além dos atributos físicos de uma pessoa. Andreia, para Bruno, se posicionava no dia a dia com comportamentos que o faziam acreditar que, caso ele se relacionasse com ela, seria beneficiado em sua vida. Assim, a admirava e passou a desejá-la como companheira.

Outra questão diretamente ligada a esta é a felicidade. Sua escolha foi pautada no fato de que ele percebeu que podia ser feliz junto à Andreia. Ele a viu como alguém que lhe proporcionava um sentimento de bem estar. Apostou, portanto, que a dinâmica do casal funcionaria bem e, assim, juntos seriam capazes de lidar adequadamente com os problemas práticos do dia-a-dia.

2 – CONJUGALIDADE

a) Fidelidade

A entrevista de Bruno está repleta de menções à questão da fidelidade.

(ENTREVISTADOR: Como você era nos seus namoros?)

Bruno: Eu sempre fui muito carinhoso. Eu era meio “galinha” mas, quando eu me juntei com a Deia e resolvi morar, eu diminui bastante isso. Até porque não faz sentido, né? Foi uma escolha minha. Você leva a pessoa pra sua casa, apresenta à mãe, à família e começa a ter uma expectativa. Mas eu sempre fui um cara tranquilo. Eu sempre fui o cara que saía da briga pensando no que eu errei. E eu sou assim até hoje.

Bruno se reconhecia como “galinha”, termo atribuído ao homem que não consegue ser fiel. Disse que diminuiu a infidelidade quando foi morar junto com Andreia. Ao mesmo tempo se diz um “cara tranquilo”. Pergunto-lhe, então:

(ENTREVISTADOR: Você disse que era tranquilo, mas que era um cara “galinha”. Como essas coisas coexistem?)

Bruno: Acho que era um pouco da infantilidade. Eu tinha a coisa da responsabilidade mas, ao mesmo tempo, era “galinha”. Não sei dizer o porquê.

Bruno não consegue dar uma justificativa para o fato de ser infiel, “galinha”. Atribui isso a uma infantilidade, falta de maturidade, inerentes à juventude.

(ENTREVISTADOR: Você tinha namoros longos, mas ao mesmo tempo você traía?)

Bruno: Na maioria das vezes... Primeiro, que eu acho que a natureza do homem é diferente da natureza da mulher. Tem essa coisa do homem ser o caçador. Tem a testosterona. Hoje eu tenho uma filha mulher, é diferente. Um menino gosta de brincar de atacar, já a menina, não... Tem essas diferenças. Esse lado caçador do homem... É que nem no cachorro. Você vai no parque e vê vários cachorros atrás de uma cadela [risos]. Tem a coisa da natureza mesmo. Apesar da anestesia que a gente leva do sistema, porque tem que manter um padrão, mas a natureza deixa. Por exemplo, os bordeis sempre cheios. (...) Ah, eu acho que é muito da natureza do homem. Acho que tem duas coisas. Tem a natureza biológica do homem, e na mesma proporção, a cultura. Tipo, o homem “pode”... Na minha família, eu sempre ouvi história de traição. Depois de 40 anos meu pai ficou tranquilão, aí ficou ciumento até demais. Minha mãe preferia quando ele trabalhava direto e não ficava tanto em cima dela. Por isso mesmo ela terminou, ele estava muito possessivo.

A permissão para a infidelidade masculina, para Bruno, vem tanto da biologia (questão hormonal), como da cultura. O homem tem um comportamento sexual semelhante ao dos animais, então, ele é autorizado socialmente a ser infiel. É como dizer: “o homem trai e ponto”. Cabe ressaltar que Goldenberg (2010), em suas pesquisas, havia dito que é muito comum os homens justificarem sua infidelidade baseados em uma suposta natureza masculina.

A explicação de Bruno nos leva a pensar que ele acredita que a mulher deve tolerar a infidelidade masculina. A lógica é a mesma do raciocínio machista, que leva a uma consequência direta: a mulher não deve esperar que o homem seja fiel de fato.

(ENTREVISTADOR: Mesmo namorando, quando você namorava e saía com outras, elas descobriam?)

Bruno: Raramente. Na verdade, eu dava uma de mostrar pra elas que valia a pena mesmo assim. Se elas descobriam, a gente acabava

voltando. Aí, uma vez eu fui traído. Fiquei boladão. Não era assim como uma lei na minha cabeça aquela coisa do “eu posso, ela não”. Mas acabou que eu voltei com ela. A traição não foi o ponto final da relação. Conversamos, deu uma confusão, mas resolvemos ficar juntos. Só que a relação já estava muito ruim. Por isso a traição dela. Mulher quando trai é um sinal de que você não está dando conta do amor, né?

Bruno admite que era infiel em seus relacionamentos e diz que ele também já se viu na situação de ser traído. Contudo, ele atribui uma outra causa à infidelidade feminina: carência. Goldenberg (2010), em seus estudos, ouviu das mulheres que a infidelidade feminina normalmente ocorre por falta de atenção, carinho, afeto, entre outras coisas. Exploro mais essa questão.

(ENTREVISTADOR: Você considera que existem diferenças entre a fidelidade masculina e a fidelidade feminina?)

Bruno: Hoje em dia, está ficando bem parecido, né? Acho que hoje em dia a questão cultural está ficando maior que a questão natural. Se a cultura diz que pode, então é algo que faz com que as mulheres não se submetam mais tanto. Acho que, hoje em dia, existe muita conversa entre as mulheres. Uma traiu, a outra também, daqui a pouco existe um consenso de que trair não é assim tão ruim. Acho que hoje a mulher pode trair por trair. O que é brabo, né, mas fazer o que? [risos] No meu caso, tem também a questão do hábito. Hoje eu to com uma filha pequena, fico mais em casa. Mas eu já fui mais boêmio, e isso favorecia.

Bruno, deixando de lado o argumento de que as mulheres traem por carência afetiva, cita outros motivos para a infidelidade feminina. Uma seria a banalização da infidelidade (“todo mundo trai”; “pode-se trair por trair”; etc.). Outro, é a traição como uma própria reação à infidelidade masculina, do tipo “traio mesmo porque ele merece”.

(ENTREVISTADOR: Você já traiu a Andreia?)

Bruno: Já trai. Ela inclusive descobriu. A gente teve uma ruptura, depois voltou. Eu acho que trai mais por não estar aguentando o rojão. A pressão de estar junto, de segurar essa barra. Eu acho que era a pressão de estar vinculado a uma pessoa só para o resto da vida. Nada do que você faz é uma coisa só pro resto da vida, mas só pode transar com uma mulher para o resto da vida. Acho isso incoerente com a realidade do nosso planeta. Enfim, fiquei uma fase mal, não estava achando meu equilíbrio. Teve uma ruptura, mas a

gente voltou e encontrei meu eixo. (...) Mas hoje em dia eu estou muito mais tranquilo, estou em casa.

O entrevistado admite já ter sido infiel com sua atual companheira. Ele refere-se ao significado sócio-histórico da infidelidade como algo que é culturalmente permitido ao homem. Sua justificativa é a de que não é natural ficar com uma pessoa só para o resto da vida.

b) Projetos Conjugais

Esse tópico reúne o que Bruno falou a respeito da vida a dois, sobre projetos para o casal.

(ENTREVISTADOR: O que é para você uma relação afetiva?)

Bruno: É renovar o amor diariamente. É transformar qualquer coisa do dia a dia através do amor. É olhar nos olhos da pessoa e não deixar as coisas do dia a dia te afetarem... É porque o casamento é como uma sociedade. Você não pode deixar que as pequenas coisas atrapalhem, como a manutenção da casa. Isso, às vezes, pode atrapalhar o amor, porque ser sócio de alguém não é nada simples. Às vezes, o dinheiro aperta... Mas dentro da relação também tem um ponto importante que é você crescer junto com a outra pessoa. É ver o que a outra pessoa tem de positivo pra te ajudar a alavancar...

Quando Bruno diz que a relação é “renovar o amor diariamente”, na verdade, refere-se a uma função, aos processos que fazem parte do relacionamento. No entender de Bruno, a relação conjugal é uma sociedade. É desenvolver-se junto com outra pessoa.

Considero que a visão de Bruno é romântica, já que ele destaca o amor como parte indissociável do relacionamento.

(ENTREVISTADOR: O amor então, pra você, é fundamental?)

Bruno: Ah, é! Se eu olhar pra alguém e falar que eu não amo, ou amo menos, é hora de ligar o alerta porque tem alguma coisa errada... Em uma discussão no dia a dia, por exemplo, com a pessoa que você ama, é necessário abaixar o ego pra ouvir o outro. Acho que o ser humano, normalmente quando se percebe num conflito com outra pessoa, tende a se apegar e a aumentar mais as próprias razões e diminuir as do outro. Eu tento não fazer isso.

É possível notar na fala de Bruno como ele se posiciona na relação. Quando ele diz “abaixar o ego para ouvir o outro”, está se referindo a se colocar no lugar do outro, como uma forma saudável de resolver os dilemas e impasses do relacionamento.

(ENTREVISTADOR: E o que provoca essas crises do dia a dia?)

Bruno: Acho que é justamente essa divisão. Porque quando você está só namorando, cada um na sua casa, você não divide problemas, é bem menos. Você não divide problemas do seu sustento, sobre como você está na vida. Quando você está casado, os problemas do outro são seus também, ou pelo menos vão refletir em você. Namorando não, você está na sua casa, a empregada é da sua mãe, a comida é da sua mãe. No caso eu, né? Se a empregada faltou, não é culpa do seu amor... É essa sociedade mesmo que dá uma desgastada, mas a gente precisa lembrar o tempo todo do crescimento que a gente têm juntos. Lidar com a diferença e perceber o que se pode tirar de bom dali. (...) E muita conversa. Manter o diálogo é essencial.

Dividir problemas é, na concepção de Bruno, um dos fatores principais de um relacionamento. A identidade do casal, junto com o espaço individual de cada um, cria um espaço em comum, o “nós”, que convive com as subjetividades individuais. É nesse espaço conjunto que as coisas que são do casal devem ser vivenciadas e resolvidas.

(ENTREVISTADOR: Namorar é diferente de morar junto. Como era quando você namorava? A relação era diferente?)

*Bruno: Não, quando eu namorava era essa parte da diferença de como tratar a outra pessoa. Você não xinga a sua namorada. Casado, de vez em quando sai um p***a... E acaba xingando a pessoa também... Quem não xingou o outro, depois de anos morando juntos, não viveu de fato [risos]. E aí, no namoro, tem essa diferença. Você é mais regrado. Acho que a busca é você tentar manter aquele nível do relacionamento de namorado, aquela coisa de ligar de manhã, de tarde e à noite pra saber como a pessoa tá. Acho que isso deve ser mantido. Mesmo morando junto. Tem que sempre lembrar como fazia quando namorado e procurar manter isso... Acho que é uma boa forma de se tentar viver a dois.*

Bruno ressalta que a diferença entre um casal de namorados e um casal que vive uma relação estável é marcada, dentre outros aspectos, pela convivência rotineira. E essa convivência, quando se está casado ou morando junto, faz com que se perca a polidez e os cuidados na forma de se tratar o(a) companheiro(a). Pode-se atribuir esse aspecto, em parte,

ao fato de que em um namoro, permanece aquela aura constante de conquista, ao passo que em uma relação estável, a conquista já foi assegurada, de modo que não há mais a necessidade de manutenção dos comportamentos da conquista. É o que as pessoas falam sobre “cair a máscara”, após algum tempo de relacionamento. No início, ambos só querem mostrar o melhor lado de si, mas com o tempo essa preocupação se afrouxa.

(ENTREVISTADOR: Qual você acha que é o objetivo de se estar numa relação?)

Bruno: Primeiro, eu acho que todo impulso do ser humano é a felicidade. É a vontade de ser feliz e ir atrás da felicidade. E dentro de uma relação tem a felicidade, o companheirismo, tem o motivo de se ajudarem, de não estarem sozinhas, a vontade de querer ter uma família... Tem também aprender com o outro, não que esse seja o objetivo principal, mas é o que acontece. Eu acho que a relação acontece isso... E a parte ruim é a questão da dominação... Porque quando você começa a se relacionar, você não quer ser a parte fraca... Acontece muito de o casal começar, aí um vai crescendo e o outro vai diminuindo, vai perdendo a luz, né? No caso do homem, é o famoso pau mandado, né? A gente chama de ponta fraca [risos], eu e meus amigos.

Bruno volta a falar da felicidade como sendo um objetivo de grande importância em uma relação conjugal. Fala também do companheirismo e do aprendizado mútuo. Contudo, ele relata que há aspectos negativos nas relações, tal como a dominação. Como ele se refere apenas à dominação masculina, penso que isso pode ocorrer como resultado de uma situação de competição estabelecida entre o casal. Connell (1995) e Bourdieu (2005) discorrem sobre aspectos da dominação masculina e suas consequências. Segundo os autores, os homens naturalizam essa posição de dominação em relação às mulheres e tentam se manter nela com discursos de legitimação. Quando percebem que essa posição lhes escapa, tentam recuperá-la, ficando passíveis de um discurso de inferiorização por parte dos outros, ou de si próprio.

Perguntei, então, a Bruno o significado de “morar juntos”.

(ENTREVISTADOR: O que é o “morar junto” para você?)

Bruno: Acho que é essencial durante um tempo. Acho que esse negócio de não morar junto, depois casar e morar junto é

complicado. É um tiro no escuro. Pode ter a parte boa, de você procurar estar preparado, de ganhar presentes. É um sonho bonito: “ah, casou, tudo é bonito”... Mas digo um tiro no escuro porque você pode começar a ver que não era aquilo, e aí o peso é maior, você já está casado. Morando junto, não. Se der alguma coisa errada, você tem tempo de voltar atrás e desfazer... Casamento direto, pra mim, é um tiro no escuro. Se você não teve a experiência de morar junto com a pessoa... Nem que seja não morando junto de fato, mas se a namorada tá na casa do cara direto, aí, beleza...

Sua resposta traz a temática do *test-drive*, isto é, a ideia de “testar antes de decidir”. O casamento é considerado uma decisão séria. Apesar dos crescentes índices de divórcio, o casamento ainda se faz presente no imaginário social como algo que é para a vida toda. Em sua fala, Bruno coloca a possibilidade de “voltar atrás” de verificar que errou na decisão. Isto, no casamento, levaria ao divórcio. No entanto, na opção de morar junto, se forem verificadas incompatibilidades, prontamente a relação pode ser desfeita.

(ENTREVISTADOR: Então, morar junto antes de casar traz vantagens?)

Bruno: Você vê como a pessoa é no dia a dia. Você vê como a pessoa lida com os entraves financeiros. Até porque, hoje em dia, é raro estar estabilizado economicamente. Então, isso é importante. Por exemplo, comigo e com a Andreia isso é um ponto bem forte, porque ela é mais ambiciosa do que eu. Ela quer ter uma vida com um padrão bom. (...) Eu me preocupava mais com o pão com manteiga, por exemplo. Já ela acha que tem que ter o pão, a manteiga, o requeijão e o presunto. Esse tipo de coisa. Mas é bom que você vê que é capaz de fazer isso, de bancar essa história

Na busca de se fazer a escolha mais acertada, pode pensar-se em viver um período com a pessoa, de modo a conhecê-la melhor. No caso de Bruno, ele diz que a convivência com Andreia, sua companheira, o ajudou a perceber sua capacidade de se desenvolver.

Perguntei-lhe então sobre a possibilidade de transformar o regime de coabitação em matrimônio.

(ENTREVISTADOR: E você pretende casar?)

Bruno: Pretendo [risos]. Apesar de trabalhar no cartório e respirar isso. Até por isso mesmo, vira uma coisa banal. Vira uma coisa normal. Essa coisa de ter um papel, pra mim, não faz diferença nenhuma. Eu me considero casado com ela. Até porque, hoje em dia,

você vai fazer uma festa, é caro. A gente ainda não tem apartamento próprio, vive de aluguel. Mas eu até penso em casar. Na verdade, eu quero. É uma celebração. Até porque eu tenho muitos amigos, e não quero fazer um negócio de “vamos jantar ali”. Tem que esperar que um dia chega, naturalmente [risos].

Após seis anos em regime de coabitação, ele se considera casado, mesmo não tendo oficializado a união. No entanto, pretende fazê-lo.

c) Trabalho

Conversei com Bruno acerca do trabalho feminino e da divisão de tarefas em casa. Queria conhecer como ele se sente e se posiciona diante dessas questões.

(ENTREVISTADOR: O que você pensa sobre a igualdade de posições entre o homem e a mulher no relacionamento?)

Bruno: Eu entendo de repente a situação em que tem a mulher, que o homem sustenta. Por exemplo, se eu ganhasse trinta mil, eu sustentaria minha mulher sem problemas.

Bruno gostaria de ocupar a posição de homem provedor, que sustenta a mulher e a família. Contudo, ele considera que, para isso, seria necessário encontrar-se em uma situação ideal, em que ganhasse uma quantia considerável para que não houvesse necessidade da companheira trabalhar.

Contraditoriamente, no decorrer da entrevista, Bruno afirma que é importante para o casal que a mulher trabalhe, não apenas pela questão financeira. No entanto, termina novamente se posicionando contra o trabalho feminino.

(ENTREVISTADOR: Você gostaria que ela não trabalhasse fora?)

Bruno: Não... Até porque acho que ajuda a pessoa a vir pra casa, querer largar o trabalho pra vir pra casa. Se a mulher trabalha em casa, ela não consegue largar o trabalho pra viver outro momento e relaxar. Se os dois trabalham fora, a gente consegue gerenciar até o espaço de casa. Sem falar que dá mais saudade. Eu acho que pode ter isso. A mulher que fica em casa, ela vive o trabalho o tempo inteiro. Se ela for trabalhar fora, eu acho que vai ter uma distância que pode ser bom pra ela... Mas não sei se eu queria que ela trabalhasse fora

ou dentro de casa. E também se eu ganhasse muito dinheiro, eu não teria problema em bancar. E o trabalho em casa, se der um problema, a mulher tem que conviver com aquilo e você não. É mais pesado pra mulher.

Retomemos essa questão. Bruno inicia sua fala dizendo que o trabalho é importante para o homem e a mulher, pois contribui também para um bom relacionamento. No caso da mulher, diz que ele é necessário não apenas por uma questão de ajudar na renda doméstica, mas para que a mulher se afaste de casa e participe de um outro contexto. Bruno fala que o fato de Andreia trabalhar e gostar do que faz ajuda no seu bem estar. No entanto, é possível perceber que, se Bruno tivesse uma alta renda mensal, ele desconsideraria essas suas ponderações, já que ele não vê problema em sustentar financeiramente Andreia.

(ENTREVISTADOR: E no caso de a mulher trabalhar e o homem não, ou a mulher ganhar mais que o homem. Como seria essa relação do homem não ser o provedor?)

Bruno: Eu acho que seria difícil eu me ver nessa situação de não ser o provedor. Mas eu tomaria a frente em outras coisas, como marcar viagens, fazer roteiros, pagar o tíquete do estacionamento, por exemplo. A mulher espera que o homem pelo menos compartilhe. Sem falar no fato de que, se der algum problema, quando a mulher banca o homem, ela cresce. Ela vê um outro homem próspero. Se ela te larga pelo outro, aí você vai fazer o quê? Acho que essa parte é que poderia incomodar.

Bruno se sente satisfeito na posição de provedor, que lhe confere poder e segurança. Sua mulher trabalha fora e contribui na questão financeira e para ele, isso não é ruim. Entretanto, se Andreia ganhasse mais do que ele, Bruno não se sentiria confortável na relação. Para ele, a mulher não tem o devido respeito por um homem que ganha menos que ela, ou que não esteja no seu nível. Na verdade, essa resposta reflete a insegurança que essa situação provocaria em Bruno, o que inclui a possibilidade de ser trocado por outro.

(ENTREVISTADOR: Como vocês fazem com relação às tarefas domésticas?)

Bruno: Ela é um monstro em casa, faz quase tudo. Antigamente, eu fazia mais coisas, consertava. Hoje em dia, eu pago 20 reais e o faz tudo resolve. Eu faço o que ela manda. Temos empregada pra faxina, arrumar a casa. Eu cozinho, ela não. Cozinho mais final de semana.

Durante a semana, a empregada deixa a comida pronta. Hoje, cheguei do trabalho e fui de bicicleta até o supermercado porque ela pediu. Ela gosta de um jeito. Tudo certo, arrumado. Toda semana, ela quer frutas, legumes, e ela banca, vai na feira... Se depender de mim, sou muito bagunçado. Já deixei telefone no congelador [risos]...

Quanto às tarefas domésticas, Bruno é bem categórico ao afirmar que ele e Andreia são parceiros nessa questão. Dividem as tarefas domésticas entre eles, fora o que é feito pela empregada doméstica.

d) História familiar

Conversei com Bruno sobre o relacionamento de seus pais, de modo a compreender a influência da história parental em sua relação com Andreia.

(ENTREVISTADOR: Vamos falar um pouco dos seus pais... Como é a relação deles?)

Bruno: Cara, até os meus 16 anos de idade, mais ou menos, eu não lembro direito... Meu pai era um cara festeiro, músico... Engenheiro, mas músico como hobby. Era boêmio. Aí, tinha umas festas que a gente ia embora antes. Ele ficava. Mas não lembro muito como era isso não. Mas, depois dos 35 anos, 40, do meu pai, ele foi ficando mais caseiro... Minha mãe começou a trabalhar e ganhou mais que meu pai. E aí começaram as crises de ciúme dele... Ficou muito obcecado na minha mãe, muito ciúme... Ela não podia chegar do shopping com a gente 10 horas da noite, que ele já ficava maluco... Ele tinha medo dela fazer as coisas que ele fazia, né?... É o que a gente sempre acreditou... E aí, isso fez com que a minha mãe terminasse com ele. Sendo que ele era apaixonado por ela. Chegou a esse ponto, deles se separarem.

Bruno esclarece que seu pai tinha uma mentalidade de ser o homem da casa, o provedor. Como boêmio, ele era mulherengo e conquistador, características do homem considerado “machão”. Quando ela passou a trabalhar e a ganhar mais do que ele, o pai de Bruno sentiu-se inseguro. Desenvolveu muito ciúme de sua mãe e tinha a fantasia de que poderia ser traído ou ser deixado. Essa insegurança também é presente na fala de Bruno, como visto anteriormente.

O comportamento do pai de Bruno levou à separação, ou seja, provocou exatamente o que ele tinha medo.

VI – Discussão dos Resultados

A análise do eixo masculinidade evidenciou conteúdos de falas semelhantes entre os entrevistados. Todos mencionaram como característica comum à masculinidade, ou ao que é “ser homem”, a função de provedor. Com algumas variações nas colocações e formas de se expressar, todos falaram que os homens são, já foram em uma época recente, ou deveriam ser (de forma idealizada) provedores. Seja da namorada, da esposa, ou da família.

A ideia do homem enquanto provedor é uma das características inerentes à constituição da subjetividade masculina, portanto, também se faz presente nos estudos sobre masculinidades. Nolasco (1993) e Badinter (1993) apontam para a constituição da masculinidade tradicional pautada pela relação direta com o trabalho, o sustento da família, bem como a afirmação da sexualidade através da virilidade. Connell (1995) atribui a esse modelo tradicional de configuração masculina uma marca dominante sobre as demais formas de masculinidades consideradas menores ou alternativas: a masculinidade hegemônica. Conforme apresentada anteriormente, a masculinidade hegemônica diz respeito a essa atribuição de poder pelos próprios homens sobre as mulheres e sobre outros grupos de masculinidades minoritárias, como os homens homossexuais ou até mesmo homens heterossexuais submetidos ao poder de outros homens (CONNELL, *ibid.*)

Nolasco (*ibid.*) diz que o “macho provedor” é um atributo ainda fortemente associado à identidade masculina, mas que vem encontrando dificuldades devido ao que, tanto ele como Badinter (*ibid.*), chamam de crise da masculinidade. De forma alguma eles pontuam esse processo como algo simples. O movimento de emancipação feminina, por exemplo, tem clara contribuição para a referida crise, quando as mulheres começaram a adquirir maior participação como força ativa no mercado de trabalho. Isso levou a uma divisão da

produtividade entre homens e mulheres e, em consequência, da posição de provedor doméstico. De acordo com o que foi demonstrado na revisão de literatura, os homens estão lidando com novos posicionamentos, o que configura a mencionada crise nas masculinidades. Novos sentidos são dados aos posicionamentos vigentes. É o que vimos no presente estudo. Alguns homens afirmaram que não são os únicos provedores, eles partilham o sustento doméstico. Disseram ainda que é importante, para a mulher e para o casal, que a companheira trabalhe, não apenas para a renda familiar, mas pelo bem-estar que proporciona a ela. Isso me leva a pensar que eles continuam apontando sua própria contribuição como a mais importante para o sustento da família. No entanto, muitos desses ainda gostariam de manter essa posição do “macho provedor”, confortável por ser conhecida e, logicamente, por ser dominante.

Uma forma encontrada pelos entrevistados de encontrarem um conforto na perda da posição de provedor é a manutenção da ideia do protetor. Ser protetor é uma das características atribuídas à condição masculina tradicional, em consonância com a noção de provedor. Perde-se um posicionamento e adapta-se a isso, embora essa adaptação acabe se tornando mais fácil pois não se perde todas as características tradicionais às quais se está acostumado.

Algumas falas do presente estudo, como a de Tiago, mostram que, por mais que ele não veja problema em dividir despesas do casal, ser sustentado por uma mulher o incomodaria. Essa situação o tiraria de uma posição social no qual julga confortável permanecer. Gilberto e Bruno foram mais além, ao dizerem que não teriam problema algum em permanecer na posição de provedor, e até gostariam disso. Considero que um dos fatores que reforçam esse posicionamento é a expectativa feminina de que os homens ocupem essa posição de provedor, conforme o discurso das mulheres participantes dos estudos de Féres-Carneiro (1997) e Rocha-Coutinho (2003).

Outro aspecto referente à masculinidade que se sobressaiu na fala dos entrevistados desse estudo foi a virilidade. Vimos que a ideia de “ser homem” está diretamente associada à capacidade de proporcionar prazer à mulher através do ato sexual. Por mais que os homens tenham dito que querem mulheres disponíveis e vivendo a dinâmica do casal em função deles, que lhes cuidem, pelo menos a metade dos entrevistados se preocupa em satisfazer a parceira sexualmente. Cabe lembrar, como vimos, que Connell (1995) e Bourdieu (2005) apontam para o fato da virilidade ser tradicionalmente associada a um instrumento de dominação social, seja sobre as mulheres ou até mesmo sobre outros grupos de homens, já que o homem é quem detém o poder, a potência – algo que lhe é naturalmente legitimado apenas pelo fato de ser homem, de ser *ativo* em sua sexualidade. O homem é o que penetra, o que desbrava, o que detém o conhecimento e a força para ser o dominante, portanto, o provedor, o responsável (CONNELL, 1995; GROSSI, 2004).

Isso nos remete a um outro aspecto subjacente à masculinidade: a fidelidade. Este foi um ponto de destaque em todas as entrevistas. Por quê subjacente a essas questões? No que concerne à masculinidade, a infidelidade masculina é um aspecto cultural, internalizado através da subjetividade social que, por sua vez, se reflete em características subjetivas individuais (REY, 2003). Assim, considera-se a infidelidade masculina como algo que é culturalmente permitido em uma relação conjugal. Essa permissividade é reflexo do pensamento patriarcal, tradicional, de características machistas, que coisificam as mulheres como objetos a serem conquistados, obtidos, acumulados (WELZER-LANG, 2001).

Apesar das transformações nos papéis masculino e feminino, até o momento presente, se constata a permanência de estereótipos sobre os sexos, como o do homem “galinha” e da mulher vítima, indefesa e frágil (GOLDENBERG, 2001). No meu estudo, três participantes se reconheceram como infiéis (“galinhas”) em seus relacionamentos. Goldenberg (2001, 2003) diz que essas transformações acontecem de acordo com um processo, em que papéis

tradicionais relativos ao masculino e ao feminino coexistem com novas representações de gênero, considerando-se outros aspectos como o do homem sensível e frágil e da mulher independente e autônoma. Pude perceber isso na fala de todos os homens entrevistados. Eles se apresentaram com características sensíveis, isto é, mais atribuídas às mulheres, apesar de se reconhecerem bastante machistas. O discurso de um deles, por exemplo, nos revela um homem que procura se posicionar entre a figura de homem tradicional, com uma visão machista de si, das pessoas e das relações, e de um homem sensível, que se sente responsável por cuidar das pessoas de uma forma geral, principalmente de sua companheira.

Dentro desse contexto sobre a masculinidade, a visão que os homens têm sobre as demandas femininas relacionadas a eles mais uma vez se aproxima das demandas e expectativas femininas mencionadas nos estudos de Féres-Carneiro (1997) e Rocha-Coutinho (2003). Além da segurança de um provedor, as mulheres também esperam encontrar no companheiro o carinho de um homem romântico, carinhoso e sensível. Goldenberg (2011) considera que as mulheres atualmente vivem uma ambiguidade, porque ainda valorizam traços como estabilidade, segurança, fidelidade, embora queiram também liberdade, experiência e espaço. Para ela, essas contradições causam muito sofrimento às mulheres. Ao mesmo tempo que elas têm desejo de liberdade, querem assegurar a intimidade. No meu estudo, além de companheirismo e romantismo, três participantes disseram ainda que as mulheres, em geral, querem homens que possuam características relacionadas a essa visão tradicional de masculinidade. Um deles, inclusive, argumentou que, antigamente, a noção de provedor era mais difundida e que hoje as mulheres querem mais um companheiro. Ele próprio, apesar de ser um exemplo de homem que não é o provedor da família, afirma que, se pudesse, manteria essa posição porque “foi criado assim”. Esse é um exemplo claro de uma das características do que Connell (1995) denomina “masculinidade hegemônica”.

Outra questão digna de discussão diz respeito às expectativas dos próprios homens sobre o que buscam para si em uma relação. Assim, poderemos compreender o posicionamento masculino nas relações conjugais, A maior parte dos entrevistados buscou uma mulher que estivesse disponível para satisfazer suas necessidades, para lhes cuidar. Um deles fala sobre querer uma mulher para ser uma companheira, para “crescerem juntos” e constituírem uma família. Essa fala reúne uma intercessão entre o pensamento tradicional do homem enquanto o chefe da família, responsável por constituí-la, bem como uma visão mais contemporânea de parceria, mais próxima da ideia de relacionamento puro de Giddens (1993), onde os relacionamentos não se pautam mais exclusivamente pela procriação, nem estritamente por convenções sociais, mas por uma ideia de felicidade compartilhada. Essa visão também está presente na fala de outro participante, em que a felicidade por si só é um ideal a ser alcançado na união amorosa. Os homens querem ser cuidados, não nasceram para viverem sozinhos, nem foram educados para isso. Essa questão da falta de preparo dos homens para a vida doméstica solitária, enquanto, por outro lado, se dedicam ao trabalho, foi demonstrada por Nolasco (1983) e posteriormente por Wang, Magalhães e Jablonski (2006), como sendo oriunda da criação dos pais. Alguns dos valores internalizados pelos homens entrevistados são provenientes da criação de cada um. Pessoas que tiveram uma criação de pais machistas desenvolveram a mesma forma de pensamento (ibid.)

Quanto ao trabalho feminino, os homens entrevistados demonstraram suas preferências por manterem sua posição de provedor, como já foi dito. As falas repercutiram como uma desvalorização do trabalho feminino em comparação com o masculino, no sentido de que a mulher pode até trabalhar fora, desde que não supere o homem. Nas vezes em que foi dito que a mulher deveria sim trabalhar fora de casa, logo em seguida era apresentada outra opinião do interlocutor, de que, caso não houvesse necessidade, ele não gostaria que a mulher trabalhasse. Nota-se uma contradição em seu discurso, embora seja a contradição justamente

uma das riquezas que se pode obter em uma pesquisa qualitativa. É característica humana assumir posicionamentos simultâneos e coexistentes, mesmo que contraditórios, visto que isso não necessariamente altera o curso de sua coerência.

A herança patriarcal ainda se mostra muito forte na nossa sociedade, mas o comportamento masculino está mudando. Os homens podem até se mostrar mais dispostos a ajudar nas tarefas domésticas, por exemplo, mas às mulheres, ainda é delegada a função do cuidado doméstico (ABOIM, 2010; ALMEIDA, 2007; JABLONSKI 2007). No entanto, uma espécie de mudança pode ser percebida, quando alguns entrevistados falam que o homem, que antigamente era apenas provedor, agora participa de algumas tarefas domésticas. Isso mostra flexibilidade por parte dos homens contemporâneos na busca de acompanhar as transformações sociais. Pode-se dizer que homens e mulheres ainda estão um tanto quanto incipientes com relação aos seus posicionamentos na relação afetiva do mundo contemporâneo, mas ambos já começam a mostrar flexibilidade com relação aos papéis tradicionalmente atribuídos a eles (JABLONSKI, 2010).

Cabe reiterar a opção por estudar configurações de masculinidade em homens que moram juntos com suas namoradas em coabitação, portanto, não casados. O fato de não estarem oficialmente casados lhes permite um afrouxamento desses relacionamentos amorosos (BAUMAN, 2004), de modo que coexistem, em um mesmo momento, diferentes vínculos afetivos. Os homens não estão mais solteiros, mas ainda não se consideram casados. Eles se reconhecem em um momento de transição, uma experimentação de uma nova realidade, uma vida a dois. Isto o permite oscilar e/ou transitar entre essas diferentes posições sociais. No meu estudo, todos os homens se referiram à experiência de coabitação, o “morar junto”, como uma espécie de *test-drive* para o casamento, para a vida conjugal definitiva. Bauman (2004), caracteriza a época contemporânea como “modernidade líquida”, pelo fato das pessoas buscarem os prazeres transitórios, efêmeros e imediatos, em detrimento de

comprometimentos, como o “casamento para toda a vida”. Os relatos dos homens que entrevistei mostraram que eles queriam ter um período de experimentação para avaliar o sucesso da relação, de modo a tomarem uma decisão definitiva quanto à oficialização da união. Vi que os homens queriam um vínculo afetivo duradouro, permanente... Pelo menos, até quando o considerassem satisfatório.

Uma situação que apareceu em apenas uma das entrevistas foi a união com presença ocasional de filhos do relacionamento anterior. Embora este não seja o foco do presente estudo, nem os entrevistados serem casados oficialmente, mas casais em coabitação, pude presenciar um relato de conflitos semelhantes aos vividos em recasamentos com a presença de filhos do relacionamento anterior. Hintz (2001) afirma que, quando há filhos do casamento anterior do parceiro, a tendência a conflitos é grande. Existe a possibilidade de ocorrer ciúmes e, até mesmo, competição entre filhos e o(a) novo(a) companheiro(a) pela atenção do elo em comum na nova família, de modo que há a necessidade de se estabelecer novas regras, direitos e deveres.

As características subjetivas de masculinidade influenciam as configurações de conjugalidades. Os homens, que são provenientes de uma cultura machista, em um mundo em transformação, apresentam uma flexibilização nos seus modos de pensar e agir. Suas posturas e posicionamentos são devidos tanto ao modo como se relacionam com suas parceiras, quanto às referências subjetivas de mundo decorrentes de suas experiências. Como a subjetividade individual faz parte de um processo constante de produção de novos sentidos, de forma dialética, a partir da experimentação do mundo (REY, 2003), é possível entender como homens, mulheres, seus posicionamentos, suas relações conjugais, criam novas significações, que passam a coexistir com os significados já existentes.

Considerações Finais

Contudo, antigas demandas atribuídas aos homens por eles mesmos e demandas direcionadas a eles que acreditam ser oriundas das mulheres, convivem com novas demandas provenientes das mencionadas mudanças sociais. As decorrentes das conquistas femininas nos últimos 50 anos vêm, de fato, contribuindo para transformações nas relações afetivo-sexuais (ou de como as pessoas se posicionam nas relações atuais). O campo de estudos sobre as masculinidades vêm contribuindo para elucidar como essas mudanças se relacionam com a subjetividade masculina.

De acordo com a visão dos homens, eles se reconhecem como sendo firmes, durões, trabalhadores, viris, provedores, protetores (categorias associadas aos modelos tradicionais de masculinidades) e afirmam que grande parte das mulheres ainda os quer assim. No entanto, novas características que os homens vêm desenvolvendo nas últimas décadas, como sensibilidade e uma maior capacidade para compreender e ajudar nos problemas domésticos cotidianos, por exemplo, mostram-se bem valorizadas pelas mulheres. Os homens se mostram mais flexíveis nos modos de se posicionarem em um relacionamento, embora essa mudança masculina não ocorra livre de tensões, nem de conflitos para os próprios homens e seus relacionamentos com suas parceiras. Essas transformações nas subjetividades, por fim, resultam em benefícios para a vivência da relação conjugal.

Com relação às expectativas dos homens em relação às mulheres e aos relacionamentos, pode-se perceber também uma coexistência entre características tradicionais e modernas. Os homens não se reconhecem como sexualmente fieis às mulheres em geral, embora afirmem que adquiriram uma fidelidade às suas parceiras atuais, que consideram suas companheiras em definitivo. Outro aspecto importante a ser destacado é que todos os homens entrevistados pretendem seguir o que consideram uma transição da coabitação para o

casamento. A instituição do casamento, portanto, está longe de ser descartada, assim como a visão tradicional de casal e família. Desse modo, pode-se concluir que tais transformações vivenciadas por homens e mulheres em suas relações afetivas contribuem para reforçar as instituições de casal e família presentes na sociedade. Mesmo que se desenvolvam novas formas de conjugalidades, se reformulem ou se mantenham as existentes, elas continuarão a existir, independentemente das transformações subjetivas em homens e mulheres.

Por fim, cabe destacar a importância para que se desenvolvam estudos sobre as novas masculinidades, considerando-se também a participação das mulheres nessas pesquisas. Os homens entrevistados afirmam que as mulheres parecem querer homens sensíveis, mas também provedores. Os homens, por sua vez, querem mulheres que mantenham características tradicionalmente femininas, pois dizem que isto os ajuda a suavizar suas pressões e cobranças do cotidiano. No entanto, acrescentam que também querem que as mulheres sejam firmes, trabalhem e possuam certo grau de independência. Nota-se, com isso, que tanto homens e mulheres buscam em seus respectivos parceiros atributos associados a ideias tradicionais e contemporâneas de masculinidade e feminilidade. Além disso, ambos desejam que seus parceiros tenham características masculinas e femininas, independentemente do gênero.

Referências bibliográficas

ABOIM, S. Masculinidades na encruzilhada: hegemonia, dominação e hibridismo em Maputo. **Revista Análise Social**, v.43, n.2, Lisboa, 2008. p.273-295.

ABOIM, S. Gênero, família e mudança em Portugal. In: WALL, K.; ABOIM, S.; CUNHA, V. (Orgs.) **A vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades**. Comissão para a igualdade no mercado de trabalho. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 2010. p.39-66.

ALMEIDA, L. S. Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, v.9, n.2, Jul/Dez 2007. p.411-422.

_____. Working mothers and their multivoiced self. **Revista Colombiana de Psicología**, v.21, n.2, 2012. p.312-322.

ALMEIDA, L. S.; ELTINK, C.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Significações, relações e construção da subjetividade na creche**. 2002. Disponível na internet em: <www.eicos.psycho.ufrj.br/anexos/arts.htm> Acesso em 04 nov 2011.

ALMEIDA, L. S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Indicadores afetivos do processo de vinculação entre bebês e educadoras de creche. Em: Camarotti, M.C. (org.). **Atendimento ao bebê – uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

AMAZONAS, M. C. L. A. et al. Arranjos familiares de crianças das camadas populares. **Psicologia em estudo**, v.8, 2003. p.11-20.

AMORIM, K. S. **Concretização de discursos e práticas histórico-sociais em situações de frequência de bebês à creche**. Tese (Doutorado em Saúde Mental) USP, FMRP, Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental. 2002.

AMORIM, K.S. et al. Processos de adaptação de bebês à creche. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al (org.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p.137-156.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: LiberLivros, 2005.

ARÁN, M.; CORRÊA, M. V. Sexualidade e política na cultura contemporânea: o reconhecimento social e jurídico do casal homossexual. **PHYSIS: Revista saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.14, n.2, 2004. p.329-341.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARILHA, M.; RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (Orgs.) Homens e masculinidades: outras palavras. São Paulo: ECCOS/Editora 34, 1998.

AZEVEDO, T. **As regras do namoro a antiga: aproximações socioculturais**. São Paulo: Ática, 1986.

BADINTER, E. **XY: Sobre a Identidade Masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BÉJIN, A. O casamento extraconjugal dos dias de hoje. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (orgs.) **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.183-193.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.16, n.3, 2000.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M.; SIMIONATO-TOZO, S.M. P.; SAGIM, M. B. Valores e práticas – permanências e mudanças – estudo de famílias trigeracionais. **Família, Saúde e Desenvolvimento**, Curitiba, v.8, n.1, jan/abr 2006. p.26-31.

BILAC, E. D. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil: notas muito preliminares. In: RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. T. (Orgs.). **Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995. p. 43-61

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 4ª Ed, 2005.

BOZON, M. Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. **Cadernos Pagu**, v.20, 2003. p.131-156.

BUFFON, R. **Encontrando o "Homem Sensível"? Reconstruções da Imagem Masculina em um grupo de homens das camadas médias intelectualizadas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Florianópolis, PPGAS/UFSC, 1992.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CASTELO BRANCO, P. V. O mundo do trabalho e a construção das identidades de gênero no início do século XX. In: MONTENEGRO, A. T.; NETO, R. B. G.; ACIOLI, V. L. C. (Orgs.) **História, cultura, trabalho: questões da contemporaneidade**. Recife: Universitária UFPE, 2011. p.227-245.

CASTORIADIS, C. Para si e subjetividade. In: PENA-VEGA, A.; NASCIMENTO, E. P. **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

CHAVES, J. C. **"Ficar com": um novo código entre jovens**. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

DIAS, M. V. **Casamento e coabitação: imaginário e cotidiano**. PUC-Rio. Dissertação (Mestrado em Psicologia), 1995.

ENNES, P. A união estável e suas implicações na vida cotidiana. **Revista Eletrônica**, v.17, 2006.

FÉRES-CARNEIRO, T. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v.10, n.2, 1997. p.351-368.

_____. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v.11, n.2, 1998. p.379-394.

FÉRES-CARNEIRO, T.; ZIVIANI, C. Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p.83-108.

FROTA, L. M. **Mães antes do tempo: a construção da maternidade em adolescentes de classe média**. Rio de Janeiro: UFRJ/EICOS, 2003. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social).

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo, UNESP, 1993.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, São Paulo, EAESP/FGV, mai/jun 1995. Disponível na internet em <<http://www.producao.ufrgs.br>> Acesso em 18 jan 2012.

GOLDENBERG, M. Sobre a invenção do casal. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, vol.1, n.1, 2001. p.89-104.

_____. Novas famílias nas camadas médias urbanas. In: **Terceiro Encontro de Psicólogos Jurídicos**. Rio de Janeiro, RJ: Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, 2003. p.18-26.

_____. **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **Intimidade**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **De perto ninguém é normal: estudos sobre o corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GROSSI, M. P. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão**. Florianópolis, UFSC, 2004. p.1-37. Disponível na internet em <www.antropologia.ufsc.br> Acesso em 13 nov 2011.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografia do desejo**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HINTZ, H. C. Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. **Pensando famílias**, n.3, p.8-61, Porto Alegre: Domus, 2001.

JABLONSKI, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v.30, n.2, 2010, p.262-275.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, v.17, n.1, 2005. p.61-77.

KAUFMANN, J. C. **Sociologie du couple**. Paris: PUF, 1995.

KIMMEL, M. S. Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina. In: VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (Orgs.) **Masculinidade/s: poder y crisis**. Chile: FRACSO- Isis Ediciones de las mujeres, n.24, 1997.

LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração – A família: santuário ou instituição sitiada?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LINS, R. N. **O livro do amor, vol. 2**. Rio de Janeiro: Best Seller Ltda., 2012.

MATOS, M. S.; FÉRES-CARNEIRO, T.; JABLONSKI, B. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares. **Interação**, v.22, n.2, 2005. p.133-141.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, v.16, n.3, Florianópolis, set/dez 2008. Disponível na internet em <www.scielo.br> Acesso em 14 nov 2011.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento – Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 4a ed. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1996

_____. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 17ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONTEIRO, M. Corpo e masculinidade na revista VIP Exame. **Cadernos Pagu**. n.16, 2001, p. 235-266.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993

OLAVARRÍA, J. Globalización, gênero y masculinidades: las corporaciones transnacionales y la producción de productores. **Nueva Sociedad**, n.218, Nov/dez 2008. Disponível na internet em <www.nuso.org> Acesso em 03 jan 2012.

PEREIRA, R. C. **Concubinato e união estável**. Belo Horizonte: Del Rey, 2002.

PETRINI, J. C. **Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão**. Bauru: EDUSC, 2003.

REY, F. L. G. La subjetividad: su significación para la ciencia psicológica. In: FURTADO, O.; REY, F. L. G. (orgs.). **Por uma Epistemologia da Subjetividade: um debate entre a Teoria Sócio-Histórica e a Teoria das Representações Sociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 20-42.

_____. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____. **O social na psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

RIBEIRO, R. M. F. **Adoção emocional: um estudo sobre a construção das relações afetivas entre padrastos/madrastas e enteados em famílias de recasamento**. Rio de Janeiro: UFRJ/EICOS, 2005. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social).

ROCHA-COUTINHO, M. L. Quando o Executivo é uma "Dama": Mulher, Carreira e Relações Familiares. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e Casal: Arranjos e Demandas Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Edições Loyola/PUC-Rio, 2003, p. 57-77.

_____. De volta ao lar: mulheres que se afastaram de uma carreira profissional para melhor se dedicar aos filhos. Retrocesso ou um "novo" modelo de família? In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, p.219-235.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K.; SILVA, A.; CARVALHO, A. (orgs.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, W. T. M. Modelos de masculinidade na percepção de jovens homens de baixa renda. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n.27, jul./dez. 2007. p.130-157.

SARTI, C. A. O valor da família para os pobres. In: RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. T. (Orgs.). **Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995. p.131-150.

SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SKINNER et al. Cohabitation, marriage and remarriage: a comparison of relationship quality over time. **Journal of Family Issues**. v.23, 2002. p.74-90.

SOUZA, J. L. Migrações invertem o sinal. **Desafios do Desenvolvimento**. Brasília: IPEA, 2007, a.4, ed.37. p.20-26.

SPANIER, G. B. Married and unmarried cohabitation in the United States: 1980. **Journal of marriage and the family**. v.45, n.2, 1983. p.84-101.

VELHO, G. Parentesco, individualismo e acusações. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 6a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALL, K.; ABOIM, S.; CUNHA, V. (Orgs.) **A vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades**. Comissão para a igualdade no mercado de trabalho. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 2010

WANG, M. L.; JABLONSKI, B.; MAGALHÃES, A. S. Identidades masculinas: limites e possibilidades. In: **Psicologia em Revista**, v. 12, n. 19, 2006, p. 54-65.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**. 2º semestre, 2011, p.460-482.

WENDLING, M. I. **O casamento na contemporaneidade: construindo espaços para o eu e o nós na relação**. 2006. Disponível na internet em: <http://www.domusterapia.com.br/principal/ShowMateria.asp?var_chavereg=130> Acesso em 10 dez 2011.

WILI, J. A construção diádica da realidade. In: ANDOLFI, M. (org.) **O casal em crise**. São Paulo: Summums editorial, 1995.

ZAMBERLAN, M. A. T.; CAMARGO, F.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Interações na família: Revisões empíricas. In: ZAMBERLAN, M. A. T.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (orgs.). **Interações familiares: Teoria, pesquisa e subsídios à intervenção**. Londrina: UEL, 1997. p. 39- 57.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Rafael Luiz Marques de Abreu, estudante do Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, do Instituto de Psicologia da UFRJ, estou desenvolvendo uma dissertação sobre o relacionamento entre casais. O objetivo de meu estudo é conhecer os modelos de casais atuais da classe média, morando juntos, residentes nos bairros da zona sul do município do Rio de Janeiro.

Esta investigação se justifica pelo fato de que há diferentes tipos de configurações conjugais na atualidade, já que os mesmos são construídos a partir da história social e dos valores que estruturam os diversos arranjos familiares nas diferentes camadas sociais. É preciso conhecê-los para que se possa identificar as necessidades das famílias e planejar ações voltadas para seu benefício.

A coleta de dados será conduzida através de entrevistas individuais com pessoas maiores de idade. Essas entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas para serem analisadas, mantendo-se o anonimato do entrevistado. A participação do indivíduo é voluntária e a ele serão fornecidos todos os esclarecimentos que se façam necessários e assegurado o sigilo absoluto dos dados obtidos, de modo que as opiniões emitidas na entrevista estarão sob meus cuidados e seu nome será trocado em todas as publicações referentes à mesma.

Eu _____ concordo em participar da pesquisa acima referida.

Rio de Janeiro (RJ), ___/___/_____

Assinatura do participante

Assinatura do responsável pela coleta de dados

E-mail para contatos: rafael.luiz@ufrj.br

APÊNDICE 2

ROTEIRO DA ENTREVISTA

DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS:

NOME:

IDADE:

PROFISSÃO:

RENDA FAMILIAR APROXIMADA:

LOCAL DE RESIDÊNCIA:

- Onde vocês moram?
- Quantos anos tem a sua companheira?
- Onde você nasceu?
- Como você conheceu sua companheira?
- Há quanto tempo vocês estão morando juntos?
- O que é o “morar junto” para você?
- Qual a vantagem de se morar junto antes de casar?
- Antes de morar com ela você já teve outra companheira?
- E namoradas?
- Qual o tempo de duração da relação conjugal anterior? E dos namoros?
- O que é para você uma relação afetiva?
- O que você acha que as mulheres buscam em uma relação? O que elas esperam do homem em uma relação?
- O que você já ouviu de demandas, queixas, reclamações de outras mulheres a seu respeito?
- E os homens? O que eles buscam em uma relação?
- Namorar é diferente de morar junto. Como era quando você namorava? A relação era diferente?
- Como vocês lidam com os conflitos que surgem no dia-a-dia?
- Você já traiu alguma namorada? E companheira?
- Por que um homem trai?
- Falando de fidelidade, você considera que existem diferenças entre a fidelidade masculina e a feminina?
- Você acha que pode existir mais de um tipo de namoro? Exemplifique.
- Para você, qual o objetivo de se estar em uma relação? Isso, tanto no caso do homem quanto da mulher?
- Vamos falar um pouco dos seus pais... Como é a relação deles?
- Você acha que homens e mulheres entram em uma relação por motivos diferentes?
- Você pretende casar? Com sua companheira?
- O que você pensa sobre a igualdade de posições entre o homem e a mulher no relacionamento?
- Você acha que a mulher deve trabalhar?
- A mulher pode ter um salário maior do que o do companheiro?
- Sua mãe trabalhava?
- O que seu pai pensava sobre o fato de sua mãe trabalhar?
- Quanto à rotina na sua casa. Há uma divisão de tarefas domésticas entre você e a sua companheira?
- Para você o que define um homem? O que é ser homem? O que é masculinidade para você?

- O que define uma mulher? O que é feminilidade?
- O que os homens querem das mulheres?
- O que as mulheres querem dos homens?